

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

ANA GERMANA PONTES RODRIGUES

***RAMO RÊ SE RAI DÁ CERTO: o enfraquecimento da fricativa /v/
no falar de Fortaleza***



FORTALEZA – CEARÁ

2013

ANA GERMANA PONTES RODRIGUES

RAMO RÊ SE RAI DÁ CERTO: o enfraquecimento da fricativa /v/ no falar de Fortaleza

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada (Área de Concentração: Linguagem e Interação)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aluiza Alves de Araújo.

FORTALEZA – CE
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Biblioteca Central Prof. Antônio Martins Filho
Bibliotecário (a) Leila Cavalcante Sátiro – CRB-3 / 544

R696r Rodrigues, Ana Germana Pontes.
 RAMO RÊ SE RAI DÁ CERTO: o enfraquecimento da fricativa /v/ no falar de Fortaleza / Ana Germana Pontes Rodrigues. — 2013.
 CD-ROM 170f. : il. (algumas color.) ; 4 ¾ pol.

 “CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico, acondicionado em caixa de DVD Slin (19 x 14 cm x 7 mm)”.

 Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2013.

 Área de Concentração: Linguagem e Interação.
 Orientação: Prof^a. Dr^a. Aluiza Alves de Araújo.

 1. Enfraquecimento da fricativa /v/. 2. Sociolinguística variacionista.
 3. Falar de Fortaleza. I. Título.

CDD: 418

ANA GERMANA PONTES RODRIGUES

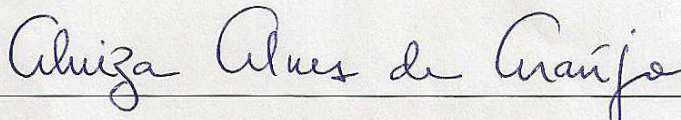
RAMO RÊ SE RAI DÁ CERTO: o enfraquecimento da fricativa /v/ no falar de Fortaleza

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada (Área de Concentração: Linguagem e Interação).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Aluiza Alves de Araújo.

Aprovada em: 23/04/2013.

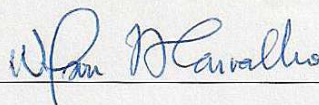
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Aluiza Alves de Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará - UECE



Prof.^a Dr.^a Hebe Macedo de Carvalho
Universidade Federal do Ceará - UFC



Prof. Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho
Universidade Estadual do Ceará - UECE

Aos informantes do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza, que, com suas histórias, fortaleceram ainda mais o amor que eu tenho por esta cidade e pela sua língua.

Aos colegas linguistas que ainda têm “coragem” de fazer pesquisa na área de descrição e análise linguística.

Aos professores que me incentivaram a fazer este tipo de pesquisa e que vêm me acompanhando desde a graduação, especialmente Aluiza Alves de Araújo, Antonia Dilamar Araújo, Bôsko Luna, Hebe Macedo de Carvalho, Maria do Socorro Silva de Aragão e Márluce Coan.

A todos que me “aturaram” durante esse período sacrificante e feliz, especialmente os meus amigos, a minha família e a família Bittar Léo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me proteger e me proporcionar virtudes necessárias para conseguir alcançar mais este objetivo.

Aos meus pais, pela vida, pela casa, pela comida (deliciosa) e pela roupa lavada (e cheirosa).

Ao meu irmão historiador que, apesar de ainda não compreender bem os objetivos da Linguística (embora eu já tenha procurado explicar inúmeras vezes), sempre me incentivou a estudar e sempre com muito amor.

A todos os meus familiares, especialmente Suelen, Geraldo Neto, Ana Paula e Natália, pelo carinho, pela compreensão, pela paciência.

Aos meus professores, já citados na dedicatória, pelo carinho, pela paciência e pela atenção que sempre tiveram comigo e com esta pesquisa (ao lerem e darem preciosos conselhos).

A minha adorável orientadora, professora Dr.^a Aluiza Alves de Araújo, que foi mais uma coautora do que orientadora deste trabalho, que, antes mesmo de se tornar professora do PosLA (Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada), já havia me incentivado a investigar o fenômeno que agora exponho. Sem você, sem a sua amizade, sem o seu apoio incondicional, sem suas sugestões, sem suas instruções imprescindíveis sobre o programa GoldVarb X, sem suas observações sobre cada linha que eu escrevo, não sei se eu conseguiria fazer esta pesquisa.

À professora Dr.^a Hebe de Carvalho e ao professor Dr. Wilson Carvalho, pelas indispensáveis contribuições para a versão final desta dissertação.

Ao professor Ms. José Alber Uchoa, por ter carinhosamente cedido o relatório sobre o *Enfraquecimento das fricativas sonoras*, cuja contribuição para as nossas análises foi absolutamente precisa.

Ao professor Dr. Mário Viaro, por ter atendido prontamente ao e-mail que lhe enviei solicitando o seu artigo *Ramo lá, carralo réio*, que enriqueceu nossas análises.

Aos colegas pesquisadores, Ms. Ronaldo Pelicioli e Dr. Gredson dos Santos, que me enviaram textos basilares a respeito da aspiração no português do Brasil.

Aos informantes do projeto NORPOFOR, com quem só tive contato “de oitiva”, mas sem os quais esta pesquisa não teria sido possível, pela receptividade e disponibilidade de participar das entrevistas.

Aos colegas do Grupo de Pesquisas Sociolinguísticas (Sociolin-CE) da UFC, por terem acompanhado minhas primeiras leituras labovianas, por terem conhecido este projeto de pesquisa e terem me incentivado a continuar estudando esta área.

Aos colegas Gustavo Azuaga, Aline Rodrigues e Sergiano Alcântara que, no meio de suas viagens para Salvador, João Pessoa e Rio de Janeiro, respectivamente, me fizeram o enorme favor de tirar cópia das dissertações de Maria Canovas e de Sandra Marques e da tese de Dinah Callou.

A todos os colegas do PosLA que pude conhecer melhor durante as aulas de 2011, pelo carinho e pelos “aconselhamentos acadêmicos” que me dedicam.

Aos coordenadores e funcionários do PosLA (em especial, Keiliane e Pablo), pela atenção, pelo respeito e carinho que sempre me concederam.

À colega de pesquisa, irmã de orientação, companheira de Congresso e entendedora das aflições e das emoções, Tatiane Almeida Guimarães, pelo carinho, pelos conselhos, pelo presente (*Sociolinguística Quantitativa*).

Ao Marcelo, por estar presente em minha vida nestes dois últimos anos, pelo carinho, pelo apoio, pelas conversas de todos os dias.

A todos os meus amigos, pelo carinho, pelos momentos de alegria, de aprendizado e de compreensão (principalmente devido à minha ausência nos últimos dois anos): Humberto, Viviane, Aline, Herica, Paulo, Eveline, Nelson, Rafaella, Karym, Kélvia, Fernando. E ainda aos amigos Tiago, Mairton, Moacir, Rodrigo, Renata, Elano, pelos momentos de muito *metal* (\,/) e carinho, imprescindíveis na minha vida.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), pela bolsa concedida durante os dois anos de pesquisa.

“Volta pra casa,
Fim da viagem:
Bem vinda à vida real
[...]
Na santa paz de Deus
No mais perfeito caos.”

Humberto Gessinger (Engenheiros do Hawaii)
(*Simples de Coração*).

“Trata-se de um modelo teórico-metodológico que assume o ‘caos’ linguístico como objeto de estudo”.

Fernando Tarallo
(*A pesquisa sociolinguística*, 1990, p. 6)

RESUMO

Sob a perspectiva teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista, este estudo aborda, no falar popular de Fortaleza, um fenômeno bastante recorrente: o enfraquecimento da fricativa /v/, cuja realização ocorre tanto com [v] (manutenção) quanto com [h] (aspiração), como em [v]ai ~ [h]ai e ta[v]a ~ ta[h]a. Esse fenômeno tem registros, no falar cearense, desde 1937, e continuou sendo relatado, inclusive, por pesquisadores de outros Estados, principalmente do Nordeste, que registraram essa mesma realização variável em suas cidades. A escolha desse tema justifica-se, primeiramente, pelo fato de o aspecto fonético ser um dos que mais rapidamente revelam as variações linguísticas. Também, por estarmos descrevendo a língua em uso, este trabalho pode contribuir para o ensino de língua materna e estrangeira, ao colaborar para o desenvolvimento da competência comunicativa e ao proporcionar a professores e alunos um melhor conhecimento da diversidade linguística local. O objetivo geral deste trabalho é analisar o efeito de fatores linguísticos (contextos fonológicos precedente e subsequente, tipo de sílaba, tonicidade, *status* morfológico do segmento, dimensão do vocábulo, classes de palavras, grupo fônico, frequência de uso do segmento) e sociais (gênero/sexo, faixa etária, escolaridade, monitoramento estilístico) sobre a realização variável da fricativa /v/ na comunidade de fala fortalezense. Assim, esses condicionamentos foram testados em uma amostra constituída por 48 informantes, proveniente do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR). Transcrevemos mais de 20 horas de gravações, obtendo-se um total de 11.017 ocorrências de /v/. Os dados foram submetidos ao programa de análise estatística GoldVarb X (2005) e a interpretação de seus resultados revelou que, das variáveis linguísticas, a mais selecionada foi a frequência de uso, que confirmou nossa hipótese inicial de que quanto mais usual, maior será a probabilidade de um termo enfraquecer; o contexto fonológico subsequente também foi bastante recorrente em nossas análises e, com ele, comprovamos a hipótese de que a vogal [a] seria bastante favorável ao enfraquecimento de /v/, e isso aconteceu não apenas nos contextos em que o morfema /ava/ do pretérito imperfeito do indicativo estava presente. Das variáveis sociais, as mais relevantes foram a faixa etária e a escolaridade. Em relação à primeira, os maiores índices com a variante aspirada ocorreram, preferencialmente, na faixa de 50 anos ou mais, o que confirmou nossa hipótese inicial. Quanto à escolaridade, os resultados apontaram uma atuação positiva ao enfraquecimento de /v/ entre os informantes com escolaridade de 0 a 4 anos, o que reforçou a hipótese de que a variante aspirada é estigmatizada na comunidade de fala fortalezense. Dessa forma, os resultados dessas duas variáveis nos apontaram indícios de uma mudança em progresso. Ao compararmos o comportamento desse fenômeno em Fortaleza com o de outras cidades, como Salvador e João Pessoa, verificamos que, em cada uma delas, esse processo encontra-se em diferentes estágios de implementação. Enfim, acreditamos que a aspiração de /v/ seja uma das peculiaridades do falar fortalezense, que enriquece os elementos sócio-culturais que caracterizam esta comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Enfraquecimento de /v/. Sociolinguística variacionista. Falar de Fortaleza.

ABSTRACT

Under the perspective theoretical and methodological of Sociolinguistics Variationist, this study presents a fairly frequent phenomenon in Fortalezaense talk: the weakening of the fricative /v/, whose realization occurs with both [v] (maintenance) and with [h] (aspiration, reification, glottalization or weakening), as in [v]ai ~ [h]ai and ta[v]a ~ ta[h]a. This phenomenon has records in Ceará speaking, since 1937, and continued to be reported, even by researchers from other states, mostly in the Northeast, which recorded that same realization variable in their cities. The choice of this topic is justified, first, because the phonetic aspect is one of the most rapidly reveal the linguistic variations, both the diatopics as the diastratics. Also, because we are describing the language in use, this work may contribute to the teaching of native language and foreign language, to collaborate in the development of communicative competence and to provide teachers and students a better understanding of local linguistic diversity. The general goal of this work is to analyze the effect of linguistic factors (phonological contexts preceding and subsequent, type of syllable, tone, morphological *status* of the segment, size of vocable, word classes, phonic group, frequency of use of the segment) and socials (gender/sex, age, education, stylistic monitoring) on the achievement variable of fricative /v/ in the Fortalezaense speech community. Thus, these constraints were tested on a sample of 48 informants, from project Standard Oral of Popular Portuguese from Fortaleza (NORPOFOR). We transcribed over 20 hours of recordings, yielding a total of 11,017 events of /v/. The data were submitted to program statistical analysis Goldvarb X (2005) and the interpretation of their results revealed that, of the linguistic variables, the most selected was the frequency of use, which confirmed our initial hypothesis of that as more usual, more will be the probability of a term weaken; the phonological contexts subsequent was also fairly frequent in our analysis and, with him, proved the hypothesis that the vowel [a] would be very favorable to the weakening of /v/, and this happened not only in contexts where the morpheme /ava/ of the imperfect indicative was present. Of social variables, the most relevant were age and education. Regarding the first, the highest rates with the aspirated variant, occurred, preferably, in the range of 50 years or more, which confirmed our initial hypothesis. Regarding education, the results indicated a positive role to the weakening of /v/ among informants with schooling of 0-4 years, which strengthened the hypothesis that the aspirated variant is stigmatized in the Fortalezaense community speaks. Thus, the results of these two variables showed us evidence of a change in progress. When comparing the behavior of this phenomenon in Fortaleza with other cities, such as Salvador and João Pessoa, we find that, in each of them, this process is in different stages of implementation. Finally, we believe that the aspiration of /v/ is one of the peculiarities of Fortalezaense speech, which enriches the socio-cultural elements that characterize this community.

KEYWORDS: Weakening of /v/. Variationist sociolinguistics. Speaking of Fortaleza.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Atuação do contexto fonológico subsequente sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais	77
Tabela 2	Atuação da tonicidade sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais	79
Tabela 3	Atuação das classes de palavras sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais	80
Tabela 4	Atuação da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais	82
Tabela 5	Atuação da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais	84
Tabela 6	Atuação da frequência de uso sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais	86
Tabela 7	Atuação do monitoramento estilístico sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais	87
Tabela 8	Atuação do contexto fonológico precedente sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais	89
Tabela 9	Atuação do gênero/sexo sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais	91
Tabela 10	Atuação da frequência de uso sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais após os cruzamentos entre escolaridade, faixa etária e gênero	97
Tabela 11	Atuação da dimensão do vocábulo sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra	102
Tabela 12	Atuação da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra	103
Tabela 13	Atuação da frequência de uso sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra	103
Tabela 14	Contexto fonológico subsequente x frequência de uso sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra	105
Tabela 15	Atuação da tonicidade sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra	106
Tabela 16	Atuação da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra	106
Tabela 17	Atuação do contexto subsequente sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra	107
Tabela 18	Atuação da frequência de uso sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra após o cruzamento	109
Tabela 19	Atuação da tonicidade sobre o enfraquecimento de /v/ sobre os termos extremamente usuais em início de palavra	111
Tabela 20	Atuação da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ nos termos extremamente usuais em início de palavra	111
Tabela 21	Atuação da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra	112
Tabela 22	Atuação do tipo de sílaba sobre o enfraquecimento de /v/ nos termos extremamente usuais no início de palavra	112
Tabela 23	Dimensão do vocábulo x tipo de sílaba sobre o enfraquecimento de	

	/v/ nos termos extremamente usuais no início de palavra	112
Tabela 24	Atuação do contexto fonológico subsequente sobre o enfraquecimento de /v/ em início de palavra só com os verbos	115
Tabela 25	Atuação da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ em início de palavra só com os verbos	116
Tabela 26	Atuação da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ só com os verbos	116
Tabela 27	Atuação da dimensão do vocábulo sobre o enfraquecimento de /v/ só com os verbos	117
Tabela 28	Atuação da frequência lexical sobre o enfraquecimento de /v/ só com os verbos	117
Tabela 29	Atuação do monitoramento estilístico sobre o enfraquecimento de /v/ só com os verbos	118
Tabela 30	Atuação da tonicidade sobre o enfraquecimento de /v/ só com os verbos	118
Tabela 31	Atuação do contexto fonológico subsequente só para os verbos após o cruzamento – faixa etária x escolaridade	119
Tabela 32	Atuação do tipo de sílaba sobre o enfraquecimento de /v/ entre os verbos após o cruzamento - faixa etária x escolaridade	121
Tabela 33	Contexto fonológico subsequente x tonicidade sobre o enfraquecimento de /v/ nos verbos após o cruzamento – faixa etária x escolaridade	121
Tabela 34	Contexto fonológico subsequente x tipo de sílaba sobre o enfraquecimento de /v/ nos verbos após o cruzamento - faixa etária x escolaridade	122
Tabela 35	Tonicidade x tipo de sílaba sobre o enfraquecimento de /v/ nos verbos após o cruzamento - faixa etária x escolaridade	122
Tabela 36	Atuação da variável grupo fônico sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico	125
Tabela 37	Atuação das classes de palavras sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico	126
Tabela 38	Atuação da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico	126
Tabela 39	Atuação da frequência de uso sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico	127
Tabela 40	Atuação do monitoramento estilístico sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico	127
Tabela 41	Atuação da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico	128
Tabela 42	Atuação do contexto fonológico subsequente sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico	128
Tabela 43	Atuação do gênero/sexo sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico	129
Tabela 44	Atuação do <i>status</i> morfológico do segmento sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico	129
Tabela 45	Atuação da dimensão do vocábulo sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico	130
Tabela 46	Atuação da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/	133
Tabela 47	Atuação do monitoramento estilístico sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/	133

Tabela 48	Atuação da frequência de uso sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/	133
Tabela 49	Atuação da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/	134
Tabela 50	Atuação do tipo de sílaba sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/	135
Tabela 51	Atuação do gênero/sexo sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/	135
Tabela 52	Atuação da dimensão do vocábulo sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/	136
Tabela 53	Dimensão da palavra x tipo de sílaba sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/	136
Tabela 54	Atuação da frequência de uso sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/	140
Tabela 55	Atuação do contexto fonológico precedente sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/	141
Tabela 56	Atuação da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/	141
Tabela 57	Atuação da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/	142
Tabela 58	Atuação do gênero/sexo sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/	142
Tabela 59	Atuação do contexto fonológico subsequente sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/	143

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Distribuição dos informantes da amostra por gênero/sexo, idade, tipo de registro e escolaridade	59
Quadro 2	Distribuição dos informantes da amostra por nº do inquérito / gênero, bairro / Secretaria Executiva Regional (SER), profissão / idade e escolaridade	60

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Distribuição das ocorrências por variante no contexto início de palavra e entre vogais antes da retirada dos nocautes	75
Gráfico 2	Distribuição das ocorrências por variante no contexto início de palavra e entre vogais após retirada dos nocautes	77
Gráfico 3	Pesos relativos da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ no estudo de Marques (2001) e nesta pesquisa	83
Gráfico 4	Pesos relativos da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ no estudo de Roncarati e Uchoa (1988) e nesta pesquisa	85
Gráfico 5	Pesos relativos da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ no estudo de Marques (2001), no de Roncarati e Uchoa (1988) e nesta pesquisa ...	86
Gráfico 6	Pesos relativos do cruzamento – faixa etária x escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais	94
Gráfico 7	Pesos relativos do cruzamento – faixa etária x gênero/sexo sobre o enfraquecimento de /v/ em início de palavra e entre vogais	96
Gráfico 8	Pesos relativos do cruzamento – escolaridade x gênero/sexo sobre o enfraquecimento de /v/ em início de palavra e entre vogais	98
Gráfico 9	Distribuição das ocorrências por variante no contexto /v/ início de palavra após retirada dos nocautes	100
Gráfico 10	Pesos relativos do cruzamento – faixa etária x escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra	109
Gráfico 11	Distribuição das ocorrências por variante no contexto /v/ início de palavra somente para os termos extremamente usuais após retirada dos nocautes	110
Gráfico 12	Pesos relativos do cruzamento – faixa etária x escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ nos termos extremamente usuais no início de palavra	114
Gráfico 13	Distribuição das ocorrências por variante no contexto /v/ início de palavra somente com os verbos após retirada dos nocautes	115
Gráfico 14	Pesos relativos do cruzamento – faixa etária x escolaridade no enfraquecimento de /v/ apenas com verbos	120
Gráfico 15	Distribuição das ocorrências por variante no contexto /v/ intervocálico após retirada dos nocautes e exclusão da variável contexto fonológico precedente	125
Gráfico 16	Distribuição das ocorrências por variante somente para o imperfeito /ava/	131
Gráfico 17	Pesos relativos do cruzamento – escolaridade x gênero/sexo no enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/	137
Gráfico 18	Pesos relativos do cruzamento – faixa etária x gênero/sexo no enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/	138
Gráfico 19	Distribuição das ocorrências de verbos sem /ava/ intervocálicos	140
Gráfico 20	Pesos relativos do cruzamento – faixa etária x gênero/sexo no enfraquecimento de /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/	144
Gráfico 21	Pesos relativos do cruzamento – escolaridade x gênero/sexo no enfraquecimento de /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/	145

LISTA DE SÍMBOLOS

[v]: fricativa, labiodental, sonora	[ɪ]: vogal oral, anterior, alta, fechada, postônica
[h]: fricativa, glotal, surda	[o]: vogal oral, posterior, média, fechada
[ɦ]: fricativa, glotal, sonora	[ɔ]: vogal oral, posterior, média, aberta
[x]: fricativa, oral, velar, surda	[õ]: vogal, nasal, posterior, média, fechada
[ɣ]: fricativa, oral, velar sonora	[u]: vogal oral, posterior, alta, fechada
[ʁ]: fricativa, oral, uvular, sonora	[ũ]: vogal nasal, posterior, alta, fechada
/v/: realização com [v] ou com [h]	[ɥ]: semivogal oral, posterior
[b]: oclusiva, oral, bilabial, sonora	[w]: realização vocalizada da lateral /l/
[d]: oclusiva, oral, dental, sonora	∅: ausência / apagamento de fone
[dʒ]: oclusiva, oral, alveolar, palatalizada, sonora	
[ʒ]: fricativa, oral, palato-alveolar, sonora	
[k]: oclusiva, oral, velar, surda	
[l]: lateral, oral, alveolar, sonora	
[n]: oclusiva, nasal, alveolar, sonora	
[s]: fricativa, oral, alveolar, surda	
[ʃ]: fricativa, oral, palato-alveolar, surda	
[z]: fricativa, oral, alveolar, sonora	
[t]: oclusiva, oral, dental, surda	
[a]: vogal oral, central, baixa, aberta	
[ã]: vogal nasal, central, baixa, fechada	
[ə]: vogal oral, central, baixa, aberta, postônica	
[e]: vogal oral, anterior, média, fechada	
[ɛ]: vogal oral, anterior, média, aberta	
[ẽ]: vogal nasal, anterior, média, fechada	
[i]: vogal oral, anterior, alta, fechada	
[ĩ]: vogal nasal, anterior, alta, fechada	
[ɨ]: semivogal oral, anterior	

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	O ENFRAQUECIMENTO DA FRICATIVA /v/ NO PORTUGUÊS ...	24
2.1	BREVE INCURSÃO HISTÓRICA	24
2.2	PRIMEIROS ESTUDOS SOBRE A ASPIRAÇÃO DA FRICATIVA /v/ NO PORTUGUÊS DO BRASIL	26
2.3	ESTUDOS DE BASE DIALETOLÓGICA E/OU SOCIOLINGUÍSTICA SOBRE A ASPIRAÇÃO DA FRICATIVA /v/ NO PORTUGUÊS DO BRASIL	28
2.3.1	No falar cearense	28
2.3.2	No falar de outros Estados	35
2.4	ESTUDOS DE OUTRA NATUREZA ACERCA DO ENFRAQUECIMENTO DE /v/	38
3	A TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGUÍSTICA	41
4	METODOLOGIA	54
4.1	TIPO DE PESQUISA	54
4.2	CONTEXTO	54
4.3	FORTALEZA	55
4.4	A AMOSTRA E OS INFORMANTES	57
4.5	ENTREVISTAS DO NORPOFOR	62
4.6	LEVANTAMENTO DE DADOS	63
4.7	VARIÁVEIS	64
4.7.1	Variável dependente	64
4.7.2	Variáveis independentes: linguísticas e extralinguísticas	64
4.8	CODIFICAÇÃO E DIGITAÇÃO DOS FATORES	72
4.9	A ANÁLISE ESTATÍSTICA	72
5	APRESENTAÇÃO DE DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS...	75
5.1	OS DOIS CONTEXTOS DE /v/ (INÍCIO DE PALAVRA E ENTRE VOGAIS)	75
5.1.1	Primeira análise: visão global do fenômeno	76
5.1.2	Segunda análise: cruzamentos entre escolaridade, faixa etária e gênero/sexo para /v/ em início de palavra e intervocálico	93
5.2	CONTEXTO INÍCIO DE PALAVRA	99
5.2.1	Primeira análise: visão geral sobre o contexto início de palavra	99
5.2.2	Segunda análise: cruzamento entre escolaridade e faixa etária com /v/ em início de palavra	108
5.2.3	Terceira análise: considerando somente os termos extremamente usuais com /v/ em início de palavra	110
5.2.4	Quarta análise: cruzamento entre escolaridade e faixa etária só para os termos extremamente usuais com /v/ em início de palavra	113
5.2.5	Quinta análise: somente com os verbos em /v/ início de palavra	114
5.2.6	Sexta análise: cruzamento entre escolaridade e faixa etária somente para os verbos com /v/ em início de palavra	119
5.3	CONTEXTO INTERVOCÁLICO	122

5.3.1	Primeira análise: visão geral sobre o contexto intervocálico	123
5.3.2	Segunda análise: só com o pretérito imperfeito em /ava/	131
5.3.3	Terceira análise: cruzamento entre escolaridade, faixa etária e gênero/sexo para pretérito imperfeito em /ava/	136
5.3.4	Quarta análise: verbos com /v/ intervocálico (sem o morfema /ava/) ...	138
5.3.5	Quinta análise: cruzamento entre escolaridade, faixa etária e gênero/sexo para demais verbos com /v/ intervocálico (sem o morfema /ava/)	143
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
	REFERÊNCIAS	152
	APÊNDICE	158
	Apêndice A – Parecer do Comitê de Ética da UECE	158
	ANEXOS	160
	Anexo A – Mapa do Ceará	160
	Anexo B – Letra da música “A Rural II”	161
	Anexo C – Planta do Forte Schoonenborch	162
	Anexo D – Mapa de Fortaleza de 1726	163
	Anexo E – Mapa de Fortaleza com divisão dos bairros entre as seis regionais	164
	Anexo F – Alfabeto Fonético Internacional (IPA)	165
	Anexo G – Classificação dos termos a partir da frequência de uso (com transcrição grafemática): contexto de /v/ em início de palavra...	166
	Anexo H – Classificação dos termos a partir da frequência de uso (com transcrição grafemática): contexto de /v/ intervocálico	167

1 INTRODUÇÃO

Encontramos no português do Brasil uma enorme diversidade de falares. Esse fato sempre instigou muitos pesquisadores a estudar fenômenos linguísticos que dele decorrem, principalmente os de natureza variacionista, colaborando para a descrição do português atual. O conhecimento de nossos falares e sua valorização são de grande importância para o estudo e ensino da língua portuguesa e estrangeira (explicado nos parágrafos posteriores). Além disso, é papel do linguista o registro e a sistematização das “inovações/mudanças” linguísticas, para que se faça um provável percurso da história das línguas que, normalmente, revela também a história do seu povo.

No português popular falado na cidade de Fortaleza, a realização da fricativa /v/ constitui-se um fenômeno variável. Ilustrando nossas palavras, apresentamos algumas formas linguísticas colhidas dos nossos dados: eu [v]ou ~ eu [h]ô (Inq.¹ n° 06). Assim, observamos que: /v/ se realiza como [v] (manutenção) e como [h, f] (reificação²). Encontramos ainda casos de apagamento dessa fricativa, mas resolvemos nos delimitar às variantes aspirada e da manutenção, porque só tivemos certeza do apagamento, através de oitiva, de um único exemplo (a palavra [v]ocê ~ [Ø]cê); outras ocorrências “suspeitas”, como tele[v]isão ~ tele[Ø]isão, acreditamos que só poderiam ser, de fato, detectadas através de um *software* de análise acústica específico para isso.

Ao observarmos esse interessante fenômeno no falar fortalezense, resolvemos investigá-lo, descrevendo e analisando o efeito de fatores linguísticos e sociais sobre a realização variável da fricativa /v/ na comunidade de fala de Fortaleza (cf. LABOV, [1972] 2008³). Por isso, resolvemos adotar o modelo teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa, que procura sistematizar os dados linguísticos, descreve a estrutura e a mudança da língua dentro de um contexto social e estabelece relações entre os fatores linguísticos e extralinguísticos. Essa análise nos proporcionou examinar, a partir dos resultados obtidos, se o fenômeno encontra-se em variação estável ou se há indícios de uma mudança em progresso.

¹ Inq. = Inquérito.

² Neste trabalho, usaremos, como sinônimas, as palavras aspiração, reificação, enfraquecimento e glotalização.

³ O conceito de comunidade de fala será melhor discutido no capítulo 3.

Para efeito de comparação com as nossas análises, teremos como base também os resultados já obtidos em outras variedades do português brasileiro a respeito do enfraquecimento de /v/.

A partir dessas observações que fizemos a respeito da realização variável de /v/, nos deparamos com as seguintes questões: qual(is) o(s) fator(es) favorece(m) as variantes realização plena e a aspiração; qual o papel de cada variável linguística e extralinguística para a realização de cada uma delas?

Antes de coletarmos todos os dados e analisarmos os resultados obtidos, formulamos as seguintes hipóteses para esses questionamentos, com base na literatura e na audição de alguns inquéritos:

- a fricativa /v/ apresenta duas formas de realização no falar fortalezense: aspiração e manutenção (realização plena);

- os fatores que mais privilegiam a aspiração dessas fricativas são: extralinguísticos (escolaridade, faixa etária, monitoramento estilístico) e linguísticos (contextos fonológicos antecedente e subsequente, frequência de uso e *status* morfológico do segmento);

- os contextos fonológicos circundados pela vogal /a/ atuarão de forma positiva sobre o enfraquecimento de /v/;

- quanto maior a frequência de uso do segmento, maior será a sua probabilidade de ocorrer na forma aspirada;

- os morfemas gramaticais, em especial os que contêm o pretérito imperfeito do indicativo com a forma /ava/, favorecerão a variante reificada mais do que os morfemas lexicais;

- a realização variável de /v/ no português falado em Fortaleza é um fenômeno que reflete variação estável;

- o fator escolaridade exerce influência na aspiração das fricativas, pois, quanto menor o grau de escolaridade, maior o enfraquecimento de /v/;

- a faixa etária dos falantes exerce influência na realização variável do fenômeno, pois quanto maior a faixa etária, menor será a manutenção (realização plena);

- a variável gênero/sexo não exerce influência sobre o fenômeno, pois ocorre enfraquecimento de /v/ em ambos os gêneros;

- quanto menor o monitoramento estilístico, maior será a aspiração e quanto maior o monitoramento estilístico maior será a manutenção desses fonemas.

Por estarmos descrevendo a *língua em uso*, este trabalho pode contribuir para o ensino de língua materna e estrangeira, ao tomarmos como base o conceito de *competência comunicativa*, desenvolvido por Hymes (1974, p. 75), essencial para a construção de metodologias para o ensino de línguas, que diz que uma criança, ao adquirir um sistema gramatical, assimila também o sistema de uso relacionado a pessoas, lugares, objetivos e outras formas de comunicação que compõem os eventos comunicativos juntamente com atitudes e crenças a eles relacionados. Portanto, um programa de ensino de línguas preocupado com as diferenças socioculturais, dentre elas a variação linguística, deve trabalhar com a questão da diversidade linguística.

A partir deste tipo de trabalho, professores e alunos podem conhecer melhor a diversidade linguística brasileira e saber como lidar nas inúmeras situações de heterogeneidade linguística com as quais se deparam. Por exemplo: o professor passa a dar mais importância ao contexto social em que o aluno está inserido, passando a respeitar a variedade que ele aprendera com a sua família, sem deixar de ensinar-lhe a escolher o registro adequado a cada situação na qual se processa a comunicação. Essa é a tarefa fundamental da *pedagogia da língua materna* (CAMACHO, 2001, p. 69). A escola, ao propiciar aos alunos o acesso a todos os bens simbólicos – sendo a variedade padrão um deles –, cumpre um papel político muito importante.

Além disso, essa atitude é uma oportunidade de promover a discussão acerca do eixo USO→REFLEXÃO→USO, recomendado pelos PCNs (BRASIL, 1998a,b,c). Os professores podem, por exemplo, estimular esta discussão: como é o uso dessa variante nesta cidade e em outros locais? Quais são as regras do uso? Por que em alguns ambientes ela existe e em outros não? Em quais contextos devemos monitorar o seu uso, a fim de não sofrermos preconceito?⁴

⁴ Atividades propostas por Coan e Freitag (2010).

Pesquisas na área de sociolinguística podem despertar ainda o interesse de três tipos de pesquisador (BRIGHT, 1966, p. 21): o sociólogo, o linguista histórico e o planejador linguístico. O sociólogo pode utilizar os dados extralinguísticos como um índice para diagnosticar a estrutura social em geral ou fenômenos sociais particulares, observando, por exemplo, as situações em que o falante usa uma variante ou a outra e identificando-o, a partir desse uso, dentro de uma determinada estrutura social. O linguista histórico, por sua vez, pode ter esse tipo de pesquisa como base para registrar historicamente o uso de determinada variante em um determinado curso de tempo, podendo comparar esse mesmo uso em outros períodos. Já o planejador linguístico, responsável por lidar com a política oficial no que diz respeito ao uso da língua, poderá reconhecer os resultados obtidos nesta pesquisa como uma variedade do português brasileiro, sancionando-a para ser publicada, por exemplo, em obras literárias ou em instituições educacionais; ou, caso não seja sancionada, determinar que atitudes oficiais sejam tomadas em relação a esse uso para qualquer dessas situações (literatura, escola, etc.).

A escolha desse tema em específico (o enfraquecimento da fricativa /v/ no falar fortalezense) justifica-se pelo fato de o aspecto fonético ser um dos que mais rapidamente revelam as variações linguísticas, tanto as diatópicas quanto as diastráticas³. Isso pode ser exemplificado até mesmo na Bíblia (Juízes 12:6): quando gileaditas e efraimitas estavam em luta, no Rio Jordão, alguns efraimitas infiltraram-se no campo do inimigo, e os gileaditas, ao desconfiarem disso, resolveram testá-los, pedindo-lhes que dissessem a palavra *shibloleth*; no entanto, os efraimitas infiltrados pronunciaram *sibloleth*, o que os denunciou e fez com que os gileaditas os matassem (ARAGÃO, 2011)⁴.

Além disso, justifica-se também pelo fato de o enfraquecimento da fricativa /v/ ter uma notável ocorrência no falar fortalezense, apesar de ser um dos fatos linguísticos estigmatizados por outros autores que já falaram sobre esse fenômeno, como: Aguiar (1937), Seraine (1938, 1972), Bueno ([1955] 1967), Silva Neto (1979) e Macambira (1987). Em outros locais do País, o fenômeno já foi registrado também por Gueiros (1938 *apud* RONCARATI; UCHOA, 1988), Canovas (1991), Pelicioli (2008) e Marques (2001). Assim, este estudo pretende investigar os resultados encontrados em estudos anteriores e até mesmo

³A variação diatópica é aquela que se relaciona a diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação diastrática é a que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais. (BAGNO, 2007, p. 46)

⁴*Dialetologia* - Notas de aula.

verificar a existência de novos resultados, propondo-se a fazer uma discussão mais aprofundada e atual sobre o assunto.

Esta pesquisa faz parte do projeto “Fotografias sociolinguísticas de Fortaleza”, coordenado pela professora Dr.^a Aluiza Alves de Araújo e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará. O objetivo principal desse projeto é descrever e analisar diversos fenômenos linguísticos do português falado de Fortaleza, dentre eles a variação de /v/, buscando “entender mecanismos linguísticos e sociais da variação estável e da variação que envolve mudança em progresso” e utilizando-se o *corpus* do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR)⁵.

Este trabalho está dividido essencialmente em três capítulos. No primeiro (capítulo 2), versaremos sobre a realização das fricativas [v] e [h] na língua portuguesa e em outras línguas, dando destaque para o enfraquecimento de /v/ no português do Brasil. Abordaremos diversas pesquisas feitas sobre o assunto, mostrando seus resultados que, posteriormente, serão relacionados aos deste trabalho.

Em seguida, no capítulo 3, falaremos sobre os pontos mais relevantes da teoria de base da nossa pesquisa, a teoria da variação e mudança linguística, cuja proposta metodológica também embasa a nossa análise (capítulo 4).

Na sequência, no capítulo 5, faremos a apresentação dos dados e análise dos resultados desta pesquisa, relacionando-os com os resultados obtidos por outros autores acerca do enfraquecimento de /v/.

⁵ Para mais informações, consultar: <<http://www.uece.br/posla/index.php/projetos-de-pesquisa>>

2 O ENFRAQUECIMENTO DA FRICATIVA /v/ NO PORTUGUÊS

2.1 BREVE INCURSÃO HISTÓRICA

As considerações a serem feitas nesta seção não têm o objetivo de fazer uma análise diacrônica do fenômeno, mas sim o de apenas ilustrar alguns aspectos sobre o enfraquecimento que podem ser esclarecedores para a sua realização nos dias atuais.

De maneira ilustrativa, encontramos, na primeira gramática portuguesa, a *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira (1536), este registro sobre a fricativa sonora labiodental: “A força de .v.⁶ consoante é como a do .f., mas com menos espírito. E a sua figura são duas costas e triângulo com o canto para baixo.” (OLIVEIRA, 1536, p. 18)

Já na linguística moderna, podemos buscar a explicação de Câmara JR. ([1976] 2004, p. 18), o qual descreve como se dá a realização das consoantes fricativas:

A constrição é a aproximação muito grande entre dois órgãos fonadores, como para porto /f/ e /v/, em que a arcada dentária superior e o lábio inferior *quase* se juntam. A fricção, ou atrito, é a impressão que essa constrição produz em nosso ouvido.

E ainda, foneticamente, uma consoante é considerada fricativa quando, ao ser produzida, a passagem do ar ocorre com a aproximação dos articuladores passivo e ativo, provocando, assim, uma fricção. De acordo com Hora, Pedrosa e Cardoso (2010), a variação existente na fricativa está relacionada ao seu ponto de articulação e há uma tendência à perda desse ponto.

Historicamente, as consoantes fricativas, durante a passagem do latim para o português, fixaram-se simetricamente com suas respectivas homorgânicas, o que até então só acontecia com as oclusivas. Segundo Tarallo (1990, p. 108), o sistema consonantal do latim teve sua evolução para o português caracterizada por dois processos: tendência à lenição (enfraquecimento) articulatória e à palatalização.

⁶ Será mantida a mesma transcrição dos textos originais.

No dicionário de linguística, Dubois *et al.* (1973) conceituam enfraquecimento, abrandamento e lenição como sinônimos, os quais constituem:

o fenômeno de evolução histórica ou de alternância sincrônica pelo qual, em certas línguas e numa dada posição – geralmente na intervocálica –, as consoantes são realizadas com um grau menor de fechamento sob a influência das vogais: as fricativas surdas são realizadas como sonoras, as oclusivas surdas como oclusivas ou fricativas sonoras. [...] E, continuando o abrandamento, [podem] chegar ao desaparecimento ou síncope. (DUBOIS *et al.*, 1973, p. 11-2)

Roncarati e Uchoa (1988) explicam que a pronúncia enfraquecida é produzida “em uma região que compreende o véu palatino (velar, como em ‘porta’ [pɔxtə]), a úvula (uvular, como em ‘gordo’ [‘gɔɾdu]) e a glote (glotal, como em ‘rádio’ [‘fiadzu]).”⁷ (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 5). Gryner e Macedo (1978 *apud* CANOVAS, 1991), que pesquisaram sobre a pronúncia do /S/ pós-vocálico na Região de Cordeiro (no Estado do Rio de Janeiro), relatam que a pronúncia aspirada parece ser um fenômeno do romance. Já Roncarati e Uchoa (1988) explicam que: “no latim, a aspiração representada pelo “h” inicial de morfema não durou muito (como em ‘hodie’, ‘hoje’), não chegando às línguas neolatinas.” (p. 6). Mas o fonema /R/⁸ é proveniente da vibrante apical múltipla, ou seja, o “rr” latino, que era o oposto de “r” (vibrante de uma só “batida” ou *tepe*).

Posteriormente, no português e no provençal, a vibrante apical múltipla foi substituída pela vibrante uvular. Provavelmente, essa substituição iniciou-se no norte (ou centro-oeste) da Europa, pois ainda é predominante em alto-alemão e ocorre também em holandês, sueco, norueguês e dinamarquês, ou seja, em línguas germânicas. Na França, em zonas urbanas, o “r” uvular apareceu apenas no século XVII. (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 5)

Essa pronúncia aspirada, ou velarizada (HART, 1955 *apud* CANOVAS, 1991, p. 34), seria ainda uma solução portuguesa idêntica à adotada pelo espanhol andaluz: este apresentou uma mudança de [s] palato-alveolar para [x] velar. Assim, essa fricativa velar seria mais um processo de enfraquecimento. E a glote, onde é realizado o som aspirado [h, fi]

⁷ Estes exemplos pertencem a dialetos diferentes do português do Brasil e estão com os mesmos símbolos fonéticos utilizados pelos autores.

⁸ Representação igual à original (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 5).

– presente nas análises aqui feitas – está num ponto do aparelho fonador posterior ao véu palatino, o que nos leva a considerar a aspiração um nível mais acentuado de enfraquecimento.

Dessa forma, a fricativa sonora /v/ vem mostrando uma tendência, em alguns ambientes, à lenição, quando ela é pronunciada com o som glotalizado [h]. Esse som enfraquecido é assim descrito por Schubiger (1977 *apud* RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 5)⁹, provavelmente na língua alemã: “um som constrictivo, glotal, sonoro, que acontece quando se produz uma leve vibração nas cordas vocais ao mesmo tempo em que se deixa passar entre elas ar sem vibração.” Já para Ladefoged (1982 *apud* RONCARATI; UCHOA, 1988), /h/ não seria um som sonoro, no sentido habitual da palavra, mas sim um som “murmurado”.

Assim, após esses relatos registrados historicamente, partiremos para a descrição do enfraquecimento da fricativa /v/, agora focalizando especificamente o português do Brasil.

2.2 PRIMEIROS ESTUDOS SOBRE A ASPIRAÇÃO DA FRICATIVA /v/ NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Nesta seção, apresentaremos alguns dos primeiros trabalhos que registraram o fenômeno na variedade de fala brasileira. São eles: Aguiar (1937), Seraine (1938 *apud* RONCARATI; UCHOA, 1988), Gueiros (1938 *apud* RONCARATI; UCHOA, 1988), Bueno ([1955] 1967), Silva Neto (1979)¹⁰ e Macambira (1987). Mesmo alguns autores constatando que eles não seguiram um rigor científico, não se pode negar a sua qualidade nem o seu pioneirismo:

Tais trabalhos, na grande maioria, foram feitos por pesquisadores que, apesar da qualidade e do pioneirismo de seus trabalhos, não seguiram uma metodologia científica que nos assegure sua pertinência. (ARAGÃO, 2004, p. 21).

Monteiro (2001), inclusive, comenta sobre a qualidade de tais trabalhos realizados em uma época em que as pesquisas dialetológicas no Brasil ainda careciam de recursos técnicos. Mesmo assim, muitas observações e conclusões feitas por tais autores são, em

⁹ Referência original: SCHUBIGER, M. *Einführung in die Phonetik*. [Introdução à fonética] 2. ed. Berlin: De Gruyter, 1977.

¹⁰ Não comentaremos sobre o estudo de Silva Neto (1979, p. 627), porque o seu registro é a própria pesquisa de Martinz de Aguiar (1937).

grande parte, válidas até hoje. “Em todas as suas observações, o que se constata é um notável senso de percepção e de espírito científico.” (MONTEIRO, 2001, p. 30) Provavelmente, boa parte do que faremos com os dados de nossa pesquisa será apenas uma redescoberta e confirmação dessas observações.

O primeiro desses trabalhos é o de Aguiar (1937, p. 298) que, ao traçar uma fonética do português do Ceará, descreve a ocorrência do *r* velar, também chamada por ele de “faucal”¹¹, no lugar de *j* (*hente/gente*), *s* (*ur-dia/os dias, verde/desde*) e *z* (*fahê/fazer*). Esse *r* velar também aparecia no lugar de *v*, no dialeto “rústico” e no infantil, como: *estaha* (estava), *ahia* (havia), *hamo* (vamos), *cahalo* (cavalo).

Nos “Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada” (1938 *apud* RONCARATI; UCHOA, 1988), há também registros da pronúncia aspirada da fricativa /v/ com marcas estigmatizantes.

A respeito do enfraquecimento de /v/, Seraine (1938) registra o seu apagamento nas palavras “você”, “cavalo” e “vaca”. Na palavra “cavalo”, ele comenta que, entre os almocreves, é comum ouvir-se “caálo” ou “áalu”, como forma de chamamento. “Tem-se a impressão, muitas vezes, de estar ouvindo ‘carrálu’.” (SERAINÉ, *op. cit.*) O autor conta ainda que um outro autor cearense, Antônio Sales, “registra ‘aca’ (vaca) entre os analfabetos.” (SERAINÉ, *op. cit.*)

Nesses mesmos “Anais”, no artigo “Importância da Unidade Ortoépica da Língua Nacional e como Assegurá-la em Face aos Dialectos Regionais”, Jerônimo Gueiros (1938 *apud* RONCARATI; UCHOA, 1988) comenta sobre a aspiração de /v/ em Pernambuco também entre as camadas analfabetas, “pronunciado preguiçosamente. Assim, dizem: ‘Ele estaha em casa’, ou mais comumente – ‘Ele taha em casa’.” (GUEIROS, *op. cit.*)

Silveira Bueno ([1955] 1967, p. 22-3) também registra esse fenômeno, mas da seguinte forma:

Há no Norte do Brasil todo e também no Rio de Janeiro, talvez por causa do grande número de nortistas aí residentes, um *r* gutural [...]. De estudos por nós feitos em vários meses de observação nos estados da Bahia, Alagoas, Pernambuco e na cidade do Rio de Janeiro, notamos que, em muitas pessoas, mormente quando o nível

¹¹ “Consoante faucal que emitimos ao rir (*ha-ha-ha*), embora um pouco mais atenuada.” (AGUIAR, 1937, p. 290).

intelectual é inferior, este r gutural já se vai transformando em pura aspiração representada pelo h ou pelo j em espanhol.

Assim, novamente nos deparamos com uma análise estigmatizante referente ao uso da variante aspirada, pois o autor a associa a pessoas de baixo nível intelectual, como se o seu uso pudesse categorizar duas classes de pessoa: as de alta e as de baixa intelectualidade.

Macambira (1987), por sua vez, usa o termo *espirante*, referindo-se ao **f** e ao **v** labiais e ao **r** aspirado. Por esse motivo, a pronúncia do **v** como **r** espirante em algumas regiões cearenses “demonstra com evidência o parentesco fonético entre as duas fricativas” (MACAMBIRA, *op. cit.*, p. 273). Por exemplo, **carralo rei** para **cavalo velho**, **rambora** para **vambora**. Ele menciona que esse fenômeno ocorre inclusive no português coloquial de Fortaleza, “na boca de formandos e formados” (*Op. cit.*, p. 274).

2.3 ESTUDOS DE BASE DIALETOLÓGICA E/OU SOCIOLINGUÍSTICA SOBRE A ASPIRAÇÃO DA FRICATIVA /v/ NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Nesta subseção, apresentaremos os trabalhos que seguiram uma metodologia de base sociolinguística e/ou dialetológica. São trabalhos mais atuais e apresentam esse maior rigor científico acima discutido. Os primeiros – Seraine (1972), Roncarati e Uchoa (1988), Roncarati (1999), Alencar (2007), Aragão (2009) – falam a respeito desse fenômeno no falar cearense. Os demais – Canovas (1991), Pelicioli (2008) e Marques (2001) – descrevem a ocorrência dele em outros locais do País.

2.3.1 No falar cearense

De Florival Seraine, podemos citar ainda o artigo “Introdução ao Atlas Linguístico e Folclórico do Cariri¹²” (1972). Com essa pesquisa, Seraine pretendia trabalhar com aspectos diastráticos, utilizando também o critério etário. Foram feitas gravações das pronúncias de três pessoas naturais de Crato, com idade entre 30 e 40 anos. Uma dessas

¹² Cariri é uma região localizada no sul do Ceará, com área total de 6.342,3 km², envolvendo os municípios: Abaiara, Barbalha, Brejo Santo, Crato, Jardim, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Porteiras e Santana do Cariri. Na época em que foi produzido o Atlas, a região possuía a extensão de 10.543 km² e compreendia 20 municípios, a saber: Abaiara, Araripe, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Potengi, Porteiras, Penaforte e Santana do Cariri.

peessoas era “possuidora de regular instrução (monitora do Centro de Treinamento), e a outra, semiculta (contínua da Faculdade [de Filosofia do Crato])” (SERAINÉ, 1972, p. 12). Elas leram, no quadro negro, frases e vocabulários que tinham sido previamente selecionados por conterem os fonemas cuja pronúncia era de seu interesse. O terceiro informante era analfabeto. A ele, foram mostrados alguns objetos, escolhidos antecipadamente por apresentarem os fonemas que se buscava, além de ser mantida com ele uma “conversaão dirigida”.

A partir dessa metodologia, a pesquisa de Seraine registrou, entre outras peculiaridades do falar caririense, a pronúncia da consoante **v**: “que se transforma em ligeira aspiração faríngea ou é ouvida como um sopro surdo velar ou uvular na fala rural, inculta e até semiculta, das zonas centro e norte do Estado.” (SERAINÉ, 1972, p. 17). Como exemplos, ele cita: **ka(h)álu** (cavalo), **(h)áca** (vaca), **nò(h)éla** (novela), **(h)i** (vinho > vim). Ele explica ainda que esse fenômeno que ocorre com o **v**, acontece também com o **s** (**ma(h) êw** / mas eu). Sobre essa pronúncia “faucal”, ele reconhece ser necessária “a análise instrumental, isto é, o recurso às técnicas e aparelhos usados pela Fonética experimental, para melhor conhecimento dos sons e suas gradações e matizes.” (SERAINÉ, *op. cit.*, p. 18).

Utilizando o método de análise quantitativa, a pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988; RONCARATI, 1999) analisa a aspiração e o apagamento das fricativas /v, z, ʒ/ na fala cearense, procurando determinar o seu contexto linguístico e pragmático, medindo também o nível de estigmatização do fenômeno, através de um teste de atitudes linguísticas. Seus resultados revelaram que, em /v/, apenas 6,85% (104/1519)¹³ dos dados foram de enfraquecimento; as ocorrências apagadas foram de 63,80% (104/163)¹⁴. Esses dados foram baseados em uma pequena amostra, com 10 falantes, 6 homens e 4 mulheres, com escolaridade de 1º (Ensino Fundamental) e 2º grau (Ensino Médio) e uma informante analfabeta. A faixa etária é dividida entre criança (uma de 10 anos), adolescentes (um de 14 e outro de 15 anos), jovens (um de 21, outro de 22 e um de 24) e adultos (um de 38, dois de 40 e um de 42). Além desses fatores sociais e linguísticos, os autores procuraram isolar o efeito do léxico e dos condicionantes discursivos, efetuando um levantamento dos itens mais frequentes em cada entrevista, calculando a frequência absoluta deles (dos aspirados e não-aspirados).

¹³ Número de ocorrências enfraquecidas/número total de dados da rodada.

¹⁴ Todas elas foram com a palavra “você” / “Øocê” / “ØØcê”/.

Os resultados dos fatores sociais revelaram que, quanto à escolaridade, o índice de enfraquecimento de /v/ (0,89¹⁵) é menor em falantes com as séries iniciais do 1º grau; os resultados gerais para os fonemas /v, z, ʒ/ foram: analfabetos (0,45 – 42/46), 1ª a 4ª série (0,78 – 99/130), 5ª a 8ª série (0,30 – 161/235) e 2º grau (0,42 – 68/97). Quanto à classe social, o enfraquecimento é maior na classe baixa; para /v/: classe baixa (0,66) e média (0,34). Quanto ao sexo, o enfraquecimento de /v/ é ligeiramente maior entre os homens (0,51) do que entre as mulheres (0,48). Quanto à idade, a aspiração de /v/ tem um índice maior entre os jovens (0,80); os resultados gerais dessa variável para os fonemas /v, z, ʒ/ foram: criança (0,85 – 25/25), adolescentes (0,28 – 3/5), jovens (0,38 – 149/212) e adultos (0,40 – 193/265).

Os fatores linguísticos analisados foram a distância de tonicidade e a qualidade vocálica. Quanto à distância de tonicidade, a distância antecedente 1 é a mais favorecedora do enfraquecimento de /v/ (0,73). Para exemplificar esse contexto, eles citam: “na ditadura ta[h]a pior que isso”. Para as demais distâncias antecedentes (0, 2, 3 e 4)¹⁶, os valores não foram relevantes. Quanto à distância da tônica seguinte, os maiores índices de enfraquecimento ocorreram nas distâncias 4 (0,68), 1 (0,61), 3 (0,57) e 5 (0,55)¹⁷. Quanto à qualidade vocálica, o enfraquecimento de /v/ obteve índices mais altos com a vogal /a/, tanto antecedendo (0,78 – 66/471) quanto sucedendo (0,64 – 72/405) o segmento; em posição intervocálica, o grupo /ava/ obteve os índices mais altos (0,85 – 62/245). Os autores ressaltam ainda que o grupo a + a registrou o índice mais alto de enfraquecimento em quaisquer posições (pré, pós e intervocálica).

Em relação à fricativa /v/, os autores avaliaram ainda os fatores linguísticos: posição do segmento (início e interior de palavra) e marca de desinência verbal (formas em /ava/, outras formas verbais e outras formas não-verbais). Para o primeiro, o maior índice ficou com a posição de interior de palavra (0,60 – 75/799); enquanto, em início de palavra, o índice foi de 0,39 (29/720). Os autores comentam que esse resultado favorece as formas do imperfeito em /ava/. Quanto à marca de desinência verbal, o maior índice constatado foi,

¹⁵ Peso relativo.

¹⁶ Exemplos de frases para cada distância com seus pesos relativos: 0 – “# [h]á buscar uma rôpinha” (0,50); 1 – “na ditadura ta[h]a pior que isso”; 4 – “Tinha que le[h]á pro Frifor” (0,48); 3 – “a gente apro[h]eita[h]a um horário” (0,40); 2 – “O gado [h]em em cima...” (0,37). (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 29)

¹⁷ Exemplos de frases para cada distância com seus pesos relativos: 4 – “chega[h]a na maior.” (0,68); 1 – “Se ti[h]er um poder aquisitivo (0,61); 3 – “[h]ai fazer cursinho.” (0,57); 5 – “porque ta[h]a muito cansado.” (0,55); 2 – “que o velho ta[h]a morto.” (0,49); 0 – “A gente dança[h]a...” (0,15). (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 32)

realmente, com as formas em /ava/ (0,84 – 62/241); em seguida, foram outras formas verbais (0,37 – 30/695) e outras formas não-verbais (0,27 – 12/583).

Esse resultado fez com que os autores buscassem medir o nível de usualidade, associando-o ao grau de favorecimento ou não do enfraquecimento, considerando que o fenômeno poderia ser melhor explicado à luz do difusionismo lexical¹⁸. Para fazer esse levantamento lexical, os autores incluíram, além das 10 entrevistas: uma de IMP (Interação Médico-Paciente), gravada no Instituto Psiquiátrico do Ceará, com 3 participantes, e 4 gravações de falantes do interior, pertencentes ao Projeto ALECE (Atlas Linguístico do Ceará). Os falantes do interior possuíam as seguintes características: três mulheres, uma de 41 anos, da classe alta; outra, de 9 anos, da classe baixa e a terceira, de 46 anos, da classe média; e um homem, de 45 anos, da classe média¹⁹.

Os autores consideraram como itens “mais frequentes” tanto aqueles que seriam produzidos pela totalidade dos falantes da amostra quanto um item que fosse muito frequente no léxico de um falante, incluindo o seu uso interiorano ou citadino²⁰. Além disso, esses autores elaboraram uma espécie de verbete para cada item lexical, contendo suas realizações plenas (manutenção) e enfraquecidas. Ao final, foi organizado um dicionário para cada fricativa (/v/, /z/ e /ʒ/) e foi feito um cálculo das frequências globais dos informantes.

Nos resultados dessa pesquisa, o morfema do imperfeito foi selecionado em primeiro lugar. Os verbos com esse morfema são os mais usuais no léxico de todos os falantes do *corpus* por eles analisado: com os fortalezenses da amostra básica (10 falantes), a aspiração atingiu 25,86%; com os 3 participantes da Interação Médico-Paciente (IMP), esse índice foi de 68,29%; e nos 4 falantes do interior, esse valor foi ainda maior, 77,77%. Além disso, comprovam ainda que quanto maior a usualidade do verbo, maior será a probabilidade do seu enfraquecimento, como aconteceu com os verbos “ta[h]a” (23 ocorrências na amostra básica) e “queixa[h]a” (3 ocorrências na IMP). Em segundo lugar, vieram os verbos “gosta[h]a” (10 ocorrências na amostra básica), “brinca[h]a”, “toma[h]a” e “fica[h]a” (estes três no interior do Ceará), seguidos por “da[h]a” (6 ocorrências na amostra básica).

¹⁸ O difusionismo lexical privilegia o controle lexical e desloca o foco da mudança da unidade fonológica para a unidade morfo-lexical, prevendo afetamento gradual do léxico. (RONCARATI, 1999, p. 2).

¹⁹ Os níveis de escolaridade não são especificados, apenas o da mulher de 46 anos, que possuía o 1º grau (atualmente, Ensino Fundamental) incompleto.

²⁰ Exemplos: ca[h]alo (interiorano) e esta[h]a (citadino e interiorano).

As formas do verbo “ir” apareceram em segundo lugar como as que mais enfraqueceram, registrando-se 18,43% (47/255) das ocorrências, nas formas: “vou”, “vi”, “vamos” e “vá”. Em seguida, foi registrado o enfraquecimento, na IMP (Interação Médico-Paciente) e nas amostras interioranas (do ALECE), com as formas dos verbos “ver” ([h]iu, [h]ia, [h]imos) e “vir” ([h]em, [h]eio, [h]inha, [h]iemo(s)). Além dos verbos, outras expressões bastante utilizadas foram a locução adverbial “às [h]ezes” e a locução interjetiva “A[h]e Maria”.

Sobre a correlação entre relevância informacional e usualidade do léxico, verificou-se que o enfraquecimento tende a ser maior sobre os elementos do enunciado que só têm sentido em relação à estrutura gramatical, nos quais se incluem os morfemas gramaticais. Os morfemas lexicais, por sua vez, portadores de conteúdo informacional, são mais resistentes à aspiração. Os autores também procuraram medir o nível de informalidade e, embora não tenham conseguido confirmar, em seus dados, acreditam que exista uma relação entre enfraquecimento e informalidade.

Por fim, o teste de atitudes que os autores aplicaram revelou que: a situação de fala informal favorece o enfraquecimento; o enfraquecimento é uma marca masculina (sinalizaria “manifestação de ‘macho’”); os adultos enfraquecem mais as fricativas; há uma forte correlação entre nível de estigmatização e origem do falante (as mais estigmatizadas são atribuídas a falantes interioranos); a usualidade de um item lexical e a aceitação dos itens enfraquecidos caminham juntas.

Com um intervalo de quase uma década, o assunto sobre as fricativas no falar cearense voltou a ser descrito. Desta vez, por Alencar (2007), em sua tese de doutorado, ao fazer um estudo sócio-dialetal sobre a realização dos róticos (/r/ e /r/) na língua falada em Fortaleza, descrevendo a ocorrência da reificação nas fricativas vozeadas /v/, /z/ e /ʒ/, em determinados contextos. Seu *corpus* constituiu-se de entrevistas feitas com 24 informantes fortalezenses, de diversos bairros, e distribuídos igualmente de acordo com duas faixas etárias (de 18 e 30 anos e de 45 a 60 anos), os dois sexos (masculino e feminino) e dois níveis de escolaridade (ensino fundamental e ensino superior). Ela utilizou o QFF (Questionário Fonético-Fonológico), o QSL (Questionário Semântico-Lexical), os TDS (Temas para Discursos Semidirigidos) e as PM (Perguntas Metalinguísticas) do projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil).

A análise dessa autora conclui que a reificação de /v/ ocorre de forma sistemática, em posição inicial e medial, em nomes e verbos; é mais frequente com a vogal /a/, e o maior número de ocorrências se dá com a desinência /ava/ do imperfeito do indicativo (ex.: brinca[h]am) e com as formas verbais de IR (ex.: [h]amos).

Além disso, a autora constata que há o predomínio da realização plena dessas fricativas, em posição inicial de vocábulo e em início de sílaba no meio da palavra. No entanto, numa situação menos monitorada, ocorre, com maior frequência, a reificação delas e, até mesmo, o apagamento, este em menor número. Uma hipótese que ela apresenta para isso é que haveria “a perda do ponto de articulação, permanecendo apenas a fricção.” (ALENCAR, 2007, p. 120). Quanto à análise quantitativa de seus dados, Alencar apresenta apenas em relação à realização dos róticos – objeto de estudo de sua tese. No final, faz a seguinte consideração:

A “reificação” das fricativas [...] /v/, /z/ e /ʒ/, que ocorre de modo significativo nos informantes, constitui uma marca muito forte no falar fortalezense, revelando a importância de um estudo mais aprofundado de descrição do PB. (ALENCAR, *op. cit.*, p. 138)

Em seguida, Aragão (2009) procura complementar esses estudos, falando sobre a neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ e sua realização com a variante aspirada [h] do fonema /r/, utilizando o *corpus* do projeto Dialetos Sociais Cearenses (ARAGÃO; SOARES, 1996), que fora obtido através de entrevistas, conversas espontâneas e IMP (Interação Médico-Paciente). Para este trabalho, ela utilizou 6 entrevistas. Essa amostra foi organizada levando em consideração as seguintes variáveis: sexo; faixa etária (de 10 a 11 anos, de 14 a 15 anos e de 18 a 25 anos); grau de instrução (primário, ginásio e 2º grau)²¹; classe social (B – média e C – baixa).

E, para efeito de comparação, a autora utilizou também 4 inquéritos experimentais do projeto ALiB, estado do Ceará, referentes à Fortaleza, com itens lexicais do QFF e do QSL, também distribuídos em: sexo; faixa etária (de 18 a 30 anos e de 45 a 60 anos); e grau de instrução (até a 4ª série do Ensino Fundamental e Ensino Superior). Ela também controla os seguintes fatores: internos à estrutura fonética da palavra; diastráticos (registro culto e popular); e diatópicos (marca regional do fenômeno).

²¹ Atualmente, correspondem, respectivamente, a: Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Seus resultados concluíram que, dos fatores internos, os que mais marcaram o fenômeno foram: vogal seguinte (ex.: [ka'həɫʊ]); posição inicial (ex.: [hãmus]) e posição medial (ex.: [ĩ'hɛɦnu]). Quanto aos fatores diastráticos, ela afirma que “tanto os jovens como os mais idosos, homens e mulheres, com pouca ou muita escolaridade fazem a neutralização dos fonemas /v, z, ʒ, r/ e usam a variante [h]”. (ARAGÃO, 2009, p. 200) Segundo a autora, os fatores que mais marcaram a realização desse fenômeno foram “os estilos formal/informal, tenso/distenso, monitorado/não-monitorado.” (ARAGÃO, *op. cit.*, p. 200) Em relação aos fatores diatópicos, ela conclui que esse fenômeno é uma marca do falar cearense, como um todo, visto que ocorre em todos os segmentos sociais analisados. Portanto, a neutralização de /v, z, ʒ, r/ é fonético-fonológica e sócio-dialetal.

No artigo “Enfraquecimento de fricativas no Atlas Linguístico do Ceará: uma abordagem sócio-dialetal”, Rodrigues, Araújo e Aragão (no prelo) pesquisaram como se dava a realização das fricativas /v, z, ʃ/ na primeira divulgação de resultados do Atlas Linguístico do Ceará (ALECE), publicado em 2010. A amostra encontra-se transcrita no volume II e abrange as respostas dadas a vinte e uma questões. No entanto, nos deteremos apenas em oito delas, cujas respostas envolvem o fonema /v/, a saber: “ventania” (005), “neblina” (007), “temporal” (008), “orvalho” (024), “avós” (057), “ouvido” (078), “cotovelo” (082) e “tornozelo” (096). O objetivo principal foi o de registrar essas ocorrências e localizá-las no interior do Ceará, a fim de compararmos com os resultados que obteríamos com o *corpus* de Fortaleza que utilizamos nesta pesquisa de mestrado.

As variáveis sócio-geolinguísticas analisadas nos resultados foram²²: escolaridade (alfabetizado e analfabeto) e localização geográfica (Nordeste cearense, Centro-Leste cearense e Sul cearense). As variáveis linguísticas que analisamos foram: posição do segmento (ataque silábico e coda silábica) e tonicidade do segmento (tônica, pretônica e postônica). Os resultados obtidos foram com base apenas nas transcrições fonéticas apresentadas pelo projeto. Não tivemos acesso às gravações originais. As ocorrências de reificação de /v/ foram encontradas em apenas sete itens lexicais: 005, 007, 008, 057, 078, 082 e 096.

²² As variáveis sexo e idade não puderam ser visualizadas nesta divulgação do Atlas.

Quanto à posição do segmento, em relação à fricativa /v/, obviamente, só obtivemos ocorrências em posição de ataque silábico. Essas ocorrências foram: “ventania” (005) [vĕtã’niə > hĕtã’niə], “chuvisco” (007) [ʃu’visku > ʃu’hisku], “chuva boa” (008) [‘ʃuvə ‘boə > ‘ʃuhə ‘boə], “dilúvio” (008) [dʒi’luvi > dʒi’luhi], “avós” (057) [a’vəs > a’həs], “bisavô” (057) [biza’vo > biza’ho], “ouvido” (078) [o’vidu > o’hidu], “cotovelo” (082) [kutu’velu > kutu’helu], “tornozelo” (096) [tofino’zelu > tofino’helu] e “osso do vintém” (096) [‘osuduvĩ’tēỹ > ‘osuduhĩ’tēỹ].

Em relação à tonicidade, encontramos ocorrências aspiradas em todos os contextos, a saber: tônica (ʃu’[h]isku, a’[h]əs, biza’[h]o, o’[h]idu, kutu’[h]elu, to[h]no’helu); pretônica ([h]ĕtã’niə, ‘osudu[h]ĩ’tēỹ); postônica (‘ʃu[h]ə ‘boə, dʒi’lu[h]i).

Quanto à escolaridade, em relação à /v, z, ʒ/, encontramos 23 ocorrências de reificação, de um total de 32 (72%), com os informantes analfabetos; entre os alfabetizados, encontramos apenas 9 ocorrências (28%). Quanto à localização geográfica, o Nordeste cearense (ver Anexo A) foi a mesorregião onde mais encontramos ocorrências de aspiração de /v z ʒ/; em seguida, surgem o Centro-Oeste e o Sul cearense.

2.3.2 No falar de outros Estados

Extrapolando as fronteiras do Ceará e analisando os trabalhos sobre a realização das fricativas em outros estados do Brasil, encontramos o trabalho de Canovas (1991) sobre o falar de Salvador. Sua pesquisa analisa a realização de /S/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ em ataque silábico. Sua amostra constituiu-se de 45 informantes, distribuídos desta forma: escolaridade (1º, 2º e 3º graus) e idade (13-20, 21-45 e 46-70 anos). Ela não levou em consideração a variável sexo por constatar que, em seus dados (assim como na maioria de outros estudos linguísticos), as mulheres apontam um comportamento linguístico conservador. Portanto, o sexo do informante só foi determinado para informar mais uma característica sua. As gravações foram feitas pela autora e tinham um caráter semi-informal. Além dessas, ela também coletou entrevistas televisivas de 79 informantes de nível superior, com idade entre 25 a 60 anos, sendo apenas 8 do sexo feminino, em situações de fala formal.

Segundo a autora, em /v, z, ʒ/, o processo de enfraquecimento encontra-se em fase embrionária. O uso da forma padrão é quase unânime, com 4,13% de uso da variante aspirada (72/1744). A fricativa /v/ teve resultados diferentes, pois os falantes mais escolarizados, de 3º grau, foram os que mais aspiraram (5,73% ou 34/593), em seguida, vêm os falantes que possuíam até o 1º grau (3,60% ou 21/583) e, por último, os que tinham o 2º grau completo (0,52% ou 3/568). Quanto à idade, são os mais idosos que mais realizam a variante aspirada (4,05%, 25/617), seguidos dos de 21 a 45 anos (3,42%, 21/613) e dos de 13 a 20 anos (2,33%, 12/514). A respeito da ocorrência com as formas em /ava/, Canovas (1991) verifica que, em Salvador, elas não foram relevantes o suficiente para aumentar o índice de aspiração.

Quanto aos fatores linguísticos, em relação a /v/, a autora controlou apenas a tonicidade e verificou que as ocorrências aspiradas de /v/ em início de sílaba são bem mais frequentes em sílabas átonas [-ac] (56/970 = 5,77%) do que em sílabas tônicas [+ac] (2/774 = 0,25%).

Ainda em Salvador e quase vinte anos depois, Pelicioli (2008) trata especificamente da aspiração das fricativas na fala dessa cidade. Seu *corpus* foi constituído por 8 inquéritos experimentais do projeto ALiB, distribuídos igualmente entre faixa etária (I – 20 a 30 anos; II – 46 a 61 anos), gênero (masculino e feminino) e nível de escolaridade (fundamental e universitário).

A aspiração de /v/, que não fora rodada no Varbrul, obteve 48 ocorrências, sendo o sufixo do imperfeito do indicativo /ava/ o que aparece na maioria dos casos (88% ou 42/48); em seguida, aparecem flexões do verbo “ir” (10% ou 5/48) e a palavra “inclusive” (2% ou 1/48). Nas variáveis sociais, Pelicioli (2008) obteve resultados bastante semelhantes aos de Canovas (1991), pois, em relação à escolaridade, os informantes de nível universitário alcançaram 52,1% (25/48) das realizações aspiradas de /v/, enquanto os de nível fundamental ficaram com 47,9% (23/48) das ocorrências. Em relação à idade, o autor também confirmou os resultados de Canovas (1991): os mais idosos (de 46 a 61 anos) aspiram mais a fricativa /v/ (58,3%, 28/48), do que os falantes de 20 a 30 anos (41,7%, 20/48).

Sobre o falar pessoense, no estado da Paraíba, Marques (2001) trata da reificação do fonema /v/. Ela utilizou todo o *corpus* do projeto VALPB, ou seja, 60 informantes, sendo 30 homens e 30 mulheres, 20 de cada faixa etária (15-25 anos, 26-49 anos e mais de 50 anos), e 12 para cada divisão em anos de escolarização (0-4 anos, 5-8, 9-11 e mais de 11 anos). A

ocorrência de /v/ nessa comunidade dá-se de duas formas: realização plena e aspirada. Ela dividiu seus dados em dois arquivos: arquivo 1, composto pelos contextos em que a vogal /a/ está circundando /v/; arquivo 2, formado pelos demais contextos em que /v/ está precedido e sucedido por vogais variadas (por exemplo: /i/ + /v/ + /e/ = tivesse).

Assim, seus resultados revelaram que, no arquivo 1, quanto ao *status* morfológico do segmento, os morfemas lexicais tendem a conservar a realização plena (0,12)²³, enquanto que os morfemas não-lexicais²⁴ são mais favoráveis à aplicação do fenômeno, ou seja, da reificação (0,57). Quanto à dimensão do vocábulo, verificou-se que os dissílabos são fortes favorecedores do enfraquecimento (0,66) ao lado dos monossílabos (0,54). Quanto às classes de palavras, os resultados indicaram que os verbos foram os que mais favoreceram a reificação (0,53).

No arquivo 2, a posição/tonicidade do segmento foi o fator selecionado como o mais relevante, resultando que a tônica medial (0,73) e a postônica (0,71) são as que mais favorecem o enfraquecimento. Quanto ao contexto fonológico seguinte e precedente, constatou-se que /v/, quando sucedido pela vogal /a/, alcança o índice de 0,76 (para o enfraquecimento) e, “quando /v/ está antecedido por uma [vogal] média e sucedido por um /a/, ou, antecedido por /a/ e seguido por uma [vogal] nasal, a probabilidade de variação é bastante positiva (0,77 e 0,68).” (MARQUES, 2001, p. 70). Em relação às classes de palavras, novamente os verbos foram os mais relevantes para a reificação (0,60).

Com relação aos fatores sociais, só foram selecionados os fatores do arq. 1. Quanto aos anos de escolarização, verificou-se que quanto maior o grau de escolaridade, menor será a reificação (até 8 anos de escolarização, os pesos variaram de 0,56 a 0,59). Em relação à faixa etária, apenas os indivíduos de 26 a 49 anos tiveram um valor relevante (0,58), os que tinham mais de 50 anos tiveram um valor abaixo do ponto neutro, de 0,47. No tocante ao sexo, as mulheres foram as maiores favorecedoras à realização aspirada (0,54). Por fim, o resultado global da ocorrência dessas duas variantes presentes no *corpus* mostrou que o índice de enfraquecimento é de apenas 0,13 contra 0,88 da realização plena. No entanto, a autora afirma que, pelo fato de a reificação ser bastante frequente em alguns contextos, ela mereceu ser estudada.

²³ Os pesos relativos registrados no trabalho de Marques (2001) são em relação à variante aspirada.

²⁴ “Ou seja, que não fazem parte da forma básica e significativa do vocábulo” (MARQUES, *op. cit.*, p. 60).

Enfim, os estudos apresentados nessas seções contribuíram, principalmente, para verificarmos a existência das realizações da fricativa /v/ em algumas localidades do Brasil e para fazermos o levantamento das principais variáveis que estariam condicionando o fenômeno (aspiração e manutenção). No Ceará, onde o fenômeno teve mais trabalhos que o investigaram, os fatores mais relevantes foram a usualidade do item lexical, a classe gramatical, o contexto fonológico, a relevância informacional e o monitoramento estilístico (informalidade).

Ainda no Nordeste, em Salvador (Bahia), foram levados em consideração praticamente os mesmos fatores sociais (e um linguístico: a tonicidade), mas constatou-se também que a aspiração, ao contrário do Ceará, não seria um estereótipo, mas apenas uma espécie de indicador, visto que ocorre em todos os grupos socioeconômicos e etários. Já, em João Pessoa (Paraíba), ao serem analisados contextos mais específicos de /v/, verificou-se que a escolaridade (maior escolaridade, menor reificação), a faixa etária (apenas a intermediária) e o sexo (mulheres reificaram mais) também estariam influenciando a ocorrência da aspiração.

Portanto, nesses estudos, tanto fatores linguísticos quanto sociais têm influência sobre o fenômeno. No entanto, no Ceará, percebemos que há uma predominância de fatores linguísticos associados a um forte fator social, diatópico, a marca regional do estado do Ceará, em consonância com Aragão (2009).

2.4 ESTUDOS DE OUTRA NATUREZA ACERCA DO ENFRAQUECIMENTO DE /v/

Outra abordagem que reconhece a aspiração da fricativa /v/ está em um artigo de Viaro (2007), cujo texto inicia com a menção à tese de Jeroslow, da Cornell University, de 1974²⁵. Nessa tese, a autora menciona o fenômeno da aspiração de [ʒ] em palavras, como: “a[ʒ]eitado” / “a[h]etado” (já monotongado), “su[ʒ]eito” / su[h]eto” (também monotongado), “[ʒ]ente” / “[h]ente” e “[ʒ]á” / “[h]á”. Essa autora não cita, no entanto, o mesmo fenômeno ocorrendo com /v/, e o autor reconhece que “ele ocorre em uma indeterminada área do Nordeste.” (VIARO, 2007, p. 63). Trata-se de mais um fenômeno que não possui difusão televisiva, embora seja relativamente conhecido.

²⁵ JEROSLOW, E. H. M.. *Rural Cearense Portuguese: a study of one variety of nonstandard Brazilian speech*. Dissertation. Cornell University, Ithaca-NY, 1974.

O autor comenta ainda que esse fenômeno, até então, tinha sido pouco estudado pela Linguística, provavelmente por se tratar de uma variante *substandard* (não-estandardizada). E cita que ele só teve merecido destaque em alguns trabalhos acadêmicos, como o de Roncarati, em 1999²⁶, e ainda algumas menções de Aragão (2005)²⁷ e de Campelo (2004). Viaro cita ainda o registro da grafia “carralo”, na fala realista de um conto literário²⁸. No final do artigo, o autor reconhece: “Se essas variantes estão em extinção ou se, pelo contrário, se tornarão a base do Português do Futuro, só os movimentos sociais vindouros poderão dar-nos certeza.” (p. 64)

Outro estudo que encontramos sobre o enfraquecimento de /v/ é o de Campelo (2004), que faz um estudo fonostilístico da canção “A Rural II”, de Neo Pineo (ver a letra da música no Anexo B). Na sua abordagem, ele explica que há uma suposição de que a aparição desse fenômeno atribui-se a uma lenização, pois a posteriorização acarretaria em um menor esforço articulatório. Na canção que o autor analisa, o compositor mostra que percebe a existência do fenômeno. No entanto, ele se limita a realizar a aspiração apenas no contexto da fricativa /v/, enquanto sabemos que ela ocorre também em contextos de /S/. Para Campelo (2004), “essa restrição comprova a sensibilidade parcial do artista para o fenômeno da reificação, o qual, para ele, serviu de matéria-prima para a produção de uma canção com fins humorísticos.”. Exemplos das ocorrências na música: “[h]êi” ~ “vem”, “[h]ai” ~ “vai”, “[h]amo” ~ “vamo”, “[h]ocê” ~ “você”, “[h]eno” ~ “vendo”.

Na visão de Campelo (2004), essa canção não tem o objetivo de promover ou valorizar esse traço da fala ou de enaltecer a cultura cearense por meio dele:

Ao contrário, seu intuito é gerar o riso por meio da saliência conferida, supostamente, a um traço privativo da cultura cearense, e, quiçá, de parcela da cultura, aquela que é popular e economicamente carente.

²⁶ Em nossa pesquisa, abordamos também Roncarati e Uchoa (1988).

²⁷ ARAGÃO, M. do S. S. de. Os estudos fonético-fonológicos no estado do Ceará. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 57., 2005, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: UECE, 2005. Simpósio. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/msocorroaragao2.htm>. Acesso em: 03 abr. 2013.

²⁸ MORAIS, C. S. de. **Contos verossímeis** – Pedro Bunda. Porto Velho: Editora da Universidade Federal de Rondônia, 2002, vol. 5. Disponível em: <http://www.primeiraversao.unir.br/artigos_volumes/numero_071Clodomir.pdf> . Acesso em: 03 abr. 2013.

O compositor revela ainda pouco conhecimento sobre a reificação quando a associa apenas aos falantes interioranos, além de ridicularizá-los pelas dificuldades que eles sofrem ao seguirem para o litoral e terem seu primeiro contato com o mar (“Ramo rê o mar”).

O uso da variante aspirada na canção revela ainda uma menção ao universo árabe, cuja língua apresenta um uso marcante de fones velares e aspirados. Essa ligação com o universo árabe foi expandida (no encarte em que a letra da canção é apresentada) pelo cantor em outros elementos, como:

o formato especial que se conferiu à letra, com uma estilização que evoca o sistema de escrita árabe; um desenho de fundo com a presença de edifícios com a arquitetura árabe, com uma duna e com beduíno sobre um camelo; [...] o próprio compositor, trajando um turbante árabe.

E ainda: o modo de entoar a canção evocando o canto dos dervixes ou daroês, que demonstram sua devoção religiosa por meios de cantos ou gritos.

Sobre a reificação, Campelo (2004) ressalta ainda que variáveis sociais, como escolaridade, classe social e monitoramento estilístico (situações comunicativas tensas e não-tensas) não seriam relevantes para a caracterização do fenômeno e acredita que se trate de um fenômeno regional, admitindo ainda a necessidade de “estudos mais aprofundados, fundamentados em *corpora* de diversa natureza [...], a fim de comprovar a difusão regional da reificação.” (CAMPELO, *op. cit.*).

Na seção a seguir, apresentaremos pontos relevantes da teoria que embasou a maioria dos trabalhos aqui relatados: a teoria da variação e mudança linguística, que também servirá de base para o estudo que nos propomos.

3 A TEORIA DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

Língua e sociedade sempre caminharam juntas. No entanto, analisar uma a partir de elementos da outra não tem sido tarefa comum nos estudos da linguagem. Podemos perceber isso já no *Curso de Linguística Geral*, no qual Saussure (1973) define a língua como um fato social, mas o é em termos de sistema convencional assimilado pelos indivíduos a partir do convívio social (ALKMIM, 2001). A língua é, então, “um produto social da faculdade da linguagem” (SAUSSURE, 1973, p. 17).

Segundo Saussure, a língua e a fala são duas partes antagônicas e indissociáveis entre si. Ele mesmo admite que seria impossível de se estudar essas duas partes juntas, uma vez que não haveria condições de se sistematizar a fala devido ao seu caráter individual, multiforme e heteróclito. Já a língua é totalmente passível de regularização por constituir-se num sistema fechado, regido por leis próprias e de caráter homogêneo. E, apesar de definir a língua como um fato social, Saussure excluiu a preocupação com os elementos de ordem social (como idade, sexo, escolaridade, etc.) e previu que a homogeneidade seria uma exigência básica para a descrição.

Ainda de acordo com esse linguista, todos os falantes possuem um conhecimento da língua, já que esta é um sistema que existe virtualmente em cada cérebro, e o que é fato da *langue* está no campo social, o que é fato da *parole* situa-se na esfera do individual. (SAUSSURE, p. 21). No entanto, ele não menciona a comunidade como a matriz do desempenho da fala individual (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968]2006, p. 56). Sendo assim, poderíamos obter os dados para a descrição de uma língua a partir do depoimento de apenas um indivíduo. Assim temos o paradoxo saussuriano, pois, partindo-se de um único indivíduo, seria possível analisar o lado social da linguagem, mas somente pela interação de duas ou mais pessoas se poderia estudar o aspecto individual. A homogeneidade e a “exclusão” de variabilidade na língua foram princípios seguidos pelo estruturalismo, intensificados pelos adeptos da glossemática e fortalecidos pelo gerativismo.

Labov ([1972]2008), por sua vez, reelabora o conceito de Saussure, reduzindo a dicotomia língua/fala a uma única concepção, sem dividi-las, e tomando como tema central a noção de que “fato social” é a existência da língua na comunidade, que, por sua vez, é exterior ao indivíduo; além disso, a abordagem laboviana focaliza a forma como esse “fato

social” é apreendido e modificado pelo falante. Dessa maneira, a língua pode variar de um indivíduo para outro; isso depende das situações sócio-comunicativas em que eles a utilizam. Mas o autor ressalta ainda que a explicação para a variação não se encontra no indivíduo, mas sim na comunidade a que ele pertence.

Em um congresso ocorrido na Universidade da Califórnia (UCLA), em 1964²⁹, William Bright (1966), explica que os estudos sociolinguísticos diferem dos estudos anteriores que abordavam as relações língua-sociedade, porque consideram “tanto a língua quanto a sociedade como sendo uma estrutura e não uma coleção de itens” (BRIGHT, 1966, p. 17). Sendo assim, o papel da sociolinguística é o de “demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social, e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção.” (BRIGHT, *op. cit.*, p. 17).

Assim, a sociolinguística rompe com a associação entre estrutura e homogeneidade, que dizia que as diferenças nos hábitos de fala de uma comunidade poderiam ser tratadas como “variação livre”. Para a sociolinguística, essa variação não é “livre”, mas sim condicionada por fatores também sociais: “somente quando se atribui significado social a tais variações é que elas são imitadas e começam a desempenhar um papel na língua.” (LABOV, [1963] 2008, p. 43). O que é “normal” nas comunidades de fala é justamente a variação de estruturas heterogêneas, pois isso é que constitui “o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais.” (LABOV, *op. cit.*, p. 238). A ausência dessa alternância estilística e de situações comunicativas multiestratificadas é que seria posta em dúvida (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006, p.36), pois, para a sociolinguística, não existe falante de estilo único.

Segundo Labov ([1972] 2008), a sociolinguística, para lidar com a língua, mostra que é necessário olhar para os dados da fala cotidiana o mais próximo e diretamente possível, e ainda que é preciso: “caracterizar seu relacionamento com as teorias gramaticais do modo mais acurado que pudermos, corrigindo e adequando a teoria para que ela se ajuste ao objeto visado.” (LABOV, *op. cit.*, p. 236) Para esse autor, gravar a fala em ambientes naturais constituía um problema apenas técnico, pois, ao serem desenvolvidos gravadores

²⁹ Foi nesse congresso que o termo Sociolinguística, relativo a uma área da Linguística, foi fixado. Nesse evento, estiveram presentes vários estudiosos, que se tornaram referências clássicas nos estudos voltados para a questão da relação entre linguagem e sociedade: Dell Hymes, Einar Haugen, John Fisher, John Gumperz, José Pedro Rona, William Labov. O texto de Bright ao qual fazemos referência foi intitulado “As dimensões da Sociolinguística” e introduz os demais textos que foram reunidos e publicados posteriormente ao congresso, em 1966. (ALKMIM, 2001)

profissionais a pilha e de fita magnética (na Alemanha nos anos 1930), foi possível obter excelentes resultados em campo. No entanto, esse fato não foi suficiente para mudar de imediato a natureza das investigações linguísticas, o que veio ocorrer apenas 30 anos depois.

A sensibilidade social à variação não se prende a regras abstratas, mas sim a palavras individuais (cf. WHITNEY, 1901) ou a regras de nível mais baixo de comportamento fonético que envolvem itens muito frequentes. Dessa forma, podemos dizer que a significação social depende da variabilidade, pois ela “é parasita da língua: ela está confinada àquelas áreas de variação, em geral, na ponta-de-lança de uma mudança linguística em fase de generalização, onde existem modos alternativos de dizer a ‘mesma coisa’.” (LABOV, [1972] 2008, p. 369). Por exemplo: na variável realização de /v/, a variante aspirada das palavras “ta[h]a” e “[h]ai”, as mais frequentes no dados que coletamos, são facilmente reconhecidas pelos falantes fortalezenses; mas a mesma regra é também aplicada à palavra “dú[h]ida”, que é bem menos frequente e bem menos reconhecida entre eles.

A sociolinguística ressalta também que apenas a variação no comportamento linguístico, em si mesma, não possui influência suficiente sobre o desenvolvimento social, nem sobre as perspectivas de vida do indivíduo; no entanto, quando muda a posição social do falante é que a forma do comportamento linguístico muda rapidamente. “Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social.” (LABOV, [1972] 2008, p. 140).

Além disso, essas variações comportam regularidades, encontradas no final do processo e não no início, passíveis de definição, que garantem que a língua mantenha sua sistematicidade dentro do universo aparentemente caótico da variação. É a chamada variação sistematizada. Dessa forma, o objeto de estudo da sociolinguística é justamente a diversidade linguística dentro da comunidade de fala. E o desenvolvimento dessas diferenças linguísticas, para Labov ([1972] 2008), tem valor positivo na evolução cultural humana – “e que o pluralismo cultural pode até ser um elemento necessário na extensão humana da evolução biológica.” Como exemplo, ele comenta que, em sua pesquisa sobre Martha’s Vineyard, “entre os chilmarkenses [os ‘típicos velhos ianques’ da ilha] e os demais habitantes da ilha, as diferenças fonéticas se tornam cada vez mais marcadas à medida que o grupo luta por manter sua identidade.” (LABOV, [1963]2008, p. 49).Essa mesma ideia é corroborada por antropólogos da pós-modernidade, como Stuart Hall ([1992] 2006, p. 73), para quem as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes, visto que as

identidades globais começam a ofuscar as identidades nacionais, produzindo uma “homogeneização cultural”. Em nossa pesquisa, procuramos investigar como se dá a realização do fonema /v/ na comunidade de fala fortalezense.

Labov ([1972] 2008) propõe estudar a língua dentro do contexto social da comunidade de fala. No entanto, o indivíduo não existe como uma unidade dentro da abordagem laboviana. O autor explica que eles são estudados porque fornecem os dados para descrever a comunidade, mas o indivíduo, em si, não constitui uma unidade linguística, ou seja, um objeto onde encontraremos explicações para fenômenos linguísticos. Esse é, portanto, o ponto de vista adotado por sua teoria, embasado pela ideia de que a realidade linguística está na comunidade de fala e não no indivíduo falante. Peter Patrick, inclusive, explica o procedimento padrão adotado pelas pesquisas labovianas:

A organização normativa de uma comunidade de fala é descoberta por meio da pesquisa empírica, podendo claramente diferenciar-se da estrutura socioeconômica da sociedade da qual a comunidade de fala pertence. O procedimento padrão nas pesquisas sociolinguísticas sugere a consulta de pesquisas existentes na ciência social e histórica para compreender a composição de uma comunidade e informar o uso de variáveis sociais como fatores explanatórios para a variação e mudança da língua.³⁰ (PATRICK, 2002, p. 588)

Embora reconheçamos a existência de outros autores que discordem desse posicionamento (cf. MILROY, 2002 *apud* WIEDEMER, 2008; FIGUEROA, 1994 *apud* SEVERO, 2007), ao buscarmos o controle do modo como os indivíduos de uma comunidade organizam sua comunicação – o que pode, de fato, mostrar resultados que expliquem o uso de diferentes variáveis de fala dentro de uma comunidade –, utilizamos, em nossa pesquisa, o ponto de vista laboviano. Para esse autor, o tema central é a noção de um “fato social”, ou seja, de que a língua existe na comunidade, exterior ao indivíduo; além disso, ele também focaliza a forma como esse “fato social” é apreendido pelo indivíduo e a maneira como ele muda. Assim, para Labov, o indivíduo é um sujeito social,

um indivíduo estruturado socialmente, cuja língua foi adquirida através da interação com os membros da comunidade e que por si só, esse indivíduo ‘não pode nem criá-

³⁰ “To the extent that the normative organization of a Speech Community is discovered through empirical research, it can clearly be distinguished from the socioeconomic structure of the society to which that Speech Community belongs. Standard procedure in sociolinguistic surveys requires consulting existing social science and historical research to understand the makeup of a community and inform the use of social variables as explanatory factors for language variation and change.” (PATRICK, 2002, p. 588)

la nem modificá-la'³¹, senão em razão de um acordo com os membros da ordem social. (SILVA, 2009, p. 111)

Para Labov ([1972] 2008, p. 188), uma comunidade de fala não consiste num grupo em que todos os falantes usam as mesmas formas, mas sim compartilham as mesmas normas a respeito da língua. Como exemplo, temos os falantes de 15 a 25 anos e os com 50 anos ou mais, de Fortaleza, que, podemos dizer, pertencem a comunidades de fala ligeiramente diferentes. Dessa forma, podemos verificar que há uma diversidade linguística maior entre esses subgrupos em contato mais próximo e que compartilham um mesmo conjunto de normas linguísticas. Essa situação pode significar

um estágio intermediário característico enquanto uma mudança linguística caminha rumo a se completar. Ou podemos testemunhar um enrijecimento da situação na forma de uma estratificação permanente na língua. (LABOV, *op. cit.*, p. 188).

No caso do enfraquecimento de /v/ no falar fortalezense, podemos perceber esta última situação, se compararmos nossos resultados com os de Roncarati e Uchoa (1988), cujos dados foram coletados cerca de quinze anos antes dos nossos.³²

Dentre os conceitos que a sociolinguística variacionista trabalha, temos o de variação: esta é observada dentro de um determinado período de tempo em que duas ou mais formas competem em uma mesma gramática. Já o processo de mudança constitui um (re)arranjo na estrutura do sistema. E é por meio da variação que as línguas mudam, e mudança é uma característica das línguas naturais. Por exemplo: na comunidade de fala fortalezense que ora analisamos, encontramos a ocorrência de /v/ tanto como [v] (que chamamos de manutenção) quanto como [h] (a aspiração do fonema), em situações de fala mais relaxada e mais monitorada.

³¹ Labov faz ainda uma busca pelos líderes da mudança linguística através do projeto “Variação e Mudança Linguística na Filadélfia” (nos anos 1970), mas ele explica que esses líderes não são indivíduos inventores de formas especiais, mas sim pessoas que, em virtude de suas histórias sociais e padrões de comportamentos, executam papéis especiais no processo de avanço das mudanças que se encontram em progresso. Sua investigação buscou por localizações e tipos sociais e não por indivíduos, o que o fez concluir sobre a dupla realização do indivíduo: ora indivíduo, ora membro da sociedade. (SILVA, 2009).

³² A exemplo de Labov ([1972]2008), que comparou os dados de suas pesquisas a outras feitas anteriormente com outros autores na mesma comunidade de fala, mesmo estes utilizando metodologia diferente, iremos comparar, em algumas situações, os nossos resultados com os de Roncarati e Uchoa (1988), os quais trabalharam com a mesma comunidade, pois, assim, teremos “um conjunto de observações de duas gerações sucessivas de falantes – gerações de características sociais comparáveis”. (LABOV, *op. cit.*, p. 194)

As variantes linguísticas, por sua vez, são justamente as formas em variação, ou seja, são as “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 2001, p.8), mas é importante ressaltarmos que esse valor diz respeito a um sentido referencial.

Essas formas alternativas, segundo Mollica (2004), configuram um fenômeno variável, que é chamado de variável dependente. Este adjetivo, por sua vez, é utilizado porque “o emprego das variantes não é aleatório, mas sim condicionado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural.” (MOLLICA, *op. cit.*, p. 11). Assim, verificamos que “variável” tem dois significados: pode referir-se ao fenômeno em variação e ao grupo de fatores. Por exemplo, a variável dependente que trabalhamos é o enfraquecimento da fricativa /v/ no falar fortalezense; as variantes desse fonema que estamos analisando e que possuem o mesmo valor de verdade são a forma aspirada ou glotal [h] e a forma labiodental vozeada (ou manutenção) [v], exemplificado na palavra “[h]ai” ~ “[v]ai”. Além disso, trabalhamos com variáveis (ou grupos de fatores) linguísticas (contextos fonológicos precedente e subsequente, tipo de sílaba, tonicidade, *status* morfológico do segmento, dimensão do vocábulo, grupo fônico, classes de palavras e frequência de uso do segmento) e sociais (gênero, faixa etária, escolaridade e monitoramento estilístico).

Esse mesmo significado para duas formas diferentes, no entanto, não costuma ser aceito de imediato pelos falantes, além de haver uma forte tendência a atribuir outros diferentes significados a elas. Segundo Labov ([1972] 2008, p. 290),

valores sociais são atribuídos a regras linguísticas somente quando há variação. [...] Se dado grupo de falantes usa uma variante particular, então os valores sociais atribuídos a esse grupo serão transferidos a essa variante linguística.

É o caso do enfraquecimento de [h], registrado, desde as primeiras pesquisas, entre falantes “rústicos e infantis” (AGUIAR, 1937, p. 298). Se, do contrário, essa variante fosse encontrada entre um grupo social de maior prestígio e assim não fosse estigmatizada, quando ela se tornasse universal, o valor social associado a ela desapareceria.

Para selecionar uma variável linguística que sirva de foco para o estudo de uma comunidade de fala, Labov ([1972] 2008, p. 26) recomenda que algumas propriedades sejam observadas nessa variável. Primeiramente, devemos buscar um item que seja frequente, em especial durante uma conversação natural espontânea, mesmo em uma entrevista curta. Em

segundo lugar, esse item deve ser estrutural, ou seja, ele deve estar integrado num sistema mais amplo de unidades funcionais. Terceiro, a distribuição do traço deve ser altamente estratificada, isto é, as investigações preliminares devem sugerir uma distribuição assimétrica em várias faixas etárias ou em variados estratos ordenados da sociedade.

O estilo de fala que interessa aos estudos sociolinguísticos é chamado de vernáculo. Trata-se de um estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala; a partir da observação desse estilo, podemos coletar dados mais sistemáticos para a análise da estrutura linguística. “Numa comunidade de fala, a fonologia mais altamente sistemática, a que exhibe claramente os processos de evolução linguística, é aquela usada na fala casual com o mínimo de distinções e o máximo suporte contextual.” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968]2006, p. 70). Labov ([1972]2008) recomenda que a única maneira de obtermos esses dados em quantidade suficiente é através da entrevista individual, gravada.

Para a sociolinguística, é possível conectar o comportamento linguístico com a medição do *status* atribuído ou adquirido pelos falantes, pois qualquer alteração da expressão linguística pode contribuir para mudanças momentâneas de atitudes sociais. Por isso, Labov ([1972] 2008, p. 327) avisa que a sua preocupação será, sobretudo,

com séries bem estabelecidas de expressão linguística – o modo como o indivíduo habitualmente se apresenta a si mesmo em vários ambientes sociais. [...] Mudanças na língua podem, assim, estar correlacionadas com mudanças na posição dos subgrupos com os quais o falante se identifica.

Para estudarmos a mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog ([1968]2006) elaboraram algumas assertivas sobre o assunto. A primeira é que a mudança linguística não é aleatória, e ela começa quando há uma diferenciação ordenada em uma generalização de uma alternância particular num determinado subgrupo da comunidade de fala. A segunda é sobre a inexistência de associação entre estrutura e homogeneidade, pois a estrutura linguística inclui exatamente essa diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos; e o falante nativo domina a língua incluindo o controle dessas estruturas heterogêneas. A terceira é que toda mudança implica que há variabilidade e heterogeneidade; mas o contrário nem sempre ocorre. Na quarta, os autores ressaltam que a generalização da mudança linguística envolve, antes, a covariação de mudanças associadas durante, muitas vezes, longos períodos de tempo, sendo refletida na distribuição de isoglossas por áreas geográficas.

A quinta assertiva ressalta que, como as estruturas variáveis contidas na língua são estabelecidas por funções sociais, as gramáticas nas quais ocorre a mudança são gramáticas da comunidade de fala. Na sexta, os autores falam sobre o fato de a mudança linguística não estar confinada a etapas discretas entre pais e filhos; mas sim que ela acontece dentro da comunidade como um todo. Por último, eles reforçam o fato de que os fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística; apenas esses fatores juntos é que poderão explicar as regularidades que podem ser observadas nos estudos empíricos do comportamento linguístico.

Sobre a mudança sonora, pode-se dizer que, antes, ela era tratada como uma mudança física. Para Hockett (1958, *apud* LABOV, [1972] 2008), o que ocasionava a mudança sonora seria “a quantidade de muco na garganta, no nariz e na boca do falante, correntes aleatórias em seu sistema nervoso central, tiques musculares... as condições do ouvido externo do ouvinte [presença de cerume ou sujeira]...”. Já a proposta de Labov é que o processo de mudança sonora seja “uma reação complexa a diversos aspectos do comportamento humano.” (LABOV, [1972] 2008, p. 195)

O mecanismo do processo de mudança é explicado por Labov ([1972] 2008). No estágio inicial, a forma é uma variável linguística indefinida, essa forma linguística que começou a mudar, normalmente, era um marcador³³ de *status* regional (distribuído irregularmente dentro da comunidade), pertencente a um subgrupo restrito da comunidade de fala, cuja identidade diferenciada tinha sido enfraquecida por pressões internas ou externas. No estágio seguinte que o autor denomina de *mudança vinda de baixo* (abaixo do nível da consciência social), essa forma passa a ser generalizada para todos os membros do subgrupo, e a variável linguística passa a ser um *indicador*, isto é, uma função de pertencimento ao grupo.

³³ Marcadores, indicadores e estereótipos dizem respeito ao nível de consciência que o falante tem sobre determinada variável em relação à avaliação social a que estão sujeitos. Os marcadores estão relacionados às estratificações sociais e estilísticas, mas estão abaixo do nível de consciência dos falantes, apesar de algumas vezes ser possível proceder a alguma avaliação a respeito deles, em testes subjetivos. Exemplo de marcador é o uso dos pronomes “tu” e “você”, com o primeiro (“tu”) flexionando o verbo como se fosse o segundo (“você” – terceira pessoa do singular). Os indicadores, por sua vez, também presentes num nível inconsciente, relacionam-se aos elementos linguísticos sobre os quais quase não haveria avaliação, mas o seu uso permite a distinção entre um grupo e outro de falantes, mas nem sempre é avaliado de forma negativa em testes de avaliação subjetiva das variantes. Exemplo de indicador é o uso ou não do plural redundante no sintagma nominal, como em “as caixas” ou “as caixa”. Já os estereótipos são marcados socialmente e reconhecidos pelos falantes como típicos de uma variedade linguística desprestigiada. Mas nem todos os estereótipos são estigmatizados socialmente, podendo apresentar um prestígio que varia de um grupo para outro; ou podem ser estigmatizados e conduzirem a uma mudança linguística rápida, extinguindo a forma estigmatizada. Exemplo de estereótipo é o rotacismo presente em palavras como “planta ~ pranta”. (SEVERO, 2008)

Em seguida, no estágio da *hipercorreção vinda de baixo*, a variável linguística passa a avançar mais um passo por meio das gerações sucessivas de falantes dentro do mesmo subgrupo, sendo agora uma função de pertencimento ao grupo e à faixa etária. No estágio seguinte, outros grupos da comunidade de fala passam a adotar os valores do subgrupo original, passando a ter a sua função redefinida em estágios sucessivos. Depois que a mudança sonora, juntamente com seus valores associados, saiu dos limites da comunidade de fala e alcançou os limites de sua expansão, a variável linguística passou a ser uma das normas que definem a comunidade de fala, sendo agora um *marcador* e apresentando variação estilística, e todos os membros passaram a reagir de maneira uniforme a seu uso (sem necessariamente ter consciência disso).

Posteriormente, a variável linguística passa a provocar reajustes em outros elementos do espaço fonológico, levando a outras mudanças sonoras que passam a ser tratadas como o estágio 1 de *reciclagem*, podendo ser a fonte primária para o surgimento contínuo de novas mudanças.

No entanto, se a mudança não se originou no grupo de maior *status* social na comunidade de fala, esses membros de maior *status* acabam estigmatizando a forma resultante de mudança, através das várias instituições comunicativas que eles controlam, dando início à *mudança vinda de cima* e fazendo com que a variável linguística apresente uma estratificação estilística e social regular, pois o modelo da fala casual passa a competir com o modelo de audiomonиторamento dos estilos mais cuidados. Acreditamos que seja isso o que esteja ocorrendo com a variante aspirada de /v/, pois, essa forma, desde os seus primeiros registros, nos estudos de Martins de Aguiar (1937), fora identificada entre falantes de linguagem “rústica e infantil”, ou seja, uma linguagem sem prestígio. Por isso, sofre estigmatização entre os membros da comunidade de fala fortalezense e passa a mostrar indícios de desaparecimento, visto que ela também ocorre com maior frequência entre os membros mais idosos (e de menor escolaridade). No entanto, são apenas indícios, pois sabemos que existem mudanças que podem continuar na mesma direção por várias gerações (cf. GAUCHAT, 1905; HERMANN, 1929; REICHSTEIN, 1960; LABOV, 1963, 1966; *apud* LABOV, [1972] 2008), sugerindo que essas mudanças são variáveis que têm sido avaliadas do mesmo modo pela comunidade de fala durante um considerável período de tempo.

Após esse estágio, há ainda o da *hipercorreção vinda de cima*, no qual os membros dos grupos de menor *status* modificam sua fala monitorada a ponto de ultrapassar o

alvo designado pelo grupo de maior *status*. Mas não verificamos esse estágio na variável que estamos pesquisando neste trabalho. Em seguida, a forma que se torna assunto de comentário social explícito passa a ser tratada como um *estereótipo* e pode acabar desaparecendo. Por outro lado, e encerrando essas etapas, Labov explica que, se a mudança tiver se originado no grupo de maior *status*, ela se tornará um modelo de prestígio para todos da comunidade.

Por fim, caso venha a desaparecer completamente da língua falada, uma variável linguística pode sobreviver como uso estereotipado de algumas palavras, depois pode se transformar em um gracejo padronizado e, por último, “como um fóssil, cujo sentido ficou completamente esquecido.” (LABOV, [1972] 2008, p. 363).

É importante observarmos ainda que, para investigar uma mudança linguística, o pesquisador terá que lidar com cinco problemas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006). O primeiro são as restrições, as quais estão relacionadas aos fatores linguísticos e extralinguísticos que indicam possíveis mudanças numa direção específica, visto que o processo de mudança dificilmente modifica todo o sistema (normalmente, é apenas um conjunto de variáveis que, gradativamente, sofre modificação).

O segundo problema é o da transição, que investiga como uma mudança linguística acontece, quer dizer, como uma dada forma se modifica de um estágio para outro, sendo, então, estudada como um *continuum*. Segundo Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006), esses estágios são, essencialmente, três: (i) os falantes aprendem uma forma alternativa; (ii) os falantes passam um período convivendo com a forma inovadora e com a antiga; (iii) finalmente, apenas uma dessas formas passa a ser usada pelos falantes.

O encaixamento constitui o terceiro desses problemas, e ele procura dar conta de como uma mudança se encaixa nas estruturas social e linguística da comunidade e que resultados essa mudança poderá acarretar no sistema linguístico (já que uma mudança pode desencadear outra).

Já o problema da avaliação diz respeito ao julgamento feito pelos membros da comunidade em relação à mudança e qual o efeito dessa avaliação sobre ela. No início, os falantes não fazem julgamento sobre a mudança porque, nesse estágio, ela ainda encontra-se abaixo do nível de consciência social. Em seguida, já começam a surgir alterações estilísticas e estratificação social. O falante, dessa maneira, avalia positivamente as formas com as quais

se identifica no seu grupo social ou com aquelas que julga pertencer a um grupo de prestígio, embora ainda produza, de maneira inconsciente, as formas que avalia negativamente.

O último problema relatado pelos autores é a implementação, a qual procura responder quais os fatores que causaram a implementação da mudança e por qual motivo ela acontece em uma língua em um momento específico e não em outro.

Uma das polêmicas envolvendo os estudos sociolinguísticos é a respeito da *difusão lexical* e da mudança sonora. A primeira, iniciada por William Wang (1969, *apud* SILVA, 2009), propunha que a mudança sonora se originaria em uma única palavra ou em um pequeno grupo de palavras e, depois, se estenderia para outras formas de composição fonológica similar, sendo a mudança lenta e gradual e podendo não afetar todas as palavras que seriam potencialmente atingidas. Já a hipótese neogramática da mudança sonora dizia que, o fonema seria a unidade fundamental da mudança, e o falante, ao mudar sua maneira de produzir fonemas, afetaria um fonema a cada incidência, independente da natureza de qualquer forma linguística em particular, na qual o fonema ocorre (BLOOMFIELD, [1933] 2005); dessa maneira, a mudança sonora se aplicaria ao mesmo tempo em um mesmo contexto de palavras que possuem as características fonéticas da mudança.

No entanto, Labov (1994) verifica que as pesquisas contemporâneas vêm demonstrando evidências que sustentariam ambas as teorias, bastando diferenciar as áreas da estrutura linguística em que seja mais provável de ser encontrada uma ou a outra. Como exemplo, ele cita que

os processos de alongamento e encurtamento vocálicos do inglês são implementados por difusão lexical, enquanto que os processos de alçamento do ponto de articulação, abaixamento, posteriorização e anteriorização procedem através de mudança sonora regular³⁴ (LABOV, 1994, p. 530).

Sobre o conceito de “popular”, encontramos esta citação de Bright (1966, p. 20): “O ponto de vista popular constitui, ele próprio, parte da situação sociolinguística e é digno de estudos por si mesmo.” No entanto, o conceito de *norma popular* não está presente na literatura sociolinguística laboviana justamente porque, para esta teoria, a variação é vista como intrínseca ao funcionamento do sistema linguístico, e não como algo que possa se opor

³⁴ “vowel lengthening and shortening in English are implemented by lexical diffusion, while raising, lowering, backing, and fronting proceed by regular sound change” (LABOV, *op. cit.*, p. 530).

ou que venha a prejudicar tal sistema; na sociolinguística, norma e sistema estão “fundidos”. (LUCCHESI, 2002).

Tomando como base a realidade linguística brasileira, teóricos como Lucchesi (2002) procuram demonstrar a relevância do conceito de norma para a teoria sociolinguística. Esse autor argumenta que, no caso da realidade linguística brasileira, não basta dizer que ela é variável e heterogênea (como prevê a sociolinguística laboviana); ela seria ainda “plural”, ou mais precisamente “polarizada”, extraindo-se dela dois grandes subsistemas, os quais, por sua vez, também são heterogêneos e variáveis, definidos por Lucchesi (*Op. cit.*) como “normas”. Esse “diassistema polarizado” da realidade brasileira é distinguido, por um lado, como “norma culta” e, por outro, como “norma vernácula ou popular” (simplificada aqui como norma popular).

Nesse sentido, a norma culta englobaria os padrões de comportamento linguístico dos cidadãos brasileiros que possuem formação escolar e acesso a todos os espaços de cidadania (como o atendimento médico-hospitalar); essa norma provém, linguisticamente, dos modelos transmitidos ao longo dos séculos entre as elites colonial e imperial, que, por sua vez, se inspiraram na língua da Metrópole portuguesa. Já a norma popular envolve os padrões de comportamento linguístico da grande maioria da população, alheia aos direitos básicos de cidadania e mantida à margem da sociedade; os antepassados dessa parcela da população, em geral, eram também excluídos desses direitos. (LUCCHESI, 2002).

Esse mesmo autor argumenta que essa divisão

encontra fundamento também no plano subjetivo do julgamento social das variantes linguísticas, verificando-se reações diferenciadas no que concerne à avaliação das variantes linguísticas, que opõem os falantes da norma culta aos falantes da norma popular.” (LUCCHESI, 2002, p. 83).

A exemplo disso, ele cita a concordância nominal, a qual implica diferenciados juízos de valor na norma popular e na norma culta do português brasileiro. Para a popular, a variação na concordância não é percebida no plano subjetivo desses falantes, principalmente entre os da zona rural; já na zona urbana, percebe-se que a variante inovadora pode ser vista como um *marcador*, diferenciando os indivíduos das classes mais baixas que pretendem ascender ao universo cultural das classes média e alta. É o comportamento de tais indivíduos que reflete o julgamento social fortemente estigmatizado que a falta de concordância (nos contextos em que ela é mais saliente) possui na norma culta. O autor explica ainda que a contradição entre

a avaliação negativa da falta de concordância e a tendência ao menor rigor na aplicação dessa regra fazem com que o uso da concordância nominal e verbal, no português do Brasil, configure mais uma variação estável e não uma mudança em progresso.

O autor ressalta ainda que essa polarização linguística do Brasil não é estanque, “podendo-se detectar influxos que interligam os dois subsistemas distintos”. (LUCCHESI, 2002, p. 87). Esses influxos são reflexos das enormes contradições sociais existentes na realidade deste País, no qual observamos,

no plano objetivo dos padrões coletivos de comportamento verbal, uma tendência ao nivelamento das duas normas linguísticas brasileiras, no plano subjetivo da avaliação das variantes linguísticas, o estigma ainda recai pesadamente sobre as variantes mais características da norma popular, fortalecendo-se a cada dia – inclusive com a força dos meios de comunicação de massa – um preconceito que, sem fundamento linguístico (cf. BAGNO, 1999), nada mais é do que a crua manifestação da discriminação econômica e da ideologia da exclusão social. (LUCCHESI, *op. cit.*, p. 88)

Assim, após o embasamento teórico que levou aos conceitos de norma culta e norma popular, podemos condensá-los nas palavras de Marcos Bagno (2003, p. 59), para quem a norma popular constitui um conjunto de “variedades linguísticas relacionadas a falantes sem escolaridade superior completa, com pouca ou nenhuma escolarização, moradores da zona rural ou das periferias empobrecidas das grandes cidades”. O Projeto da Norma Urbana Oral Culta (NURC), por sua vez, teve como critério principal de escolha de seus informantes o grau de escolaridade (nível universitário), embora, segundo Preti (1999, p. 33), “os falantes cultos, por influência das transformações sociais contemporâneas [...] utilizam praticamente o mesmo discurso dos falantes urbanos comuns, de escolaridade média, até em gravações conscientes e, portanto, de menor espontaneidade.”

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE PESQUISA

Como estamos analisando a língua em uso, demos preferência ao modelo teórico metodológico da “Teoria da Variação Linguística”, também conhecido por Sociolinguística Quantitativa. Esse nome justifica-se pelo fato de esse modelo operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados (TARALLO, 2001, p. 8). Os resultados obtidos nesse tipo de análise propiciarão a formulação de regras gramaticais, regras estas que são variáveis, pois o favorecimento de uma ou de outra dependerá de motivações linguísticas e extralinguísticas adequadas à aplicação de uma determinada regra. Por isso, pode-se dizer que é um sistema linguístico de probabilidades.

Segundo Naro (2004, p. 16), o que essa teoria se propõe é avaliar o quanto cada categoria em análise pode contribuir para a realização de uma ou outra variante das formas “em competição”. O problema é que, no uso real da língua, os fatores que podem atuar sobre as variantes estão sempre conjugados, isto é, agindo simultaneamente. O desafio é, então, isolar e medir separadamente o efeito de cada fator, mesmo este fator nunca aparecendo isoladamente nos dados.

A metodologia da Teoria da Variação pode ser usada para o estudo de qualquer fenômeno variável em quaisquer níveis e manifestações linguísticas. A partir dele, o linguista poderá descobrir quais são os fatores relevantes; para isso, ele deverá ainda levantar e codificar corretamente os dados empíricos, para, enfim, interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua, neste caso, a sociolinguística.

4.2 CONTEXTO

Labov ([1972] 2008) cria um modelo de análise linguística, baseado na relação entre linguagem e sociedade, considerando o caráter heterogêneo e sistemático da variação na língua. Esse modelo explica como uma estrutura linguística de uma comunidade é modificada ao longo do tempo, de maneira que, tanto a língua como a comunidade, em algum sentido, não se modifiquem, mas que a língua adquira uma forma diferente. Assim, língua e sociedade são apresentados em situações reais de uso.

O ponto de partida da investigação variacionista é a comunidade linguística, isto é, “indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras” (ALKMIM, 2001, p. 31). Os indivíduos refletem em sua fala a influência a que estão submetidos dentro da sociedade.

Para a investigação dos aspectos sociolinguísticos da comunidade de fala fortalezense, utilizamos o seguinte método de investigação: pesquisa em tempo aparente, isto é, um estudo feito a partir de um recorte temporal promovido pelo pesquisador que analisa dados de uma comunidade estratificada em faixas etárias, a partir do que foi estabelecido pelo projeto NORPOFOR, que será descrito a seguir.

4.3 FORTALEZA

Nesta seção, não pretendemos fazer uma historiografia linguística sobre Fortaleza, mas apenas mostrar, resumidamente, a história desta cidade. Localizada a 2.285 quilômetros de Brasília, na região Nordeste do Brasil, Fortaleza, capital do Estado do Ceará, pertence à mesorregião Metropolitana de Fortaleza e à microrregião de Fortaleza (ver mapa do Ceará no Anexo A). Sua população, segundo o censo de 2010, é de 2.452.185 de habitantes, numa área de 315 km², sendo a capital de maior densidade demográfica do país, com 7.815,7 hab/km². Segundo pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2008, Fortaleza é a cidade nordestina com a maior área de influência regional e possui a terceira maior rede urbana do Brasil em população, atrás apenas de São Paulo e do Rio de Janeiro. Alguns de seus habitantes a chamam também de *Loira desposada do Sol*, em alusão aos versos do poeta Paula Ney.

O povo indígena mais antigo identificado com o território fortalezense é o potiguara, povo de língua tupi, retratado pelo escritor José de Alencar em seu livro *Iracema*. Atualmente, não há tribos indígenas no município de Fortaleza, mas encontramos algumas etnias em municípios da Região Metropolitana, como Aquiraz (jeninpapo-kanindé), Maracanaú (pitaguary) e Caucaia (tapeba e anacé).

Antes da chegada dos portugueses, a história registra que o espanhol Vicente Yáñez Pinzón navegou pelo litoral brasileiro, em 1500, e chegou ao que seria o atual Mucuripe, em Fortaleza. Após isso, o português Pero Coelho de Souza, em 1603, e os Padres Francisco Pinto e Luís Figueira, em 1607, fizeram fracassadas tentativas de colonização do

Ceará. Em 1612, Martins Soares Moreno conseguiu erguer um fortim que chamou de São Sebastião, no local hoje correspondente à Barra do (rio) Ceará. Após a saída de Moreno do Ceará, por volta de 1631, o forte ficou em ruínas e, em 1637, foi tomado pelos holandeses. Esse mesmo forte, em 1644, foi assaltado e destruído por índios revoltados, que assassinaram todos os holandeses. Em 1649, porém, os flamengos voltaram, sob o comando de Matias Beck, e ergueram um novo fortim, distante do primeiro, à margem do riacho Pajeú, na elevação de terreno chamado Marajaitiba. Este recebeu o nome de Forte Schoonenborch (ver Anexo C), em homenagem ao governador de Pernambuco. A antipatia dos índios, porém, permaneceu, fazendo com que os holandeses deixassem todos os alojamentos e instalações dentro do forte.

Em 1654, o domínio português foi restabelecido, sendo os holandeses obrigados a entregar o forte a Álvaro Barreto, que o restaurou e mudou seu nome para Forte de Nossa Senhora da Assunção. E ainda, com o apoio dos índios, os portugueses construíram uma capela. Este forte é onde hoje se encontra a 10ª Região Militar. O Forte de Nossa Senhora da Assunção, no entanto, era feito de madeira e estacas de carnaúba e, mesmo sofrendo diversas reformas, veio a desmoronar. No entorno deste forte destruído, surgiria espontaneamente os alicerces da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, em 12 de outubro de 1812. Em 1910, o forte foi desarmado, permanecendo como simples monumento histórico.

No século XVIII, como a base econômica local estava na pecuária (atividade mais propícia ao sertão cearense), a vila de Aracati, foi a que se tornou o principal núcleo urbano cearense, o que durou até o século XIX. Já em 1713, o pelourinho (a sede) da vila do Ceará foi instalado em Aquiraz. Fortaleza só seria elevada à condição de vila em 1726, quando ainda possuía pouca projeção econômica e política (ver mapa de Fortaleza de 1726, no Anexo D). De 1656 a 1799, a capitania do Ceará estava junto à de Pernambuco. Segundo Bruno e Farias (2011), essa condição só foi modificada porque o Ceará começou a se destacar na produção e comércio de algodão que era exportado para as fábricas da Revolução Industrial inglesa. A partir do capital proveniente desse comércio e com a construção e melhorias de estradas e ferrovias, como a Estrada de Ferro Fortaleza-Baturité (EFB), que foi inaugurada em 1873, Fortaleza passou a ser o principal núcleo urbano, político, econômico e social do Ceará. Além disso, o fato de o Ceará ter apoiado a Independência do Brasil, fez com que D. Pedro I, em 1823, elevasse Fortaleza à categoria de cidade (BRUNO; FARIAS, 2011).

Em 1889, após a Proclamação da República, quem assumiu o poder no Ceará foi a chamada oligarquia Accioly, a qual comandou o Ceará até 1912, quando houve a maior revolta popular da história de Fortaleza, durante a qual setores oposicionistas e populares forçam a renúncia de Nogueira Accioly.

Durante a chamada *Belle Époque*, surgiram em Fortaleza a biblioteca pública, boas escolas (como o Liceu do Ceará), o seminário da Prainha, jornais, etc. Nessa época também, os intelectuais costumavam se reunir nos famosos “cafés” (quiosques) da Praça do Ferreira (no Centro de Fortaleza). Num desses cafés foi que surgiu a agremiação literária conhecida como Padaria Espiritual, em 1892. À medida que a cidade crescia, aumentava também a tensão social causada pela enorme diferença entre ricos e pobres, estes cada vez mais concentrados na periferia. Segundo Bruno e Farias (2011), como forma de protesto e resistência a essa situação, alguns populares reagiam com ironia, deboche e sátira.

O primeiro prefeito de Fortaleza, eleito inclusive pelo voto feminino, foi Raimundo de Alencar Araripe, em 1936. Foi nessa mesma época que o crescimento populacional aumentou cada vez mais (havia mais de 100 mil habitantes no início dos anos 1930), acompanhado do crescimento do número de favelas. Em contrapartida, as elites fortalezenses foram ocupando os bairros do Benfica (ao sul do Centro), da Praia de Iracema e da Aldeota (ao leste). Em compensação, no lado oeste, moravam os mais pobres.

Ao longo do século XX, Fortaleza passou a valorizar sua faixa marítima, revitalizando-a como zona de lazer (antes, associava-se mar à morte e pobreza) e houve, em 1963, a construção da Avenida Beira Mar, seguida de sua urbanização entre 1979 e 1982, sendo acompanhada pela constituição do bairro do Meireles (localizado junto à orla). Nos anos 1980, houve ainda a construção dos calçadões da Praia de Iracema, do Futuro e da Leste-Oeste. Em compensação, nos anos 1980/90, o Centro histórico de Fortaleza passou a ser uma área tipicamente comercial e de serviços, voltada para a população pobre e de classe média da periferia³⁵.

4.4 A AMOSTRA E OS INFORMANTES

³⁵ Em Fortaleza, é comum encontrarmos mansões da classe média em bairros considerados de periferia.

A nossa amostra foi extraída do acervo sonoro do banco de dados do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR)³⁶, desenvolvido com o objetivo de armazenar e disponibilizar material linguístico representativo do falar popular dos fortalezenses e cujas gravações foram coletadas entre agosto de 2003 e julho de 2006 (ARAÚJO, 2011). Trata-se, portanto, do banco de dados de fala popular fortalezense mais atual que temos.

O NORPOFOR é composto por 198 informantes, estratificados de acordo com o gênero/sexo³⁷ (masculino e feminino), a faixa etária (15 a 25 anos; 26 a 49 anos; e a partir dos 50 anos), a escolaridade (0 a 4 anos; 5 a 8 anos; e 9 a 11 anos) e o tipo de registro (Diálogo entre Informante e Documentador-DID; Diálogo entre dois Documentadores-D2; e Elocução Formal-EF). Esse projeto atende às exigências da pesquisa sociolinguística quantitativa a respeito dos critérios de seleção dos informantes e de coleta de dados:

São fortalezenses natos ou vieram morar nesta cidade com, no máximo, cinco anos de idade; - possuem pais cearenses; nunca se ausentaram de Fortaleza por um período superior a dois anos consecutivos; mantém residência fixa na capital cearense. Estes critérios foram adotados com o objetivo de neutralizar a interferência dos falares de outras regiões. (ARAÚJO, 2011, p. 838)

Segundo Guy e Zilles (2007), devemos ter, no mínimo 4 ou 5 informantes por célula. No entanto, por limitações de tempo e pelo fato de o próprio projeto NORPOFOR ter apresentado algumas células com menos de 4 informantes (no caso apenas do D2, algumas 3, outras 2), resolvemos padronizar o número de informantes por célula, reduzindo-o para apenas 2. Assim, reconhecemos que os resultados que apresentaremos serão apenas “válidos para a amostra em questão” (GUY; ZILLES, *op. cit.*, p. 127). No entanto, até então, nenhum outro pesquisador utilizou esse mesmo equilíbrio entre as células, analisando essas mesmas variáveis sociais para a comunidade de fala que ora analisamos.

Além disso, por estarmos lidando com uma pesquisa de natureza fonológica, em poucos minutos de audição, já conseguimos reunir uma grande quantidade de dados. Isso acontece porque, segundo Labov ([1972] 2008, p. 140), “os sistemas fonológicos exibem o mais alto grau de estrutura interna de todos os sistemas linguísticos e, com isso, oferecem ao pesquisador uma extensa série de resultados paralelos e convergentes.”

³⁶ Esse projeto, coordenado pela prof^a Dr^a Aluiza Alves de Araújo, recebeu a colaboração de quatro bolsistas do Programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Ceará (UECE), além da inestimável ajuda do Prof. Dr. Kilpatrick Muller Campelo, que, na época, era professor substituto desta universidade.

³⁷ A adoção da terminologia gênero/sexo será melhor explicada posteriormente neste capítulo.

Para esta pesquisa, foram ouvidos 48 informantes (num total de 36 inquéritos), sendo 2 de cada célula³⁸, desconsiderando a escolaridade intermediária de 5 a 8 anos, a fim de que pudéssemos fazer a comparação entre os dois extremos de nível de escolaridade presentes na amostra: 0-4 e 9-11 anos. Esses informantes encontram-se distribuídos no quadro 1.

Quadro 1—Distribuição dos informantes da amostra por gênero/sexo, idade, tipo de registro e escolaridade

Registro Escolaridade Idade	Gênero/Sexo							
	Homem				Mulher			
	DID		D2		DID		D2	
	0-4	9-11	0-4	9-11	0-4	9-11	0-4	9-11
15 a 25 anos	2	2	2	2	2	2	2	2
26 a 49 anos	2	2	2	2	2	2	2	2
50 em diante	2	2	2	2	2	2	2	2

Fonte: ARAÚJO, 2011, p. 839.

Legenda: DID (Diálogo entre Informante e Documentador); D2 (Diálogo entre Dois Informantes).

De acordo com o censo de 2000 do IBGE³⁹, os bairros mais ricos de Fortaleza (com renda média entre R\$ 1.566,29 e R\$ 4.288,36), estão concentrados no leste e no sudeste, incluindo o Centro da cidade (R\$ 1.306,06); são eles: Meireles (R\$ 4.288,36), Guararapes (R\$ 3.537,79), Cocó (R\$ 3.437,34), Aldeota (R\$ 3.336,30), Estância (Dionísio Torres) (R\$ 3.264,66), Mucuripe (R\$ 2.796,98), Papicu (R\$ 2.220,41), Varjota (R\$ 2.167,98), Parque Manibura (R\$ 2.125,68), Salinas (R\$ 2.125,66), Praia de Iracema (R\$ 1.859,73), Praia do Futuro I (R\$ 1.616,46), Cidade dos Funcionários (R\$ 1.685,57), Cambeba (R\$ 1.675,89), Joaquim Távora (R\$ 1.572,94), Alagadiço Novo (R\$ 1.566,29) e Engenheiro Luciano Cavalcante (R\$ 1.469,07). Apenas três bairros do setor oeste da cidade aparecem entre os que possuem renda alta: Fátima (R\$ 2.017,22), Benfica (R\$ 1.417,93) e Parquelândia (R\$ 1.530,53).

Já os bairros com menor renda média por pessoa (entre R\$ 239,25 e R\$ 349,74) encontram-se no setor oeste, predominantemente. Segundo Matos e Neto (2003, p. 8),

São bairros antigos e novos que se misturam, nesse traçado, acompanhando o litoral (Arraial Moura Brasil, Pirambu, Cristo Redentor, Barra do Ceará e Floresta), além de prosseguir no sentido norte-sul (Autran Nunes, Genibau, Granja Portugal, Granja Lisboa, Bom Jardim, Parque São José, Parque Santa Rosa (Apolo XI), Parque Presidente Vargas, Canindezinho e Siqueira); finalmente, mais para o sul, encontram-se: Barroso, Jangurussu e Curió.

³⁸ O número dois corresponde à quantidade de informantes, e não a de inquéritos, por célula. Assim, foram ouvidos dois DID de cada célula (=2 informantes) e um D2 de cada célula (=2 informantes).

³⁹ Demos preferência a esse censo, pois ele é o que representa a realidade de Fortaleza à época das gravações do NORPOFOR.

As autoras verificam ainda que há bairros considerados pobres também no setor leste, como Cais do Porto e Vicente Pinzon, e no sudeste, como Edson Queiroz e Sabiaguaba. Outra observação importante sobre isso que elas fazem é que:

Verifica-se uma associação direta entre níveis de escolaridade e renda. Nos bairros, onde os chefes de família apresentam níveis mais elevados de renda, eles situam-se melhor quanto à escolaridade, entre aqueles, que estudaram 15 anos e mais. Ao contrário, onde os chefes têm rendas mais deprimidas, eles, também, apresentam uma tendência maior de estarem sem instrução ou terem cursado apenas um ano de estudo. (MATOS; NETO, 2003, p. 8).

Há exceções sobre isso nos bairros Edson Queiroz e Vicente Pinzon, onde há chefes de família com mais de 15 anos de estudo e outros sem nenhuma escolarização.

No final do artigo, as autoras concluem que há, em Fortaleza,

a coexistência espacial de ricos e pobres, em um mesmo bairro. [...] Sob vários aspectos, aqueles bairros, tidos como ricos, apresentaram ilhas de pobreza e os considerados pobres mostraram dimensões de riqueza. (MATOS; NETO, 2003, p. 10).

Abaixo, o quadro 2, elaborado a partir das informações que buscamos nas fichas dos informantes, apresenta a distribuição dos informantes de cada inquérito utilizado nesta pesquisa em função dos bairros (de acordo com os dados dos censos 2000 do IBGE) e da situação trabalhista de cada um na época:

Quadro 2 – Distribuição dos informantes da amostra por nº do inquérito / gênero, bairro / Secretaria Executiva Regional (SER), atividade exercida / idade e escolaridade.

Inquérito / Gênero	Bairro / SER	Atividade exercida / Idade	Escolaridade
06 / Mulher	Cristo Redentor / I	Prendas do lar / 60	0-4
09 / Mulher	Parque Santo Amaro (Bom Jardim) / V	Prendas do lar / 21	0-4
10 / Mulher	Bom Jardim / V	Doméstica / 34	0-4
14 / Homens	Informante 1 – Mondubim / V	Informante 1 – Militar / 38	9-11
	Informante 2 – Maraponga / V	Informante 2 – Oficial de Justiça / 35	9-11
17 / Mulher	Parque Santo Amaro (Bom Jardim) / V	Doméstica / 27	0-4
18 / Mulher	Messejana / VI	Estudante / 21	0-4
19 / Homem	Messejana / VI	Vigilante / 59	0-4
20 / Homem	Caça e Pesca (Praia do Futuro II) / II	Estudante / 18	9-11
23 / Homem	Vila Betânia (Itaperi) / IV	Serviços Gerais (laboratório) / 21	0-4
34 / Mulher	Bom Jardim / V	Doméstica / 26	9-11
36 / Homem	Farias Brito / I	Estudante / 15	0-4
40 / Mulher	Antônio Bezerra / III	Prendas do lar / 55	0-4

Inquérito / Gênero	Bairro / SER	Atividade exercida / Idade	Escolaridade
46 / Homem	Conjunto Ceará / V	Eletricista / 58	9-11
49 / Mulheres	Informante 1 - Henrique Jorge / III	Informante 1 – Costureira / 41	9-11
	Informante 2 - Henrique Jorge / III	Informante 2 – Desempregada / 40	9-11
50 / Mulheres	Informante 1 – Parangaba / IV	Informante 1 – Estudante / 17	9-11
	Informante 2 – Parangaba / IV	Informante 2 – Estudante / 17	9-11
59 / Homem	São Gerardo / I	Professor de Reforço / 24	9-11
64 / Mulher	Cidade 2000 / II	Prendas do lar / 51	9-11
67 / Mulher	Jóquei Club / III	Desempregada / 19	9-11
72 / Homens	Informante 1 - Jóquei Club / III	Informante 1 – Serviços Gerais / 22	9-11
	Informante 2 - Jóquei Club / III	Informante 2 – Tatuador / 23	9-11
76 / Homem	Presidente Kennedy / III	Técnico em informática / 33	9-11
78 / Homem	Cristo Redentor / I	Segurança / 34	9-11
82 / Mulher	Farias Brito / I	Estudante / 18	9-11
83 / Mulher	Farias Brito / I	Costureira / 46	9-11
84 / Homem	Conjunto Ceará / V	Estofador / 34	0-4
93 / Mulheres	Informante 1 - Álvaro Weyne / I	Informante 1 – Aposentada / 59	0-4
	Informante 2 - Álvaro Weyne / I	Informante 2 – Lavadeira / 63	0-4
94 / Homens	Informante 1 - Barra do Ceará / I	Informante 1 – Pedreiro / 34	0-4
	Informante 2 - Barra do Ceará / I	Informante 2 – Auxiliar de pedreiro / 31	0-4
95 / Homem	Aerolândia / VI	Aposentado (vigilante) / 75	0-4
103 / Homem	Messejana / VI	Serviços Gerais / 34	0-4
111 / Homens	Informante 1 - Carlito Pamplona / I	Informante 1 – Comerciante / 58	9-11
	Informante 2 - Álvaro Weyne / I	Informante 2 – Aposentado / 70	9-11
118 / Mulheres	Informante 1 - Monte Castelo / I	Informante 1 – Estudante / 17	0-4
	Informante 2 - Bela Vista / III	Informante 2 – Estudante / 26	0-4
129 / Mulheres	Informante 1 – Parquelândia / III	Informante 1 – Professora aposentada / 60	9-11
	Informante 2 - Parquelândia / III	Informante 2 – Merendeira escolar / 49	0-4
132 / Homens	Informante 1 – Otávio Bonfim (Farias Brito) / I	Informante 1 – Operário / 52	0-4
	Informante 2 - Farias Brito / I	Informante 2 – Pintor aposentado / 60	0-4
143 / Mulher	Parangaba / IV	Decoradora / 53	9-11
153 / Homens	Informante 1 – Parque São José / V	Informante 1 – Balconista / 18	0-4
	Informante 2 – Bom Jardim / V	Informante 2 – Balconista / 24	0-4
157 / Mulheres	Informante 1 – Praia de Iracema / II	Informante 1 – Gerente administrativa / 52	9-11
	Informante 2 – Álvaro Weyne / I	Informante 2 – Cozinheira / 51	9-11
159 / Homem	São Gerardo / I	Supervisor de operações / 59	9-11

Fonte: Própria da autora.

Verificamos que os informantes da amostra são provenientes de 25 bairros, distribuídos entre as seis regionais que existem na cidade de Fortaleza, o que nos proporciona, embora de forma desigual, uma representação geográfica de toda a área da cidade. Podemos perceber que 5 dos nossos 48 informantes (10,4%) estão localizados nos bairros Bom Jardim e Farias Brito. Em terceiro lugar, com 4 informantes (8,3%), foi o bairro Álvaro Weyne. Dessa forma, verificamos que a maior parte dos nossos informantes mora em bairros

pertencentes ao setor oeste da cidade, cuja renda média por pessoa é bastante baixa. Para melhor visualização da divisão dos bairros de Fortaleza entre as seis regionais, ver Anexo E.

Quanto ao ofício, ou mesmo, à profissão ou atividade exercida pelos informantes do NORPOFOR que compõem a nossa amostra, temos, com relação aos homens: aposentados (3), estudantes (2), serviços gerais (2), balconistas (2), militar, oficial de justiça, vigilante, serviços gerais (laboratório), eletricitista, professor de reforço, tatuador, técnico em informática, segurança, estofador, pedreiro, auxiliar de pedreiro, comerciante, operário, supervisor de operações. Já as mulheres são: estudantes (6), prendas do lar (4), domésticas (3), costureiras (2), desempregadas (2), aposentada, lavadeira, professora aposentada, merendeira escolar, decoradora, gerente administrativa, cozinheira.

4.5 ENTREVISTAS DO NORPOFOR

As entrevistas eram realizadas no dia, horário e local determinados pelos entrevistados. Antes do início da gravação, o documentador preenchia uma ficha que descrevia as características sócio-econômicas do informante, com o objetivo de verificar a adequação deste aos critérios exigidos e para facilitar o início da entrevista. Inicialmente, o entrevistado não sabia que a sua fala é que seria objeto de estudo, pois isso poderia intimidá-los e até mesmo monitorar o seu discurso (obstáculo já imposto pelo gravador). O que era dito para eles é que essa pesquisa tinha objetivos históricos e culturais para a cidade de Fortaleza, necessitando de seus depoimentos de experiência pessoal, suas lembranças relacionadas a fatos históricos, seus anseios, preocupações, costumes locais, etc.

As perguntas feitas pelo entrevistador ao entrevistado eram curtas e claras, com a finalidade de fazer com que o entrevistado falasse o máximo possível. Essas perguntas não eram previamente formuladas, como se fosse um questionário, mas sim feitas no decorrer da entrevista. Os relatos de assuntos que mais interessavam ao entrevistado eram bastante explorados pelo documentador, fazendo com que o informante acabasse esquecendo que sua fala estava sendo gravada e se sentisse mais à vontade, procurando atenuar, assim, o paradoxo do observador. Segundo Labov ([1972] 2008), essa seria a situação em que o documentador deveria coletar o vernáculo do informante, ou seja, uma fala mais espontânea, mas evitando que a sua presença e a do gravador impedissem essa naturalidade por parte do entrevistado.

Ao final de cada entrevista, como informa Araújo (2011, p. 841), era explicado ao informante o motivo real da investigação: “uma pesquisa linguística sobre o falar local, o que não dificultava a liberação do uso das fitas, contanto que as identidades dos falantes fossem mantidas em sigilo.”

Essas prerrogativas deveriam ser aplicadas igualmente ao DID e ao D2, mas, neste, os documentadores quase nunca interagiam com os participantes. Registramos um ou outro inquérito em que o documentador, presente no local do diálogo, interferia solicitando que os participantes continuassem conversando, dando ideias sobre outros assuntos que eles poderiam abordar. Mas, na maioria dos inquéritos de D2, não houve essa interrupção. O objetivo era fazer com que os informantes ficassem mais à vontade e travassem um diálogo livre de monitoramentos.

É importante frisarmos ainda que o projeto NORPOFOR disponibiliza também gravações de elocuições formais (EF), com pregações e palestras. Elas representam “o maior nível de formalidade, em razão deste tipo de inquérito ocorrer em ambientes formais, e o tema apresentar certo grau de planejamento.” (ARAÚJO, 2011, p. 842). Não a utilizamos para compor a nossa amostra porque algumas de suas células não foram preenchidas⁴⁰, o que poderia gerar um desequilíbrio nos resultados.

Quanto ao número de documentadores, o projeto NORPOFOR contou com a participação de 92; destes, vinte foram os responsáveis pela nossa amostra. Dentre esses vinte, dois documentadores são professores universitários (a professora Dra. Aluiza Alves de Araújo, responsável por 7 dos 36 inquéritos, e o professor Dr. Kilpatrick Campelo, responsável por 4 dos 36), e os demais eram estudantes universitários, sendo 17 mulheres (responsáveis por 23 gravações) e apenas um homem (responsável por 2 inquéritos).

Na amostra que analisamos, a duração máxima de cada entrevista era de 64 minutos e, mínima, de 28 minutos. De cada inquérito, ouvimos os últimos 40 minutos⁴¹. No final das transcrições, totalizamos 21 horas 22 minutos e 54 segundos de gravações.

4.6 LEVANTAMENTO DE DADOS

⁴⁰ Isso aconteceu porque os informantes não foram localizados, apesar das inúmeras buscas feitas pelos colaboradores do projeto.

⁴¹ Quando o inquérito possuía menos de 40 minutos, desprezamos apenas os 5 primeiros minutos.

A partir dos inquéritos do NORPOFOR, demos início à transcrição fonética dos itens lexicais que continham /v/, em suas variantes aspirada e da manutenção, desprezando-se os 20 primeiros minutos de gravação, pois acreditamos que, após certo tempo de gravação, o informante não esteja mais monitorando tão rigorosamente a sua fala diante do gravador.

Após a transcrição dos inquéritos, feita de oitiva⁴², utilizando-se o Alfabeto Fonético Internacional (ver quadro do IPA no Anexo F), partimos para a definição das variáveis que serão descritas a seguir.

4.7 VARIÁVEIS

4.7.1 Variável dependente:

É aquela que depende de certos contextos para ocorrer. Eles podem ser linguísticos ou sociais. Nesta pesquisa, analisaremos a realização variável da fricativa /v/ como explicado anteriormente: /v/ se realiza como [v] (manutenção) e como [h] (reificação). Por exemplo:

- a) *Realização plena* (manutenção). Ex.: eu ia [v]oltar né? (Inq. 99)
- b) *Reificação*. Ex.: amiga [h]ai começar o Fortal. (Inq. 99)

4.7.2 Variáveis independentes: linguísticas e extralinguísticas

As variáveis independentes foram estabelecidas com base na literatura e na audição dos inquéritos.

- Linguísticas:

As variáveis linguísticas aqui analisadas serão: contextos fonológicos precedente e subsequente, tipo de sílaba, tonicidade, *status* morfológico do segmento, dimensão do vocábulo, classes de palavras, grupo fônico e frequência de uso do segmento.

a) Contexto fonológico precedente:

As variáveis contextos fonológicos precedente e subsequente podem exercer muita influência em relação ao uso de cada variante. Trata-se da noção de direcionalidade, a

⁴² Considerando que havia muitas horas a serem analisadas, não julgamos viável a utilização de nenhum programa computacional para a audição e transcrição dos dados coletados.

partir da qual podemos dizer se um segmento sonoro possui mais afinidade com o som que o precede ou com o que o sucede. Por isso, observaremos aqui todos os elementos que circunvizinham as realizações do fonema /v/ e que podem influenciar na sua manutenção ou na sua aspiração. Outros trabalhos que pesquisaram sobre o enfraquecimento de /v/ e que utilizaram essas variáveis foram: Roncarati e Uchoa (1988), Marques (2001) e Aragão (2009). A seguir, mostraremos exemplos de ocorrências de cada fonema antecedente⁴³:

- [a]: na /v/ida (Inq. 06); chega/v/a (Inq. 06)
- [ẽ]: de manhã /v/amo (Inq. 50)
- [e]: você /v/ai (Inq. 06); de[v]ia (Inq. 06)
- [ɛ]: é /v/ocê (Inq. 06); e/v/itá (Inq. 10)
- [ẽ]: não há ocorrência na amostra
- [i]: de /v/éa (Inq. 06); ti/v/esse (Inq. 06)
- [ĩ]: pra mim /v/ê (Inq. 50); in/v/erno (Inq. 36)
- [ĩ]: mai /v/elho (Inq. 06); noi/v/o (Inq. 06)
- [o]: vô /v/oltá (Inq. 23); no/v/o (Inq. 06)
- [ɔ]: no/v/a (Inq. 06)
- [õ]: bombom /v/inte (Inq. 36); con/v/ênio (Inq. 67)
- [u]: pelo /v/ício (Inq. 06); chu/v/a (Inq. 95)
- [ũ]: num /v/olta (Inq. 06); cun[v]eØsa (Inq. 95)
- [w]; [ɥ]: eu /v/ô (Inq. 06); Ál/v/uro Weyne (Inq. 94)
- Consoante: às /v/eizØ (Inq. 95); sir[v]iço (Inq. 46)

b) Contexto fonológico subsequente:

A seguir, mostraremos exemplos de ocorrências de cada fonema subsequente:

- [a]: /v/ai (Inq. 06); gosta/v/a (Inq. 06)
- [ẽ]: /v/amo (Inq. 06); Øta/v/am(Inq. 94)
- [e]: /v/ê (Inq. 06); gu/v/erno (Inq. 46)
- [ɛ]: /v/éi (Inq. 95); cun/v/eØsa (Inq. 95)

⁴³ A transcrição apresentada aproxima-se o máximo possível da fala dos informantes, mas optamos por não transcrevê-la foneticamente, para não dificultar a leitura.

- [ẽ]: /v/em (Inq. 95); con/v/ento (Inq. 129)
- [i]: /v/ida (Inq. 06); vi/v/e (Inq. 06)
- [ĩ]: /v/inte (Inq. 06); no/v/im (Inq. 129)
- [o]: /v/ô (Inq. 06); fa/v/ô (Inq. 06)
- [ɔ]: /v/olta (Inq. 06); de/v/óve (Inq. 10)
- [õ]: /v/ontade (Inq. 50); I/v/onete (Inq. 36)
- [u]: /v/ucê (Inq. 06); no/v/o (Inq. 06)
- [ũ]: /v/ũmitanØo (Inq. 94)
- [ɿ]: Flá/v/ia (Inq. 143)

c) Tipo de sílaba:

A variável tipo de sílaba foi escolhida por supormos que o fato de uma sílaba ser travada ou livre poderia influenciar na ocorrência do fenômeno. A seguir, exemplos de ocorrências em cada fator:

- Travada: /v/olta (Inq. 06); la/v/ei (Inq. 06)
- Não-travada: /v/ida (Inq. 06); no/v/o (Inq. 06)

d) Tonicidade do segmento:

As pesquisas, em geral, têm revelado que as sílabas tônicas, por possuírem um traço mais saliente, são mais suscetíveis a variações. Assim, verificaremos essa hipótese proposta pela literatura. Outros trabalhos que pesquisaram sobre a aspiração de /v/ e que utilizaram essas variáveis foram: Marques (2001) e Canovas (1991). A seguir, exemplos de ocorrências em cada fator:

- Tônica: /v/amo (Inq. 06); de/v/ia (Inq. 06)
- Pretônica: /v/ontade (Inq. 50); e/v/itá (Inq. 10)
- Postônica: leva/v/a (Inq. 06)

e) *Status* morfológico do segmento:

Embora estejamos analisando variáveis fonológicas, também investigaremos, se o *status* morfológico do segmento exerce alguma influência para a ocorrência do fenômeno em análise, se a aspiração e a manutenção se dão mais nos morfemas lexicais ou nos gramaticais onde elas estão presentes. Por exemplo, são encontradas muitas ocorrências do fenômeno em

análise no morfema verbal de pretérito imperfeito (-va), em verbos de primeira conjugação /ava/. Por isso, essa variável só será utilizada nas análises em que incluirmos /v/ em contexto intervocálico. Outras pesquisas que mediram a influência dessa variável para o enfraquecimento de /v/ foram a de Roncarati e Uchoa (1988) e a de Marques (2001). A seguir, exemplos de ocorrências em cada fator:

- Morfema lexical: la/v/á (Inq. 06)
- Morfema gramatical: gosta/v/a (Inq. 06)

f) Dimensão do vocábulo:

A variável dimensão do vocábulo será analisada para verificar se a extensão do mesmo teria alguma influência sobre o fenômeno. A maior parte das pesquisas aponta que quanto mais extenso for o vocábulo, maior será o enfraquecimento, ou seja, maior será o uso com a variante aspirada. Outra pesquisa que incluiu essa variável em suas análises foi a de Marques (2001). A seguir, os exemplos para cada fator:

- Monossílabo: /v/ai (Inq. 06)
- Dissílabo: /v/amos (Inq. 67); ti/v/é (Inq. 06)
- Trissílabo ou maior: /v/iolência (Inq. 94); le/v/aram (Inq. 06)

g) Classes de palavras:

A variável classes de palavras do vocábulo poderá influenciar ou não o uso de /v/. Uma observação a ser feita é que a classe Outros incluiu apenas as interjeições. As pesquisas de Roncarati e Uchoa (1988), Marques (2001) e Alencar (2007) também verificaram a influência dessa variável. A seguir exemplos de ocorrências que encontramos:

- Nomes: /v/ida (Inq. 06); cutu/v/elo (Inq. 06)
- Verbos: /v/ô (Inq. 06); fala/v/a (Inq. 06)
- Outros: /v/ixe (Inq. 50); A/v/e Maria (Inq. 95)

h) Grupo fônico:

Analisamos a variável grupo fônico a fim de separarmos dois contextos intervocálicos de /v/ que se comportavam de forma bem diferente nas gravações ouvidas por nós e em outras pesquisas que apresentaram essa mesma peculiaridade (RONCARATI; UCHOA (1988), CANOVAS (1991), MARQUES (2001), ALENCAR (2007) e PELICIONI (2008)). A seguir, exemplos de cada fator:

- Palavras com /ava/ (verbos e não-verbos): pega/v/a (Inq. 06); ca/v/alo (Inq. 111)
- Palavras sem /ava/ (verbos e não-verbos): ti/v/esse (Inq. 06); cutu/v/elo (Inq. 06)

i) Frequência de uso:

A variável frequência de uso do segmento, por sua vez, leva em consideração a hipótese proposta por Roncarati e Uchoa (1988) de que o fenômeno estaria lexicalmente condicionado, pois quanto mais determinada palavra precisar ser utilizada maior será a sua variação. No entanto, utilizamos critérios diferentes desses autores.

Inicialmente, deixamos para codificar essa variável após todas as outras terem sido codificadas na nossa amostra. Em seguida, fizemos uma contagem de cada palavra que aparecia em nossos dados para, depois, podermos agrupá-la ou não junto a outras que se modificavam apenas em algumas flexões. Por exemplo, num mesmo grupo, reunimos as palavras: “volta - volto - volte - voltam - voltá - voltava - voltando - voltamo(s) - voltaram - voltado - voltarão - voltasse - voltei - voltô”. Elas, juntas, contabilizaram 148 ocorrências (de enfraquecimento e de manutenção). No entanto, nem todas as flexões de um mesmo verbo ficaram reunidas num mesmo grupo, pois possuíam características fonológicas bem diferentes. Exemplos disso são os verbos “vem” (com 131 ocorrências) e “vinha(m)” (com 86 ocorrências).

Por último, com o número de cada grupo de palavras em mãos, pudemos reuni-las a partir de intervalos estabelecidos de acordo com o número total que encontramos em cada contexto. Por exemplo: para o contexto de /v/ em início de palavra, obtivemos 998 realizações para a palavra com maior ocorrência (“vai”), por isso, a classificamos como um termo extremamente usual; o fator que viria em segundo lugar, termos muito usuais, passaria a englobar as palavras que apresentassem um número inferior de ocorrências (neste fator, de 151-480, já que o grupo de palavras que apareceu em primeiro lugar, nesse segundo fator – “veze(s) - veiz(e) - veizinha - vez” –, obteve 430 ocorrências); os fatores sucessores, inclusive com /v/ em contexto intervocálico, utilizaram esse mesmo critério. Para uma melhor visualização da classificação que fizemos, ver Anexos G e H. A seguir, exemplificamos cada fator:

- Termo extremamente usual (de 481-1000 com /v/ em início e de 301-520 com /v/ intervocálico): /v/ai (Inq. 06); ta/v/a (Inq. 06)
- Termo muito usual (de 151-480 com /v/ em início e de 101-300 com /v/ intervocálico): /v/ê (Inq. 06); no/v/o (Inq. 06)

- Termo usual (de 61-150 com /v/ em início e de 61-100 com /v/ intervocálico): /v/iu (Inq. 06); chega/v/a (Inq. 06)
- Termo pouco usual (de 21-60 em ambos os contextos): /v/iolência (Inq. 94); no/v/ela (Inq. 95)
- Termo pouquíssimo usual (de 01-20 em ambos os contextos): /v/inho (Inq. 10); chu/v/a (Inq. 95)

- Extralinguísticas

Estas variáveis levam em conta os aspectos sócio-culturais e estilísticos que envolvem o indivíduo, tais como: gênero/sexo, faixa etária, escolaridade e monitoramento estilístico. Essas variáveis têm sido muito utilizadas por diversos autores que pesquisaram sobre o enfraquecimento de fricativas no português falado no Brasil. Assim, verificaremos a relevância dessas variáveis para esta amostra.

a) Gênero/Sexo:

Labov (1994), ao reconhecer as diferenças linguísticas entre homens e mulheres, elaborou alguns princípios básicos sobre isso. O primeiro deles é que, normalmente, são os homens que usam mais as formas não-padrão. Por outro lado, as mulheres favorecem mais as formas de prestígio do que os homens. No entanto, na mudança, são elas que se mostram mais inovadoras, utilizando as formas novas (desde que estas sejam de prestígio) bem mais do que os homens. Esses princípios levam em consideração as atitudes sociais de cada sexo.

Quanto à utilização da terminologia “gênero” para a variável sexo, Labov (2001) explica que todas as análises de diferenciação sexual, ao invés de buscarem graus de masculinidade ou feminilidade identificados socialmente, começam por separar a população em homens e mulheres, o que, muitas vezes, acaba recaindo sobre o sexo biológico do indivíduo. Por isso, resolvemos adotar, neste trabalho, a terminologia, gênero/sexo, pois, embora consideremos “gênero” a mais adequada – visto que está relacionado ao papel social que homens e mulheres assumem –, quando as entrevistas do NORPOFOR foram feitas, foi dada prioridade à separação em sexo biológico dos indivíduos.

Ao analisar o papel de homens e mulheres sobre a mudança linguística, Labov reconhece o *paradoxo do gênero*: “as mulheres se conformam mais atentamente que os homens a normas sociolinguísticas que são claramente prescritas, mas se conformam

[adaptam] menos que os homens quando não são.”⁴⁴ (LABOV, 2001, p. 293). Assim, as mulheres são mais sensíveis aos padrões de prestígio, e esse comportamento deve desempenhar um importante papel no mecanismo da mudança linguística. A explicação para isso é que as mulheres, por, normalmente, conversarem mais com as crianças do que os homens, durante os anos de formação das regras linguísticas com maior rapidez e eficiência, provavelmente teriam forte influência sobre o ritmo do progresso e a direção da mudança linguística.

Por isso, é importante observarmos que:

A generalização correta não é a de que as mulheres lideram a mudança linguística, mas sim que a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística. [...] A diferenciação sexual com que estamos lidando depende claramente de padrões de interação social na vida diária [...] e de uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para outro. (LABOV, [1972]2008, p. 348).

A partir dessas considerações, dividimos a variável gênero/sexo em:

- Masculino;
- Feminino.

b) Faixa etária:

A sociolinguística variacionista postula que as mudanças podem ser apreendidas durante a sua implementação através do que se denominou análise em tempo aparente. Levaremos em consideração, ainda, a hipótese clássica, segundo a qual

o comportamento linguístico de cada geração reflete um estágio da língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas alternantes que substituem gradativamente aquelas que caracterizam a fala de indivíduos de faixas etárias mais velhas. (ARAÚJO, 2007, p. 395).

Com isso, neste trabalho, faremos uma comparação da linguagem de pessoas de diferentes faixas etárias. Dessa forma, poderemos verificar se o fenômeno aqui analisado apresenta indícios de mudança em progresso ou de variação estável. As faixas que analisaremos são as mesmas estipuladas pelo Projeto NORPOFOR:

- 15-25 anos;

⁴⁴ “Women conform more closely than men to sociolinguistic norms that are overtly prescribed, but conform less than men when they are not.”

- 26-49 anos;
- 50 anos em diante.

c) Escolaridade:

A variável escolaridade está sempre presente nas pesquisas sociolinguísticas, visto que, geralmente, os falantes com menor nível de escolaridade são os que mais usam as formas não-padrão. Normalmente, é na escola onde o indivíduo é mais exposto ao conhecimento sistematizado da língua e às suas formas padrão.

Neste trabalho, estamos levando em consideração apenas falantes do que é considerado norma popular, ou seja, não estamos analisando falantes com nível superior de ensino. Assim, decidimos controlar essa variável (escolaridade) a partir da estratificação estabelecida pelo projeto NORPOFOR: 0 a 4 anos, 5 a 8 anos, 9 a 11 anos, levando em consideração para esta pesquisa apenas a primeira e a última faixas de escolaridade (já explicado anteriormente):

- 0-4 anos;
- 9-11 anos.

d) Monitoramento estilístico:

Nesta variável, analisaremos o tipo de discurso que envolve cada informante. Neste *corpus*, temos dois tipos: diálogo entre informante e documentador (DID) e diálogo entre dois informantes (D2). Acredita-se que situações de maior “pressão”, como o fato de o informante não se sentir à vontade com o documentador ou mesmo de saber que sua fala está sendo gravada, causam um maior monitoramento e controle linguístico por parte do falante. Por outro lado, situações mais “relaxadas”, como o relato de uma experiência pessoal, acarretam numa fala menos monitorada, conhecida pela sociolinguística como vernáculo – que deve ser a fala a ser analisada principalmente em pesquisas de natureza fonológica.

Em geral, espera-se que o DID apresente um comportamento de certa forma monitorado (não relaxado) pelo informante, o que pode ser um reflexo da presença do inquiridor e do gravador, embora a nossa escolha pela audição dos quarenta minutos⁴⁵ finais da gravação procure eliminar um pouco desse controle exercido.

⁴⁵ Esse tempo foi menor, quando a gravação possuía menos de 40 minutos.

O D2, por sua vez, normalmente reflete um discurso mais relaxado. Em geral, eles são realizados entre duas pessoas que já se conhecem e possuem certo grau de intimidade, fato que poderia eliminar boa parte do monitoramento na fala delas. Dessa forma, espera-se que haja um maior número de variantes inovadoras nesse estilo de fala. No entanto, esse tipo de discurso possui, algumas vezes, a desvantagem da sobreposição de vozes, o que dificulta a transcrição das ocorrências.

Portanto, os fatores analisados por esta variável são:

- DID;
- D2.

4.8 CODIFICAÇÃO E DIGITAÇÃO DOS FATORES

Concluído o envelope de variação, codificamos cada um dos fatores com símbolos diferentes em cada grupo. Por exemplo: Gênero: masculino (H), feminino (F); faixa etária: 15-25 anos (J), 26-49 anos (A), mais de 50 anos (I); anos de escolarização: 0 a 4 anos (P) e 9 a 11 anos (M). Depois disso, os dados foram digitados em dois arquivos separados: o primeiro apenas com contextos de /v/ em início de palavra, e o segundo com /v/ em contexto intervocálico. Por último, submetemos esses dados ao programa Goldvarb X, que será descrito logo a seguir.

4.9 A ANÁLISE ESTATÍSTICA

O método variacionista aqui utilizado torna possível identificar e analisar quantitativamente (e, conseqüentemente, qualitativamente) o efeito de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam os fenômenos de variação e mudança linguística, em situações reais de comunicação. Não pretendemos aqui calcular apenas as frequências brutas dos resultados, pois, segundo Naro (2004, p. 19), elas “podem ser falaciosas, porque seu cálculo não leva em conta as interrelações existentes entre as categorias que atuam numa regra variável.” Para que possamos definir a força de atuação conjunta das categorias existentes num determinado contexto, utilizaremos métodos computacionais que separam os efeitos individuais.

Neste trabalho, tomaremos como base o sistema logístico proposto por David Sankoff e Susan Pintzuk (1988), conhecido como VarbRul (do inglês *Variable Rules Analysis*). O VarbRul servirá aqui para medir os efeitos das variáveis independentes sobre a variável dependente, objeto de nossa investigação. A partir desse modelo logístico, a média do grupo de fatores é ponderada pelo número de dados empíricos de que se dispõe para cada fator com o objetivo de evitar que fatores que apresentam poucos dados tenham maior influência no cálculo. (NARO, 2004, p. 23).

Para o ambiente Windows, o pacote VarbRul tem a versão GoldVarb X, utilizada nesta pesquisa. Essa versão foi elaborada por Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005)⁴⁶, tomando como base a versão GoldVarb 2.0 de Rand & Sankoff (1990) para Macintosh.

Esse programa irá fornecer o número de ocorrências das variantes analisadas para cada fator, o percentual de aplicação da regra e o peso relativo (P.R.). Sobre este último, Guy e Zilles (2007, p. 211) explicam que “o efeito [...] pode ser neutro (0,50), favorecedor (acima de 0,50) ou desfavorecedor (abaixo de 0,50) em relação à aplicação da regra em estudo.”

A partir dos resultados das análises desse programa, podemos confirmar ou não nossas hipóteses iniciais. Dessa forma, se um grupo de fator for apontado como não significativo pelo programa, a hipótese será refutada; se o grupo for apontado como significativo, mas se sua influência não é como se previu no valor de aplicação, a hipótese também é rejeitada; e se o grupo for significativo e se sua influência for como a prevista no valor de aplicação, finalmente, a hipótese será confirmada.

O programa nos possibilita ainda, a fim de visualizarmos melhor a influência que cada fator pode ter sobre outro, realizar cruzamentos entre eles. Além disso, para que possamos encontrar melhores resultados, podemos fazer amálgamas entre os fatores, excluí-los, bem como criar novos grupos de fatores virtualmente (como fizemos, em algumas análises, com as variáveis sociais).

Outras informações importantes que o programa nos fornece são o *input*, a significância e o teste de verossimilhança (*log likelihood*) que cada rodada pode ter. Sobre o *input*, é importante observarmos que quanto mais próximo de zero for o seu valor, menor a probabilidade de ocorrência do fenômeno. Por exemplo, em uma das rodadas que analisamos,

⁴⁶ Essa versão pode ser encontrada e copiada, gratuitamente, em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>>

o *input* foi de apenas 0,033, significando que a possibilidade de haver aspiração de /v/ é muito pequena no contexto analisado. Encontramos em Scherre (1993, p. 27) uma explicação para a significância: “O programa trabalha com uma margem de erro de 5% (threshold ,05), ou seja, se o nível de significância for acima deste valor, previamente arbitrado, os resultados não são considerados estatisticamente significativos.” Sobre o teste de verossimilhança, Bisol e Brescancini (2002, p. 35-6) explicam que: “o *likelihood* indica o grau de probabilidade de os dados terem sido gerados pelo modelo. Os valores probabilísticos que resultam no valor mais alto do *likelihood* são considerados os mais prováveis de terem sido gerados pelo modelo.”

Da versão do VarbRul de 1988, aproveitamos para nossas análises os programas TSORT e TEXTSORT, que nos auxiliaram a encontrar, respectivamente, cadeias de codificação e palavras com um contexto específico que precisávamos localizar no arquivo de dados, os quais apresentaremos no capítulo a seguir.

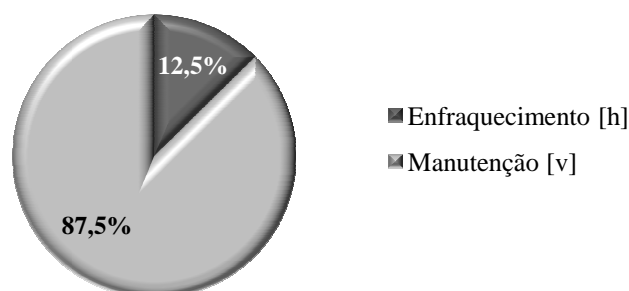
5 APRESENTAÇÃO DE DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção, faremos uma apresentação detalhada dos resultados que obtivemos após submetermos nossos dados ao programa de análise estatística (GoldVarb X, 2005). Além disso, após apresentarmos nossos resultados em relação a cada variável, sempre que possível, apresentaremos ainda os resultados de outras pesquisas que também abordaram o mesmo fenômeno.

5.1 OS DOIS CONTEXTOS DE /v/ (INÍCIO DE PALAVRA E ENTRE VOGAIS)

Nesta seção, discutiremos os resultados obtidos para o enfraquecimento de /v/ no contexto início de palavra e na posição intervocálica. No primeiro contexto, foram obtidas 5.962 ocorrências, o equivalente a 54,12%, e, no segundo, foram registrados 5.055 dados, o que corresponde a 45,88%, totalizando, assim, 11.017 ocorrências. Nos dois contextos, são encontradas 1.379 (12,5%) ocorrências do enfraquecimento, enquanto a manutenção surge com 9.638 (87,5%) dos dados, o que pode ser visualizado no gráfico 1.

Gráfico 1 – Distribuição das ocorrências por variante no contexto início de palavra e entre vogais antes da retirada dos nocautes



No estudo de Roncarati e Uchoa (1988), ao todo, foram encontrados 1.519 dados, sendo que 104 (6,85%) eram do enfraquecimento de /v/. Em relação à posição do segmento, o resultado foi semelhante ao nosso, mas com valores diferentes: 29 realizações aspiradas, de um total de 720 (4% e 0,39), para /v/ em início de palavra, e 75 dados de enfraquecimento das 799 (9% e 0,60) ocorrências, no interior de palavra. Os autores ressaltam ainda que este resultado favorece o morfema do imperfeito /ava/. Já o resultado global de Canovas (1991) apontou que, em Salvador, o uso da forma padrão é quase unânime, com 4,13% de uso da variante aspirada (72/1744). O estudo de Marques (2001), por sua vez, coletou, ao todo, 9.119

ocorrências, das quais 1.183 foram enfraquecidas (13% – 0,13), enquanto 7.935 foram da manutenção (87% – 0,88).

5.1.1 Primeira análise: visão global do fenômeno

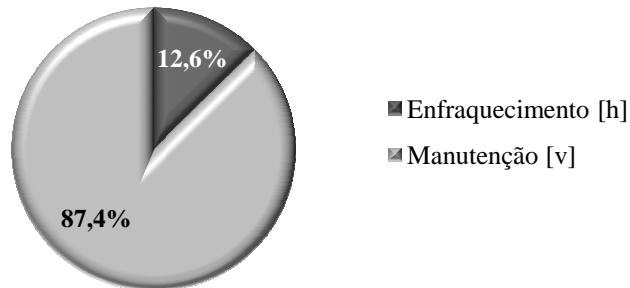
Ao analisarmos os dois contextos de /v/, juntos, tanto em início de palavra quanto em posição intervocálica, consideramos todos os grupos de fatores que ambos os contextos tinham em comum (contexto fonológico precedente, contexto fonológico subsequente, tipo de sílaba, tonicidade, dimensão do vocábulo, classes de palavras, gênero/sexo, faixa etária, escolaridade, monitoramento estilístico, frequência de uso) e realizamos três rodadas. A primeira foi apenas experimental e apresentou alguns nocautes; na segunda, eliminamos esses nocautes e obtivemos resultados satisfatórios; na terceira rodada, criamos três grupos no arquivo de condições, a fim de fazermos os cruzamentos entre três variáveis sociais (gênero/sexo, escolaridade e faixa etária). A seguir, detalharemos cada uma dessas rodadas.

A primeira análise que fizemos apresentou nocaute em dois grupos de fatores. O primeiro foi o contexto fonológico precedente, com a vogal [õ], registrando apenas ocorrências da manutenção. O segundo grupo foi o contexto fonológico subsequente, com nocautes na semivogal [ɨ] e na vogal [ũ]. A semivogal [ɨ] só apresentou uma ocorrência em todo o *corpus*, e esta foi da manutenção: “Flá[v]ia”. A vogal [ũ] apresenta apenas duas ocorrências, ambas da manutenção: “criança [v]umitando” (Inq. 94) e “depois [v]um” (Inq. 93).

De acordo com Guy e Zilles (2007, p.158), “nocaute é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0 ou 100% para um dos valores da variável dependente.” Na segunda rodada, foram retirados os fatores que apresentaram nocautes, uma vez que o programa não pode calcular o peso relativo dos fatores nem faz a seleção dos grupos mais relevantes se os nocautes permanecerem na rodada, pois ele foi desenvolvido para operar com regras variáveis.

Com isso, após eliminarmos os nocautes, passamos a analisar 10.955 dados, dos quais 1.379 (12,6%) são de ocorrências aspiradas, como ilustra o gráfico 2:

Gráfico 2 – Distribuição das ocorrências por variante no contexto início de palavra e entre vogais após retirada dos nocautes



Nessa rodada, obtivemos resultados satisfatórios, e o melhor nível de análise selecionado pelo programa foi o *step up 64* (*input* 0,043, significância 0,000 e *log likelihood* - 2780,782). Essa rodada apontou como grupos relevantes (nesta ordem): contexto fonológico subsequente, tonicidade, classes de palavras, escolaridade, faixa etária, frequência de uso, monitoramento estilístico, contexto fonológico precedente e gênero/sexo. Os grupos excluídos foram apenas (nesta ordem): dimensão do vocábulo e tipo de sílaba. A seguir, detalharemos os resultados de cada variável considerada relevante.

a) Contexto fonológico subsequente

Segundo Katamba (1996), normalmente um fonema tem alofones que são dependentes, numa determinada posição, de outros sons que os circunvizinham. Assim, é importante levar em conta a noção de direcionalidade, a fim de verificarmos se um fonema tem mais afinidade com o som que o antecede ou que o sucede.

Tabela 1 – Atuação do contexto fonológico subsequente sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais

Fatores	Aplica/Total ⁴⁷	%	P.R.	Exemplos
[õ]	2/56	3,6	0,846	boa [h]ontade
[ẽ]	53/419	12,6	0,707	menino [h]ão / le[h]ando
[a]	1064/3570	29,8	0,702	num [h]ai / pensa[h]a
[e]	48/860	5,6	0,582	continha [h]éa / ti[h]esse
[o]	61/1305	4,7	0,487	eu [h]ô / le[h]ô
[u]	18/373	4,8	0,436	se [h]ucê / no[h]o
[ẽ]	16/484	3,3	0,425	num[h]em
[õ]	6/285	2,1	0,410	pa [h]oltá / ad[h]ogado
[ĩ]	12/374	3,2	0,342	num [h]inha
[e]	32/1214	2,6	0,320	às [h]eze / ca[h]ei
[i]	67/2015	3,3	0,247	ela [h]iu / te[h]e

⁴⁷ Aplica/Total = número de ocorrências enfraquecidas/número total de dados da rodada.

A fim de deixar os nossos resultados mais claros, apresentaremos todos os exemplos de dados que tiveram até 15 ocorrências em nossa amostra. Assim, a outra ocorrência de [õ] é também com /v/ em início de palavra: “tenho [h]ontade” (Inq. 19). As outras de [ẽ] são também com /v/ em início de palavra. As outras 4 ocorrências de [ɔ] são com /v/ em início de palavra: “e [h]oltava” (Inq. 95 e 132), “num [h]otá” (Inq. 95), “num [h]oto” (Inq. 132), “pa [h]oltá” (Inq. 19). E as 11 ocorrências restantes de [ĩ] também são apenas com /v/ em início de palavra: “gente [h]inha” (Inq. 06), “pa [h]im” (Inq. 06), “e [h]im (Inq. 06 e 49)”, “sempe [h]inha” (Inq. 06), “qui [h]inha” (Inq. 46), “em [h]inte (Inq. 111)”, “quando [h]inha” (Inq. 10), “ai [h]im” (Inq. 19), “num [h]im” (Inq. 19), “que [h]im” (Inq. 19).

Como mostra a tabela 1, notamos que, quando /v/ é sucedido por [õ], [ẽ], [a] e [ɛ] (nesta ordem hierárquica), há o favorecimento da variante aspirada, enquanto as demais vogais inibem o fenômeno.

Outra observação que fizemos sobre esse fator é que, quando as vogais [õ], [ẽ] e [ĩ], sucedem /v/, só encontramos ocorrências aspiradas em contexto de início de palavra.

A pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988, p.41) analisa o fator “qualidade vocálica”, com o intuito de “verificar a hipótese de que determinadas vogais-base favoreceriam o enfraquecimento e o apagamento dos segmentos avizinhos.” Esse fator obteve resultado um pouco semelhante ao nosso, pois, na pesquisa desses autores, a vogal mais frequente foi /a/, tanto antecedendo quanto sucedendo /v/. Ao suceder, /a/ obtiveram 0,64 (72/405 – 17%). Em posição intervocálica, foi o grupo /ava/ o que apresentou os índices mais altos de enfraquecimento (0,85)⁴⁸.

O estudo de Marques (2001)⁴⁹ também revela que a vogal /a/ é a principal favorecedora do enfraquecimento de /v/ (0,76). Em segundo lugar, apareceram as vogais nasais (0,60), confirmadas nesta pesquisa pelas vogais [õ] e [ẽ]; em terceiro, surgiram as médias (0,52), cujo índice de probabilidade deveu-se, em grande parte, às vogais [e] e [ɛ],

⁴⁸ Os resultados de Roncarati e Uchoa (1988) tendem a apresentar apenas os casos de /v/ em interior de palavra.

⁴⁹ Na pesquisa de Marques (2001), o contexto fonológico seguinte só foi selecionado pelo arquivo 2, onde ela reuniu apenas as ocorrências de /v/ nos demais contextos que não incluíam o grupo /ava/.

aqui confirmadas apenas por [ɛ]. Por último e inibindo a variante aspirada, temos as vogais altas (0,34), as quais também se mostraram inibidoras nos nossos resultados.

Por último, achamos interessante registrar ainda que o estudo de Aragão (2009) apresenta a vogal seguinte como um dos fatores internos que mais marcam o fenômeno no falar do Ceará. Embora a autora não cite uma vogal específica, entendemos, pelos seus exemplos, que seja [a]: “ca[h]alo”.

b) Tonicidade

A variável tonicidade nos mostrou que apenas as postônicas (0,738) agem no sentido de favorecer o enfraquecimento de /v/, enquanto as pretônicas (0,241) e as tônicas (0,476) o inibem, conforme os dados da tabela 2.

Tabela 2 – Atuação da tonicidade sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplos
Postônicas	922/3065	30,1	0,738	deixa[h]a
Tônicas	428/5611	7,6	0,476	pra [h]i / no[h]ela
Pretônicas	29/2279	1,3	0,241	de [h]agabundo

O predomínio das postônicas em favor da variante aspirada deve-se ao grande número de ocorrências das formas no pretérito imperfeito com o grupo /ava/.

Na pesquisa de Marques (2001), temos resultados semelhantes para um contexto diferente. Por isso, as conclusões às quais ela chega são diferentes das nossas. No arquivo em que essa autora separou apenas as ocorrências de /v/ nos demais contextos que não tivessem a forma /ava/, as postônicas também se mostraram bastante influentes (0,71), mas as tônicas (mediais) mostraram-se um pouco mais favoráveis (0,73); já as pretônicas, semelhante aos nossos resultados, também se mostraram inibidoras do fenômeno (0,27). O que chama atenção nesses resultados é que é a posição onde se encontra o segmento que se mostra como fator diferenciador e não a sua tonicidade:

[...] A tonicidade em que o segmento se encontra dentro da palavra não se mostrou muito significativa, pois tanto em sílaba átona quanto tônica, a fricativa /v/ apresentou índices bem similares. Entretanto, a posição do segmento no vocábulo conseguiu formar grupos opostos, ou seja, revelou que a posição medial, ou interior do vocábulo (.73 e .71), é mais favorável à aplicação de enfraquecimento do que a inicial (.49, .39, .27). (MARQUES, *op. cit.*, p. 67-8).

Já na pesquisa de Canovas (1991), a única que usa como critério a própria tonicidade da sílaba onde ocorreriam as fricativas em estudo⁵⁰, houve resultados diferentes dos nossos: as ocorrências aspiradas de /v/ em início de sílaba são bem mais frequentes em sílabas átonas [-ac] (56/970 = 5,77%) do que em sílabas tônicas [+ac] (2/774 = 0,25%).

c) Classes de palavras

De acordo com Dubois *et al.* (1973), a produtividade de uma variação é também influenciada pelos níveis morfológicos, pois existem fenômenos que atingem apenas determinadas classes de palavras, não agindo em outras.

Em nossos dados, quanto às classes de palavras, verificamos que o maior aliado da variante aspirada surgiu no grupo onde não poderia conter nem verbos, nem nomes, denominado de “Outros” (0,957), e todas as ocorrências aspiradas que nele encontramos correspondem à locução interjetiva “Ave Maria!”. Assim, verificamos que essa expressão, a partir dos dados que encontramos, é praticamente uma regra categórica em relação ao uso da forma aspirada.

De acordo com a tabela 3, os verbos também se mostraram favorecedores do fenômeno (0,608), mas o grupo dos nomes apresentou uma baixa probabilidade (0,329), inibindo a variante reificada.

Tabela 3 – Atuação das classes de palavras sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplos
Outros	24/54	44,4	0,957	A[h]e Maia
Verbos	1267/6596	19,2	0,608	inda [h]ai / puxa[h]a
Nomes	88/4305	2,0	0,329	continha[h]éa / dú[h]ida

Já Roncarati e Uchoa (1988), após fazerem o levantamento lexical, verificam que, em seus dados, a variante aspirada já estava em estágio bastante avançado em “ta[h]a” e “gosta[h]a”, parecendo “estar no meio do caminho” (RONCARATI; UCHOA, *op. cit.*, p. 68) em “fica[h]a”, “da[h]a” e “chega[h]a”, podendo ainda ocorrer esporadicamente com qualquer outro verbo, como “deixa[h]a”, “enxerga[h]a” ou “mora[h]a”. As formas do verbo “ir” (“vou”, “vi” e “vamos”) também apresentaram um número expressivo na variante aspirada (47/255 – 18,43%). Os autores verificaram ainda que as formas dos verbos “ter”, “vir” e “ver”

⁵⁰ A autora explica desta forma o porquê da escolha desse critério: “Uma vez que a análise preliminar dos dados mostrou a irrelevância da tonicidade na própria sílaba das fricativas, resolvemos desconsiderar a questão da distância de tonicidade antecedente e posterior ao fenômeno em estudo.” (CANOVAS, 1991, p. 66).

também foram muito frequentes. Além dos verbos, outras expressões bastante utilizadas foram a locução adverbial “às [h]ezes” e a locução interjetiva “A[h]e Maria”.

No estudo de Marques (2001), essa variável é selecionada nos dois contextos em que a autora analisa o enfraquecimento de /v/, ou seja, tanto no arquivo que continha as formas com /ava/ quanto no outro arquivo, onde havia os demais contextos. Para o primeiro arquivo, os resultados indicam que são os verbos (0,53) os únicos favorecedores do fenômeno; as demais categorias gramaticais foram amalgamadas e mostraram um resultado irrelevante (0,13). No arquivo, contendo os demais contextos, essa variável foi selecionada em último lugar e também obteve um valor relevante para o enfraquecimento, de 0,60 (88/3992 – 2%), enquanto o grupo dos não-verbos obteve apenas 0,36 (19/2690 – 1%).

Alencar (2007) também observa que as formas do pretérito imperfeito do indicativo em /ava/ é que apresentam o maior número de ocorrências. Em seus dados, outras formas verbais não foram relevantes e houve um baixo índice de ocorrência em outras classes de palavras. No entanto, a autora também confirma que, depois das formas verbais em /ava/, são as formas do verbo “ir” (“[h]ô”, “[h]ai”, “[h]á”, “[h]amos”, “[h]ão”), “ter” (“te[h]e”, “ti[h]er”), “estar” (“esta[h]a”, “ta[h]a”), “vir” (“[h]im”, “[h]em”) e “levar” (“le[h]ava”) as mais atingidas.

d) Escolaridade

Diversas pesquisas têm demonstrado uma relação próxima entre o nível de escolaridade do falante e sua escolha por determinados tipos de variantes. Labov (1966), ao estudar o inglês falado em Nova Iorque, observou que os falantes com menor escolaridade usavam com maior frequência as formas não-padrão, enquanto que as formas padrão eram mais utilizadas pelos mais escolarizados. Essa constatação vem sendo uma tendência de muitos trabalhos na área da sociolinguística quantitativa.

Segundo Alencar (2007, p. 44),

há uma intenção explícita, na escola, de desenvolver um padrão linguístico (norma padrão) e, ao mesmo tempo, uma intenção implícita em ser a instituição reprodutora da ordem social. Portanto, somente frequentando a escola, o falante poderá dominar as formas da língua culta.

Sobre a relação da escola com a mudança linguística, Marques (2001, p. 75) ressalta que “a escola exerce um importante papel, seja para frear e/ou retardar o fluxo natural de uma mudança, seja para constituir-se um agente fundamental dela.”

Para Oliveira e Silva (2004), a escola, ao basear o ensino da oralidade a partir de uma imitação da língua escrita, determina um certo desempenho linguístico para o falante. Esse acesso à norma padrão que a escola possibilita representa, também, um papel social muito importante, já que esse acesso pode ser visto como um instrumento de ascensão social.

Tabela 4 – Atuação da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
0 a 4 anos	955/5291	18,0	0,629
9 a 11 anos	424/5726	7,4	0,380

Nesta pesquisa, para os contextos de /v/ em início de palavra e intervocálico, verificamos que, de acordo com a tabela 4, o fenômeno dá mostras de que é estigmatizado, pois são os informantes com menor escolaridade (de 0 a 4 anos) os que favorecem o enfraquecimento (0,629). Os que possuem de 9 a 11 anos de escolarização inibiram o seu emprego (0,380).

Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), o fator escolaridade revelou algo semelhante aos dados da tabela 4, ao serem expostos os resultados globais de /v/, /z/ e /ʒ/, com 0,84 de enfraquecimento nas séries iniciais do primeiro grau (atualmente, Ensino Fundamental)⁵¹. No entanto, ao expor o peso de /v/, separadamente, o resultado foi diferente, pois os índices de enfraquecimento (0,89) “são menores em falantes com as séries iniciais do 1º grau”⁵² (p. 20). Em contrapartida, os resultados do teste de atitudes, aplicado pelos autores, revelaram resultados mais voltados para determinados itens lexicais: “As formas menos favoravelmente cotadas, [...] ‘tele[h]isão’⁵³, seriam produzidas por aqueles falantes do grupo ‘c’: menor escolaridade, menor *status* e não-urbanos” (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 93).

Esse mesmo teste de atitudes revelou ainda que, em relação ao item “gosta[h]a”, três juízes mencionaram a existência da troca de “v” por “r”: “Um juiz afirmou que ‘aprendi bastante para não cometer tal erro’.” (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 95). Entre os outros

⁵¹ Mas ainda ressaltam que, na amostra estudada, não há jovens, de sexo masculino, analfabetos ou com a 1ª-4ª séries do 1º grau (atualmente, 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental).

⁵² Esse resultado parece estar incoerente com os demais que são apresentados por Roncarati e Uchoa (1988) em relação a essa mesma variável.

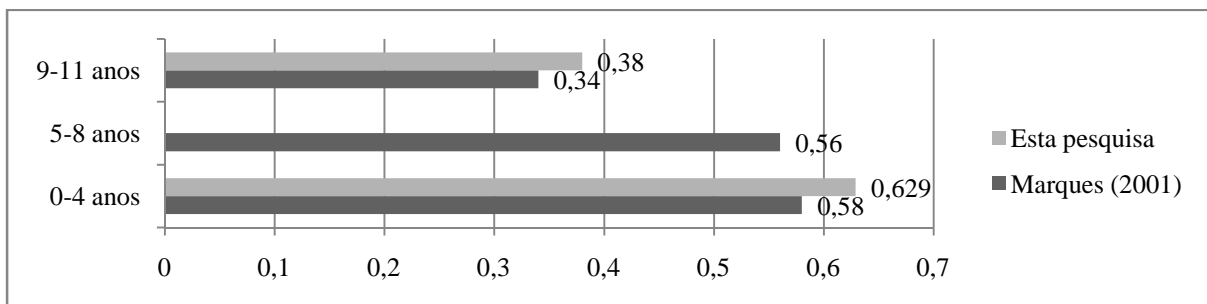
⁵³ Nesse teste de atitudes, não são citadas palavras com /v/ em início de palavra.

dois que aceitaram esta troca, um disse que “às vezes digo ‘rambora’ em situação informal”. (*Op. cit.*, p. 95).

Em Canovas (1991), observamos resultados bem diferentes, pois são os falantes de 3º grau completo os que mais favorecem a regra, com 5,73% das ocorrências (34/593). Em seguida, vêm os falantes que possuíam até o 1º grau (3,60% ou 21/583) e, por último, os que tinham o 2º grau completo (0,52% ou 3/568). Pelicioli (2008), aproximadamente dezessete anos depois, obteve os mesmos resultados: os falantes de nível universitário foram responsáveis por 52,1% (25/48) das realizações aspiradas de /v/, enquanto os de nível fundamental ficaram com apenas 47,9% (23/48) das ocorrências. Por isso, pode-se dizer que, em Salvador, a variante reificada não é estigmatizada.

Na pesquisa de Marques (2001)⁵⁴, os informantes analfabetos foram os maiores aliados do enfraquecimento (0,59), obtendo um índice muito próximo aos que tinham de 1 a 4 anos de escolarização (0,58). Os indivíduos com 5 a 8 anos de escolaridade também agiram positivamente sobre o fenômeno (0,56), porém os falantes com 9 a 11 (0,34) e mais de 11 anos (0,29) inibiram o enfraquecimento. Dessa forma, percebemos que a forma aspirada também é estigmatizada em João Pessoa. Entende-se melhor a comparação, entre o que ocorre com essa variável no estudo de Marques (2001) e nesta pesquisa, vendo o gráfico 3⁵⁵:

Gráfico 3 – Pesos relativos da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ no estudo de Marques (2001) e nesta pesquisa



Já em 1937, a pesquisa de Aguiar também observou que esse fenômeno, no falar cearense, acontecia “no dialeto rústico e no infantil” (AGUIAR, 1937, p. 298). Macambira (1987), por sua vez, relata que o mesmo fenômeno ocorre, no português coloquial de Fortaleza, “na boca de formandos e formados” (MACAMBIRA, *op. cit.*, p. 274).

⁵⁴ Em Marques (2001), os resultados das variáveis sociais referem-se apenas ao arquivo onde ela reuniu as palavras que possuíam o grupo /ava/ (sendo do pretérito imperfeito ou não), pois, no outro arquivo, onde ela colocou os demais contextos de /v/, o programa não selecionou nenhuma variável social.

⁵⁵ Como já explicamos na seção 4.4, não trabalhamos com a escolaridade de 5 a 8 anos.

Na pesquisa de Aragão (2009), a autora menciona que comparou, informalmente, o seu *corpus*⁵⁶ a um *corpus* de norma culta, também do Ceará, e constatou que o enfraquecimento de /v/, /z/ e /ʒ/ ocorre,

não apenas na linguagem popular de pessoas de pouca escolaridade, mas, também, na linguagem padrão, de pessoas de classe social alta e de grande escolaridade, o que comprovaria que esses fatores não são determinantes nem favorecem o enfraquecimento e a neutralização desses fonemas. (ARAGÃO, *op. cit.*, p. 199)

Com isso, reconhecemos que ainda seja necessário um estudo com a inclusão de falantes cultos e a aplicação de testes de atitudes linguísticas, a fim de que possamos verificar, de maneira inequívoca, como o fenômeno é avaliado entre os fortalezenses.

e) Faixa etária

Estudos feitos por Labov, em Nova Iorque (1966) e em Matha's Vineyard (1963), comprovaram que existe uma tendência dos mais jovens usarem as formas mais inovadoras, enquanto que os mais idosos privilegiam as formas mais conservadoras (padrão). O fator faixa etária indica o estado em que se encontra uma variável numa comunidade e o comportamento que ela pode orientar, se o fenômeno encontra-se em variação estável ou em processo de mudança (MARQUES, 2001).

Tabela 5 – Atuação da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
50 anos ou mais	684/3854	17,7	0,614
26-49 anos	405/3631	11,2	0,484
15-25 anos	290/3532	8,2	0,391

Em nossos dados, a faixa etária foi a variável selecionada em quinto lugar e, a partir dela, constatamos, conforme a tabela 5, que os mais idosos (de 50 anos ou mais) são os únicos que favorecem o enfraquecimento (0,614). Os mais jovens (de 15 a 25 anos) e os adultos (26 a 49 anos) inibem a regra: 0,391 e 0,484, respectivamente. Também notamos que à medida que cresce a faixa etária do informante, aumenta o uso da variante reificada.

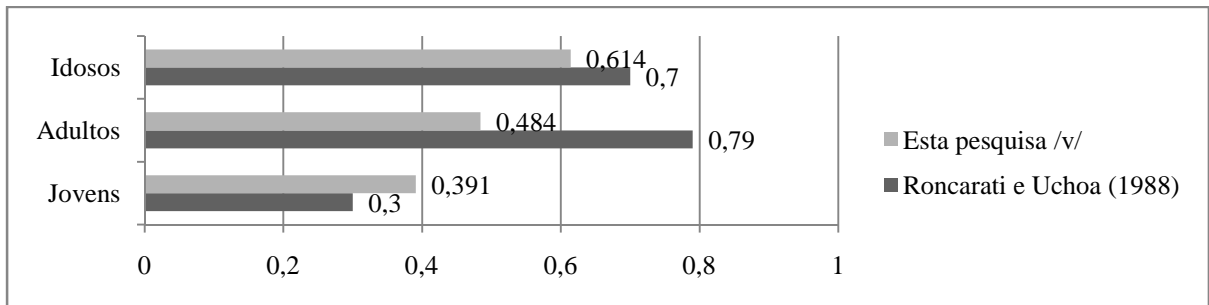
Em Roncarati e Uchoa (1988), encontramos um resultado diferente, pois são os jovens⁵⁷ que mais frequentemente enfraquecem o /v/ (0,80). Além disso, numa abordagem

⁵⁶ Quanto à escolaridade, o *corpus* de Aragão (2009) era formado por quatro informantes que possuíam até o Ensino Fundamental I; dois que possuíam até o Ensino Fundamental II; e dois com nível superior.

geral sobre os resultados de /v/, /z/ e /ʒ/, viu-se que havia uma certa tendência para o enfraquecimento aumentar à medida que crescia a faixa etária do falante: criança (0,20), adolescentes (0,30), jovens (0,79) e adultos (0,70).

Dessa forma, ao compararmos os resultados dessa variável na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988) com os obtidos neste estudo (ver gráfico 4), cujos dados foram coletados cerca de quinze anos depois⁵⁸, podemos inferir que há uma tendência ao desaparecimento das formas enfraquecidas no falar fortalezense.

Gráfico 4 – Pesos relativos da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ no estudo de Roncarati e Uchoa (1988) e nesta pesquisa



Na pesquisa de Canovas (1991), os resultados dizem o mesmo sobre o falar de Salvador: os mais idosos são os que mais realizam a variante aspirada (4,05%, 25/617), seguidos dos de 21 a 45 anos (3,42%, 21/613) e dos de 13 a 20 anos (2,33%, 12/514). O estudo de Pelicioli (2008) também constatou que os mais idosos (de 46 a 61 anos), entre os soteropolitanos, são os que mais aspiram /v/ (58,3%, 28/48), diferentemente dos de 20 a 30 anos (41,7%, 20/48) que reificam menos.

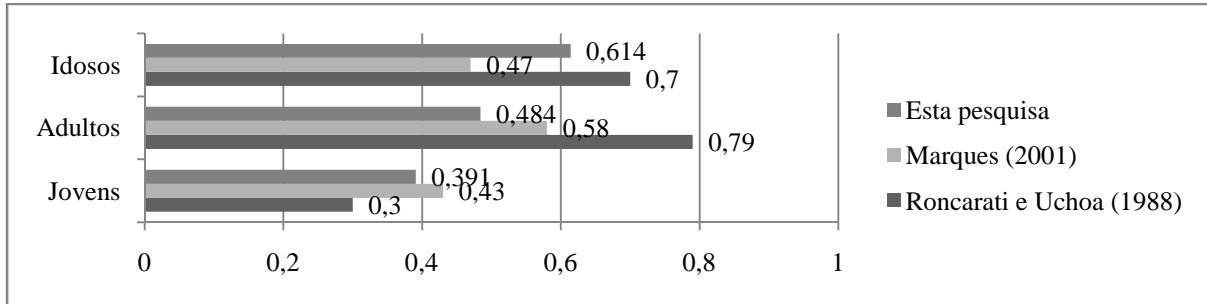
Já em João Pessoa, houve um resultado diferente: a pesquisa de Marques (2001) verificou que são os indivíduos da faixa etária de 26 a 49 anos os que mais favoreceram o enfraquecimento (0,58), enquanto que as outras faixas etárias inibiram a aplicação do fenômeno (0,43 para os de 15 a 25 anos e 0,47 para os de 50 anos ou mais). A visualização da comparação desse resultado, destoante dos demais aqui apresentados, é dada pelo gráfico 5⁵⁹:

⁵⁷Lembramos que, na amostra desses autores, a faixa etária é dividida entre criança (uma de 10 anos), adolescentes (um de 14, outro de 15 anos), jovens (um de 21, outro de 22 e um de 24) e adultos (um de 38, dois de 40 e um de 42).

⁵⁸Conforme já informado na seção 4.4, os dados do NORPOFOR foram coletados entre 2003 e 2006.

⁵⁹Como Canovas (1991) e Pelicioli (2008) apresentaram apenas as frequências em seus estudos, não foi possível comparar os nossos pesos relativos com os destes autores.

Gráfico 5 – Pesos relativos da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ no estudo de Marques (2001), no de Roncarati e Uchoa (1988) e nesta pesquisa



f) Frequência de uso

Tabela 6 – Atuação da frequência de uso sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplos
Termo extremamente usual ⁶⁰	512/2691	19,0	0,612	inda [h]ai / ta[h]a
Termo muito usual	203/2178	9,3	0,597	mai [h]elho / fica[h]a
Termo usual	283/2104	13,5	0,512	num [h]inha / da[h]a
Termo pouco usual	167/1626	10,3	0,398	num [h]ia / si[h]iu
Termo pouquíssimo usual	212/2418	8,8	0,346	uma [h]acaria / cutu[h]elo

A variável frequência de uso apresentou resultados que comprovaram nossas hipóteses, pois, quanto maior a frequência de uso de uma palavra, maior foi a sua probabilidade de enfraquecimento, como revela a tabela 6.

Por esses resultados, podemos verificar ainda que apenas os termos pouco usuais (0,398) e os termos pouquíssimo usuais (0,346) inibem o enfraquecimento; nos demais fatores desta variável há o favorecimento da variante aspirada.

Ao fazermos a contagem de cada palavra ocorrida na nossa amostra, verificamos que nos três primeiros lugares estão: em contexto de início de palavra – “/v/ai”, “/v/ocê(is) - /v/ucê(is)”, “/v/o -/v/ou”; em contexto intervocálico – “ta/v/a(m) - esta/v/a(m)”, “ti/v/e - ti/v/é - ti/v/esse - ti/v/eram - ti/v/éssemos - ti/v/erem”, “con/v/ersa - con/v/ersando - con/v/erso - con/v/ersava - con/v/ersou - con/v/ersei - con/v/ersarem - con/v/erse”.

Assim, verificamos que, apesar de terem utilizado critérios diferentes dos nossos para categorizar esta variável, as formas citadas por Roncarati e Uchoa (1988) são semelhantes às nossas, confirmando, portanto, que quanto maior a usualidade de um item maior será a sua probabilidade de ser enfraquecido.

⁶⁰ Sobre o parâmetro que utilizamos para determinar cada fator desta variável, rever a seção 4.7.2, item “i”.

Por último, após realizar o levantamento lexical, Roncarati e Uchoa (1988) mostram apenas a hierarquia dos fatores selecionados pelo programa para o enfraquecimento de /v/. Considerando-se os contextos de início de palavra e intervocálico (juntos), essa ordem foi: segmento enfraquecido nas formas em /ava/, vogal seguinte /a/, distância 3 a 5 da tonicidade seguinte, falantes jovens, falantes com 1^a a 4^a séries do 1^o grau, falantes da classe média, segmento enfraquecido no interior da palavra, distância 1 da tonicidade antecedente e falantes de sexo masculino e feminino.

A outra pesquisa que testa essa variável (usualidade do item lexical) é a de Pelicioli (2008), a qual encontra, em seus dados de aspiração, apenas: o sufixo do imperfeito /ava/ (42/48 – 88%), as flexões do verbo “ir” (5/48 – 10%) e a única ocorrência do advérbio “inclusive” (1/48 – 2%). No entanto, por não ter submetido os dados de /v/ ao programa, não nos traz nenhuma ordem de fatores selecionados após relatar os itens lexicais mais recorrentes em sua pesquisa.

g) Monitoramento estilístico

A sétima variável selecionada nesta rodada foi o monitoramento estilístico.

Tabela 7 – Atuação do monitoramento estilístico sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
DID	1014/7173	14,1	0,551
D2	365/3844	9,5	0,404

Pelos resultados que encontramos, ela não confirmou a hipótese de que nos Diálogos entre Informante e Documentador (DID) obteríamos menos dados enfraquecidos, pois neles o peso relativo foi maior (0,551) do que nos Diálogos entre dois Informantes (D2) (0,404), conforme a tabela 7.

Embora nos DID o enfraquecimento tenha sido maior, percebemos que isso acontece discretamente, aproximando-se do ponto neutro. Por isso, constatamos que o fenômeno ocorre independentemente do contexto de fala, o que poderia caracterizar uma marca regional, típica do falar fortalezense, visto que os informantes não se inibem durante a entrevista. Outra explicação para isso é que, durante a fase das transcrições, notamos que os entrevistadores (dos DID) tinham conseguido criar um ambiente de muita informalidade, cumprindo seu objetivo inicial, como relata Araújo (2007):

Embora o grau de intimidade entre informante e pesquisador não fosse muito elevado, porque, na maioria das entrevistas, os participantes não se conheciam previamente, o entrevistador buscava conduzir a entrevista de forma descontraída e natural.

Nas entrevistas realizadas, a participação do pesquisador restringia-se à formulação de perguntas curtas e claras que eram feitas com o intuito de incentivar o entrevistado a falar o máximo possível. [...]

Sempre que era percebida a preferência do entrevistado por um determinado assunto, procurava-se explorar este tema mais detidamente. Isso fazia com que o informante se entusiasmasse com o seu relato a ponto de esquecer que sua fala estava sendo gravada, como ele próprio confessava, ou lamentasse o término da entrevista. (ARAÚJO, 2007, p. 57).

Em contrapartida, observamos também que, nos D2 analisados, os informantes não se mostraram muito à vontade.

Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), após a aplicação do teste de atitudes entre dez juízes cearenses, chegou-se às hipóteses de que “a situação de fala informal, rápida, relaxada e menos monitorada parece favorecer o enfraquecimento.” (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 93).

Dentre os fatores diastráticos, os que mais marcaram a neutralização dos fonemas /v, z, ʒ, r⁶¹/ foram: “os estilos formal/informal, tenso/distenso, monitorado/não-monitorado.” (ARAGÃO, 2009, p. 199).

Alencar (2007) corrobora com estas duas pesquisas ao constatar que, embora haja predominância da manutenção das fricativas desvozeada e vozeada, tanto em posição de início de vocábulo quanto no meio da palavra, “em termos discursivo-pragmáticos, em situação menos monitorada, digamos mesmo, relaxada, mais rápida, a fala favorece a neutralização [...]”(ALENCAR, 2007, p. 120).

h) Contexto fonológico precedente

⁶¹ A notação simbólica está igual à original.

Tabela 8 – Atuação do contexto fonológico precedente sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplos
[ẽ]	1/3	33,3	0,932	amanhã [h]ai
[a]	964/3628	26,6	0,618	minina [h]éa / chama[h]a
[ũ]	49/468	10,5	0,573	num [h]ão / cun[h]esa
[ɨ]	26/380	6,8	0,534	rai[h]a / rapai [h]êi
pausa	32/389	8,2	0,523	# [h]ocê
[u]	33/554	6,0	0,520	quato [h]eiz / chu[h]a
[consoante]	18/605	3,0	0,486	às[h]eze
[e]	38/516	7,4	0,451	cê [h]ai / ne[h]oso
[w]/ [ɥ]	47/828	5,7	0,442	eu vô / Sil[h]a
[i]	108/2106	5,1	0,415	gente [h]amo / ti[h]e
[ɔ]	15/397	3,8	0,382	só [h]ai / no[h]a
[ĩ]	3/130	2,3	0,352	em [h]inte / in[h]erno
[ɛ]	37/562	6,6	0,349	le[h]á
[o]	8/389	2,1	0,292	jogadô [h]ô / po[h]o

Dentre os dados com até 15 ocorrências, encontramos as outras 2 ocorrências de [ẽ] (da manutenção), também com /v/ em início de palavra: “manhã [v]amo” (Inq. 50) e “manha [v]ocê” (Inq. 132). Para pausa e consoante, enquanto contextos precedentes, as outras ocorrências são também com /v/ em início de palavra. As outras 13 ocorrências de [ɔ] são: “no[h]ela” (Inq. 46 e 46), “no[h]a” (Inq. 129, 19 e 19), “po[h]a” (Inq. 59), “só [h]ai ” (Inq. 153, 09, 09, 49, 49 e 143) e “só [h]ô” (Inq. 18). A outra ocorrência de [ĩ] é: “assim [h]amo” (Inq. 153). As outras ocorrências de [ɛ] são também com /v/ intervocálico. E as 6 ocorrências restantes de [o] são: “no[h]o” (Inq. 95, 95, 09, 19), “po[h]o” (Inq. 93) e “vô [h]ai” (Inq. 46).

De acordo com a tabela 8, em nossos dados, a variável contexto fonológico precedente apresentou, mais uma vez, as vogais [a] e [ẽ] como as maiores aliadas do enfraquecimento. A primeira novamente podemos explicar pela enorme ocorrência com as palavras que contêm o grupo /ava/; a segunda explicamos apenas pelas três ocorrências que encontramos, sendo uma delas aspirada, o que fez com que sua probabilidade aumentasse consideravelmente. Os demais contextos favorecedores do fenômeno são, nesta ordem hierárquica: a vogal [ũ], a semivogal [ɨ], a pausa, e a vogal [u]. Em contrapartida, o enfraquecimento, quando antecedido por consoante, pelas vogais [e], [i], [ɔ], [ĩ], [ɛ] e [o] e pela semivogal [w]/ [ɥ], foi inibido.

Outra observação que fizemos sobre esse fator é que, quando /v/ é precedido por [ẽ], pausa e consoante, só encontramos ocorrências aspiradas em contexto de início de palavra. Já quando é precedido por [ɛ], suas ocorrências são apenas intervocálicas.

Em outras pesquisas, essa variável também foi considerada relevante, a exemplo do trabalho de Roncarati e Uchoa (1988), como já mencionamos (cf. item “a” - contexto fonológico subsequente), cujos resultados revelam que a vogal mais frequente, tanto antes quanto depois de /v/, foi /a/: em posição anterior, obteve o índice de 0,78 (66/471 – 14%).

Na pesquisa de Marques (2001), essa variável foi selecionada⁶² em terceiro lugar, e as vogais médias foram as que mais favoreceram (0,64), seguidas pela vogal baixa (0,60). As vogais altas (0,38) mostraram-se inibidoras do fenômeno, e as nasais apresentaram nocaute. A autora realizou ainda um cruzamento entre esse grupo e o contexto fonológico subsequente, obtendo o seguinte resultado: “quando /v/ está antecedido por uma média e sucedido por um /a/, ou, antecedido por /a/ e seguido por uma nasal, a probabilidade de variação é bastante positiva (0,77 e 0,68).” (MARQUES, 2001, p. 70).

i) Gênero/sexo

As diferenças linguísticas devidas ao sexo, segundo Chambers e Trudgill ([1980] 1998), ocorrem desde a fala das crianças. Para isso, citam como exemplo a pronúncia do /r/ pós-vocálico em Edimburgo, onde há um padrão de diferenciação, mesmo na fala de crianças de seis anos de idade.

Para Monteiro (2000, p. 76), a diferença sexual é, antes de tudo, “um fato de ordem sociocultural que se reflete na língua enquanto sistema semiótico entre outros.” Estudos sociolinguísticos que envolvem a variável sexo normalmente revelam que as mulheres costumam utilizar as formas prestigiadas socialmente (padrão), enquanto os homens favorecem mais as formas menos valorizadas (não-padrão). O primeiro estudo que considerou essa variável foi o de Fisher (1958, *apud* PAIVA, 2004), intitulado *Influências sociais na escolha de variantes linguísticas*, no qual analisa a variação na pronúncia do sufixo inglês “-ing”, formador de gerúndio. Nesse estudo, o autor constata que a pronúncia velar (e não a dental) era mais frequente entre as mulheres e essa escolha se dava em função de uma

⁶² Essa variável foi selecionada, no trabalho de Marques (2001), apenas nos contextos que não continham o grupo /ava/.

valorização social: forma prestigiada *versus* forma não-prestigiada. Dessa forma, ele conclui que a fala de prestígio tende a predominar na fala das mulheres.

Segundo Paiva (2004, p. 36), as mulheres também tendem a “liderar processos de mudança linguística, estando, muitas vezes, uma geração à frente dos homens.” No estudo de Labov (1972), sobre o a pronúncia de [r] pós-vocálico no inglês de Nova York, podemos comprovar isso, pois a pronúncia retroflexa, forma inovadora, mas de prestígio, predominou entre as mulheres. No entanto, quando a forma é socialmente desprestigiada, os homens é que lideram o processo de mudança, e as mulheres assumem uma atitude conservadora. Assim, “o que se pode generalizar, pelo momento, é a maior sensibilidade feminina ao prestígio social atribuído pela comunidade às variantes linguísticas.” (PAIVA, 2004, p. 37).

Essa maior sensibilidade pode ser explicada também pelo maior formalismo associado aos papéis femininos e ao fato de a posição social delas estar menos assegurada do que a do homem. Em virtude disso, as mulheres sentem a necessidade de resguardar a face e de manifestar um comportamento que não ameace sua aceitação social.

Para Callou (1979), o que, em geral, dizem as pesquisas de geografia linguística é que a fala das mulheres é vista, pela dialetologia urbana, como inovadora. Isso pode ser explicado pelo fato de que “num grande centro urbano, nos últimos anos, a mulher passou a atuar de forma diferente dentro do contexto social, assumindo um papel economicamente mais ativo.” (CALLOU, *op. cit.*, p. 38).

Tabela 9 – Atuação do gênero/sexo sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
Homens	601/5343	11,2	0,538
Mulheres	778/5612	13,8	0,464

Em nossos dados, a última variável selecionada pelo programa foi o gênero/sexo, o que significa que é a menos relevante para o processo de enfraquecimento de /v/. Os resultados da tabela 9 corroboram com as demais pesquisas sociolinguísticas que selecionam esta variável, pois são os homens os que favorecem a variante estigmatizada (0,538), enquanto as mulheres inibem o enfraquecimento (0,464). Esse resultado, porém, deve ser visto com cautela, porque, apesar de os homens serem favorecedores do fenômeno, o peso relativo que lhes é atribuído está muito próximo do ponto neutro, assim como as mulheres

também apresentam um peso que se aproxima de 0,50. Isso nos leva a acreditar que os dois gêneros/sexos não destoam muito no emprego da variante aspirada.

Em Roncarati e Uchoa (1988), o fator sexo não foi considerado estatisticamente relevante, mas eles relatam que os homens (0,51) tendem a enfraquecer mais ligeiramente do que as mulheres (0,48). Durante a aplicação do teste de atitudes, na avaliação dos juízes, os falantes do sexo masculino produziram mais itens enfraquecidos do que as mulheres. Para esse fato, foi levantada a seguinte questão: “[ele] poderia ser interpretado como uma manifestação de ‘macho’ ao mostrarem relaxamento, displicência, sentir-se à vontade?” (RONCARATI; UCHOA, 1988, p. 93).

Se esse questionamento/hipótese fosse comprovado/a, ele/a poderia ser explicado/a pela hipótese de Trudgill (1974, *apud* PAIVA, 2004), segundo a qual os homens atribuiriam um prestígio encoberto às formas linguísticas:

Se um indivíduo deseja integrar um grupo, deve partilhar, além de suas atitudes e valores, a linguagem característica desse grupo. Nesse caso, determinadas formas de linguagem se investem de um *status* particular, embora sejam desprovidas de prestígio na comunidade linguística em geral. De certa forma, pode-se dizer que os homens estão mais sujeitos à influência do prestígio encoberto das formas linguísticas do que as mulheres, dado que eles possuem mais mobilidade social e maior oportunidade de participação em grupos sociais fechados. (TRUDGILL, 1974, *apud* PAIVA, 2004, p. 40).

Contrariando os nossos resultados, em João Pessoa, foram as mulheres as que mais favoreceram o enfraquecimento (0,54), enquanto os homens (0,45) mostraram-se inibidores. Marques (2001, p. 84) assim explica o comportamento feminino na comunidade pessoense: “[ele] é latente, ou seja, em certo momento, não se manifesta, mas é capaz de se revelar ou desenvolver quando as circunstâncias são favoráveis.”

Resumidamente, podemos concluir, desta visão global do fenômeno, que a variante aspirada, em início de palavra e intervocálica, embora ocorra em apenas 12,6% dos dados da amostra, é favorecida quando: as vogais [õ], [ẽ], [a] e [ɛ] estiverem sucedendo /v/; o segmento estiver na sílaba postônica; as classes de palavras forem outros (interjeição) e verbo; a escolaridade for de 0-4 anos, ou seja, a mais baixa; a faixa etária for de 50 anos ou mais, isto é, a dos mais idosos; a frequência de uso estiver entre os termos mais usuais (extremamente usual, muito usual e usual); o monitoramento estilístico for “supostamente” maior, ou seja, nos DID; as vogais [ẽ], [a], [ũ], [ɪ] e a pausa estiverem antecedendo /v/; o gênero/sexo for

masculino (mas com uma discreta diferença entre as mulheres). Podemos ainda inferir que há uma tendência ao desaparecimento da variante aspirada no falar fortalezense ao compararmos os resultados da faixa etária neste estudo e na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), esta realizada cerca de quinze anos da nossa.

5.1.2 Segunda análise: cruzamentos entre escolaridade, faixa etária e gênero/sexo para /v/ em início de palavra e intervocálico

A fim de medirmos com maior precisão a atuação das variáveis sociais que se mostraram mais relevantes em nossas análises e nas de outros autores (RONCARATI (1988), MARQUES (2001) e PELICOLI (2008)) e de sabermos o seu peso relativo, inserimos três grupos no nosso arquivo de condições a partir dos cruzamentos entre essas variáveis. Como esta é uma pesquisa sociolinguística, é fundamental aprofundarmos o entendimento da atuação desses fatores. Por isso, realizamos mais uma rodada, juntando-se, duas a duas, as variáveis gênero/sexo, escolaridade e faixa etária. Isso foi feito no nosso arquivo de condições, quando criamos o 13º, o 14º e o 15º grupos, cujos fatores, então, passaram a ser: no 13º grupo – a) mulheres com escolaridade de 0 a 4 anos, b) mulheres com escolaridade de 9 a 11 anos, c) homens com escolaridade de 0 a 4 anos, d) homens com escolaridade de 9 a 11 anos; no 14º grupo – a) idosos com escolaridade de 0 a 4 anos, b) idosos com escolaridade de 9 a 11 anos, c) adultos com escolaridade de 0 a 4 anos, d) adultos com escolaridade de 9 a 11 anos, e) jovens com escolaridade de 0 a 4 anos, f) jovens com escolaridade de 9 a 11 anos; no 15º grupo – a) idosas, b) idosos, c) adultos, d) adultas, e) jovens do sexo feminino, f) jovens do sexo masculino.

Para esta rodada, o melhor nível de análise escolhido pelo programa foi o *step up* 64 (*input* 0,040, significância 0,008 e *log likelihood* -2731,381), cujas variáveis selecionadas foram (nesta ordem): contexto fonológico subsequente, tonicidade, cruzamento – faixa etária x escolaridade, classes de palavras, cruzamento – faixa etária x gênero/sexo, frequência de uso, monitoramento estilístico, contexto fonológico precedente e cruzamento – escolaridade x gênero/sexo.

a) Contexto fonológico subsequente

Pelos nossos dados, percebemos que as vogais que atuavam no sentido de favorecer o enfraquecimento são as mesmas da rodada anterior: [õ] (0,85), [ẽ] (0,72), [a]

(0,70) e [ɛ] (0,58); as que inibem também permanecem, com uma pequena diferença na ordem hierárquica entre [e] (0,32) e [i] (0,31).

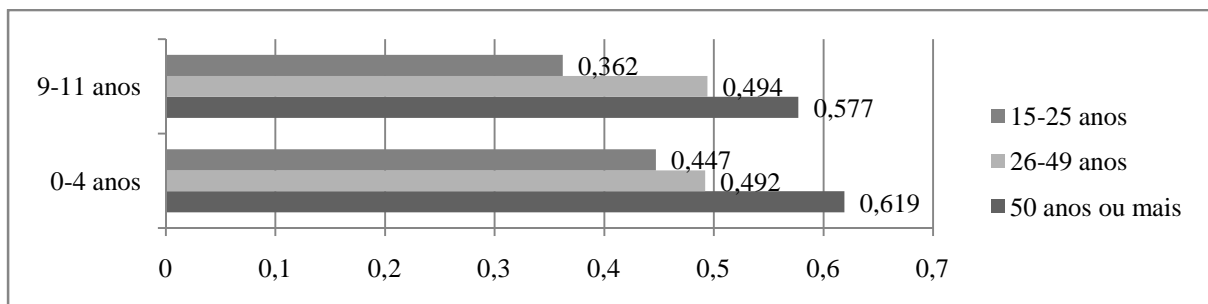
b) Tonicidade

Em seguida, o programa selecionou a variável tonicidade, a qual obteve os mesmos valores da rodada anterior, confirmando o favorecimento apenas das postônicas (0,738).

c) Cruzamento – faixa etária x escolaridade

Em terceiro lugar, apareceu o cruzamento – faixa etária x escolaridade, cujos resultados podem ser vistos no gráfico 6:

Gráfico 6 – Pesos relativos do cruzamento – faixa etária x escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais



A partir do gráfico 6, podemos verificar que há uma diminuição no favorecimento da variante aspirada pelos idosos (de 0,619 passam para 0,577) e jovens (de 0,447 passam para 0,362), quando eles adquirem mais escolaridade (de 0-4 passando para 9-11 anos de escolarização); a faixa de 26 a 49 anos, no entanto, atua de forma quase neutra, independentemente do grau de escolaridade. Observamos também que os mais idosos apresentam uma diminuição apenas discreta (de 0,619 para 0,577) da forma reificada, mas continuam favorecendo o seu uso. O contrário acontece com os mais jovens que, em nenhum nível de escolaridade, favorecem a variante aspirada. Dessa forma, esses dados nos levariam a afirmar que, de fato, há indícios de uma mudança em progresso, visto que a tendência é de que todas as faixas etárias, inclusive a dos mais idosos, adquiram maior escolaridade (caso todas as faixas avancem nos estudos).

Em Marques (2001), onde encontramos resultados diferentes, são os idosos que permanecem quase estáveis até os oito primeiros anos de escolarização⁶³, produzindo o enfraquecimento de maneira equilibrada. No entanto, a partir dos nove anos de escolarização, esse uso diminui drasticamente (aproximadamente 0,19). Os informantes de 15 a 25 anos também apresentam resultados diferentes dos nossos, pois favorecem o enfraquecimento até os quatro primeiros anos de escolarização – 0,58 (0 ano), 0,70 (de 1 a 4 anos) – e, após isso, começam a inibi-lo – 0,45 (de 5 a 8 anos) e 0,25 (de 9 a 11). Os adultos (de 26 a 49 anos) apresentam resultados bem diferentes dos nossos, pois, enquanto analfabetos, eles favorecem o fenômeno (aproximadamente, 0,60) e, durante os quatro primeiros anos de escolarização, passam a inibir esse uso (aproximadamente, 0,40). Já, com 5 a 8 anos de escolaridade, eles voltam a utilizar preferencialmente a variante aspirada (aproximadamente, 0,71) e, com 9 a 11 anos, esse uso cai, mas continua um pouco favorável (aproximadamente, 0,57).

O cruzamento desses grupos de fatores feito por Pelicioli (2008) também mostra resultados diferentes. Em uma pequena amostra com um total de 48 ocorrências aspiradas, os falantes de 46 a 61 anos, de nível universitário, favorecem mais o enfraquecimento (43,7% – 21/48), enquanto os de nível fundamental ficam com apenas 14,6% (7/48) das ocorrências. Já com os mais jovens, de 20 a 30 anos, o fenômeno se inverte e apresenta resultados semelhantes aos de Marques (2001): quando possuem o nível fundamental, eles detêm 33,3% (16/48) dos dados, enquanto, no nível superior, esse índice cai para 8,3% (4/48).

d) Classes de palavras

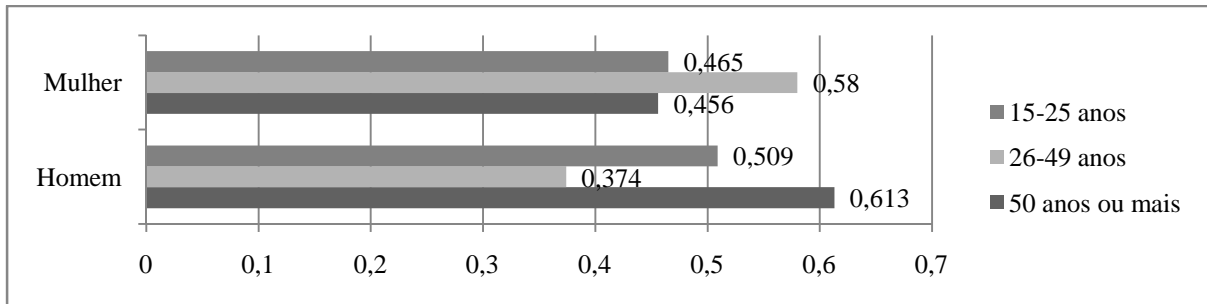
A quarta variável selecionada pelo programa foi classes de palavras que obteve o mesmo resultado da rodada anterior, apresentando uma pequena diferença dos valores de cada fator: outros (interjeição), com 0,957; verbos, com 0,608; e nomes, com 0,329.

e) Cruzamento – faixa etária x gênero/sexo

Em seguida, veio a variável cruzamento – faixa etária x gênero/sexo, cujos resultados podem ser observados no gráfico 7:

⁶³ Marques (2001) apresenta apenas o gráfico do cruzamento com valores aproximados. Esses valores são (até os oito primeiros anos de escolarização, para 50 anos de idade ou mais): 0,58 (0 ano), 0,60 (de 1 a 4 anos) e 0,57 (de 5 a 8 anos).

Gráfico 7 – Pesos relativos do cruzamento – faixa etária x gênero/sexo sobre o enfraquecimento de /v/ em início de palavra e entre vogais



Através do gráfico 7, podemos perceber resultados um pouco diferentes dos que obtivemos quando as variáveis não tinham sido cruzadas, pois as mulheres, quando estão entre os 26 e 49 anos de idade, são aliadas do enfraquecimento (0,580). Porém, apenas nessa faixa etária, elas atuam no sentido de favorecer o fenômeno; nas demais, são inibidoras da regra (0,465 – jovens, 0,456 – idosas). Já os homens, somente quando idosos (0,613), favorecem a variante aspirada; quando jovens, comportam-se de forma neutra (0,509) e, quando adultos, inibem o fenômeno (0,374).

Kemp (1979 *apud* CARVALHO, 2000) afirma que homens e mulheres falam diferenciadamente, de acordo com a faixa etária em que estejam. Ela ressalta que a interação entre essas duas variáveis pode revelar inúmeras diferenças linguísticas entre homens e mulheres, as quais costumam ser mais encontradas nas faixas mais avançadas, enquanto, nas faixas mais jovens, essas diferenças são menos explícitas. Essa ideia é corroborada por Paiva (2004). Para essa autora,

a aproximação do comportamento linguístico de falantes mais jovens pode ser um reflexo de que, nessa faixa etária, reconfigura-se a atuação do homem e da mulher na sociedade, com diluição das fronteiras entre papéis femininos e masculinos. (PAIVA, 2004, p. 41).

Ao fazer esse mesmo cruzamento, Marques (2001) verifica o contrário do que os resultados da variável sexo trouxeram ao serem expostos separadamente: são os homens que produzem enfraquecimento em todas as faixas etárias, principalmente na de 26 a 49 anos; enquanto as mulheres só favorecem a variante aspirada quando estão na faixa etária de 15 a 25 anos (0,52), um pouco mais do que os homens (0,50). Por esse resultado, ela confirma que o fenômeno em questão, de fato, apresenta-se como uma variação estável. Por fim, ela conclui que:

não existem parâmetros preestabelecidos para o comportamento social da mulher e do homem com relação à linguagem, principalmente numa comunidade urbana, em que valores socioculturais são vulneráveis, muitas vezes, às necessidades e condições econômicas da sociedade. (MARQUES, 2001, p. 86).

Considerando o papel das mulheres na mudança linguística (na concepção de LABOV, 2001), e o resultado do cruzamento entre faixa etária e gênero/sexo, o que observamos na comunidade de fala fortalezense é que, em nossos dados, os jovens (de 15 a 25 anos) e as mulheres atuaram de forma negativa sobre o enfraquecimento de /v/ (embora a diferença entre elas e os homens fosse apenas discreta). Já na pesquisa de 1988, de Roncarati e Uchoa, a respeito da mesma comunidade de fala, as mulheres atuaram da mesma forma sobre o fenômeno, enquanto os jovens (de 21 a 24 anos), ao contrário da nossa pesquisa, foram os que mais produziram a variante aspirada. Esses resultados podem significar que as mulheres, ao exercerem uma influência negativa sobre a variante inovadora, transmitiram isso para as crianças, as quais poderiam ser, na pesquisa atual, os jovens de 15 a 25 anos.

f) Frequência de uso

Em relação à variável frequência de uso, verificamos os mesmos resultados da rodada anterior, com uma pequena diferença no valor dos termos usuais: de 0,512 para 0,506.

Tabela 10⁶⁴ – Atuação da frequência de uso sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra e entre vogais após os cruzamentos entre escolaridade, faixa etária e gênero

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplos
Termo extremamente usual	512/2691	19,0	0,612	inda [h]ai / ta[h]a
Termo muito usual	203/2178	9,3	0,597	mai [h]elho / fica[h]a
Termo usual	283/2104	13,5	0,506	num [h]inha / da[h]a
Termo pouco usual	167/1626	10,3	0,398	num [h]ia / si[h]iu
Termo pouquíssimo usual	212/2418	8,8	0,346	uma [h]acaria / cutu[h]elo

g) Monitoramento estilístico

Em seguida, tivemos o monitoramento estilístico, cujos resultados foram também os mesmos da rodada anterior, com uma leve alteração nos seus valores: 0,545 (DID) e 0,415 (D2).

h) Contexto fonológico precedente

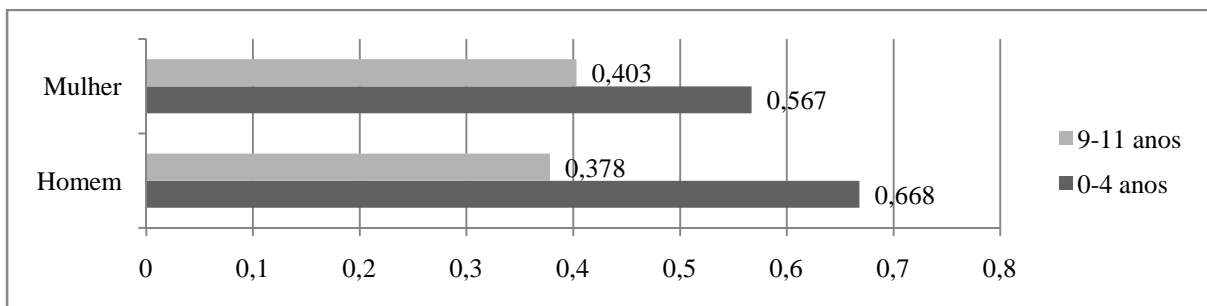
⁶⁴ Decidimos repetir os resultados desta variável, em tabela, pelo fato de ela ter se mostrado relevante em todas as análises que fizemos.

A penúltima variável selecionada foi o contexto fonológico precedente, apresentando resultados muito próximos aos da rodada anterior, com uma pequena diferença hierárquica entre as vogais [ĩ] (0,34) e [ɛ] (0,34).

i) Cruzamento – escolaridade x gênero/sexo

Por último, o programa selecionou o cruzamento – escolaridade x gênero/sexo. Os resultados obtidos são apresentados no gráfico a seguir:

Gráfico 8 – Pesos relativos do cruzamento – escolaridade x gênero/sexo sobre o enfraquecimento de /v/ em início de palavra e entre vogais



O gráfico 8 também mostra resultados diferentes para o gênero/sexo do que aqueles encontrados quando essa variável foi analisada antes do cruzamento. A leitura dos dados deste cruzamento indica que as mulheres são favorecedoras do enfraquecimento (também) quando possuem de 0 a 4 anos de escolaridade (0,567), mas, no nível de 9 a 11 anos, elas atuam negativamente sobre o fenômeno (0,403). Com isso, identificamos que as mulheres que favorecem a variante aspirada são apenas as adultas (de 26 a 49 anos) e com baixa escolaridade (de 0 a 4). Os homens também apresentam uma probabilidade maior (0,668) quando possuem o primeiro nível de escolaridade; ao passarem para o segundo, inibem a variante aspirada (0,378).

Assim, podemos resumir esta análise, verificando qual a tendência para a ocorrência de /v/ na sua variante aspirada. Depois de criarmos os grupos para os cruzamentos entre escolaridade, faixa etária e gênero, percebemos que o enfraquecimento é favorecido nos mesmos contextos das variáveis linguísticas da análise anterior. Além disso, os cruzamentos entre as variáveis sociais mencionadas indicam que, entre a faixa etária e o gênero/sexo, os homens só não obtiveram resultado favorável ao enfraquecimento na faixa etária de 26 a 49 anos, a qual foi a única com atuação positiva por parte das mulheres; entre a escolaridade e o

gênero/sexo, há o favorecimento da reificação apenas com o nível de 0 a 4 anos de escolarização em ambos os gêneros/sexos; e, entre a escolaridade e a faixa etária, há uma atuação positiva, em ambos os níveis de escolaridade, apenas na faixa dos 50 anos ou mais.

As análises com os dois contextos de /v/ juntos (em início de palavra e intervocálico) nos trouxe uma visão global do fenômeno. A partir dela, pudemos perceber quais os principais fatores que atuavam de maneira relevante sobre o enfraquecimento de /v/ e, ainda, quais fatores poderiam estar se sobrepondo a outros. Com base nisso, vimos a necessidade de estudar o fenômeno analisado em ambientes distintos, porque a audição dos inqueritos, bem como os trabalhos de Roncarati e Uchoa (1988) e de Marques (2001), já nos mostrava essa necessidade. Tarallo (1990, p. 110) afirma que as consoantes em início de palavra, historicamente, tiveram tendência à preservação, mas, sobre as consoantes mediais, ele relata que “[...] do início para o meio e fim das palavras, a tendência é diminuir a manutenção das consoantes latinas.”

Por isso, decidimos realizar, inicialmente, duas rodadas para /v/: uma em início de palavra e outra em posição intervocálica. Depois, cada uma das análises foi refinada em função do que era observado nas rodadas e também do nosso contato com os dados.

5.2 CONTEXTO INÍCIO DE PALAVRA

Na nossa amostra, das 5.962 ocorrências registradas no contexto início de palavra, 383 (6,4%) pertenciam à forma aspirada e 5579 (93,6%) eram da manutenção de /v/. Para /v/ em contexto início de palavra, foram feitas três análises, contendo, cada uma delas, diferentes rodadas. A primeira análise foi com todas as variáveis do contexto de /v/ início de palavra; nela fizemos quatro rodadas. Na segunda análise, fizemos três rodadas com o /v/ em início de palavra, mas apenas entre os termos extremamente usuais. E, na terceira análise, isolamos apenas os verbos do contexto de /v/ início e fizemos, a partir deles, mais três rodadas. Nas seções seguintes, detalharemos cada uma dessas rodadas.

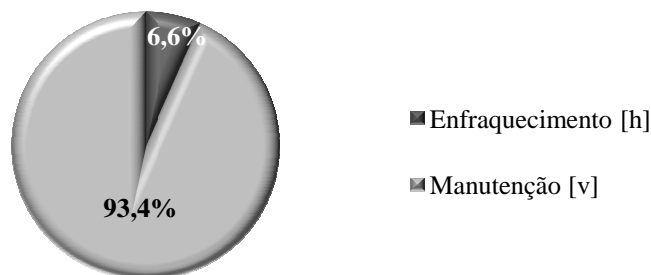
5.2.1 Primeira análise: visão geral sobre o contexto início de palavra

Nesta análise, serão consideradas todas as ocorrências de /v/ em início de palavra, considerando-se todos os grupos de fatores (contexto fonológico precedente, contexto fonológico subsequente, tipo de sílaba, tonicidade, dimensão do vocábulo, classes de palavras, gênero/sexo, faixa etária, escolaridade, monitoramento estilístico, frequência de uso). A

primeira rodada feita foi apenas experimental e apresentou nocaute em três grupos. Na variável contexto fonológico precedente, quando a vogal [ɛ] antecedia /v/ não houve registro da variante aspirada. Nesse mesmo grupo, quando o segmento [õ] era o precedente, não foi encontrada ocorrência enfraquecida. A variável contexto fonológico subsequente, por sua vez, não apresentou nenhum dado da forma reificada quando [ũ] era a vogal seguinte a /v/. Por fim, no grupo classes de palavras, ocorreu nocaute no fator “Outros”, pois só foram registradas ocorrências da manutenção, 11 dados no total, sendo todas elas com a interjeição “vixe”.

A segunda rodada foi feita, primeiramente, retirando-se os fatores que apresentaram nocautes. Com isso, passamos a analisar 5750 dados, dos quais 381 (6,6%) são de ocorrências aspiradas, como mostra o gráfico 9.

Gráfico 9 – Distribuição das ocorrências por variante no contexto /v/ início de palavra após retirada dos nocautes



Os resultados obtidos nessa rodada revelaram os seguintes fatores como relevantes, nesta ordem de importância: dimensão do vocábulo, faixa etária, escolaridade, frequência de uso, tonicidade, tipo de sílaba e contexto fonológico subsequente. Em contrapartida, os fatores excluídos foram (nesta ordem): tipo de sílaba, classes de palavras, contexto fonológico precedente, monitoramento estilístico e gênero/sexo. O fator tipo de sílaba foi selecionado e, ao mesmo tempo, excluído pelo programa. Sobre essa situação, Guy e Zilles (2007) comentam que isso

só ocorre quando se trata de uma análise complexa (com muitos grupos de fatores), e quando os grupos não são completamente ortogonais, em termos da distribuição dos dados. Por exemplo, há um grupo de fatores que se sobrepõe parcialmente a outro grupo: alguns dos fatores nos dois grupos descrevem os mesmos dados. (GUY; ZILLES, 2007, p. 166).

Quando tal fato ocorre, os autores propõem que o pesquisador deva entender melhor por que obteve esse resultado, fazendo cruzamento entre os grupos envolvidos, para averiguar onde se encontra a maioria dos dados. Após analisarmos cada subfator, verificamos que o termo pouco usual e o termo pouquíssimo usual obtiveram ocorrências muito baixas (11 e 4, respectivamente). Decidimos, então, amalgamá-los,

porque é sumamente improvável que qualquer fator com muito poucos dados vá ter significância estatística; esse é certamente o caso para os que têm menos de 10 ocorrências, e provavelmente o seja para os que têm menos de 15. (GUY; ZILLES, 2007, p.170).

Feito o amalgamamento, os resultados obtidos mostraram uma leve alteração apenas nos valores dos pesos relativos, mas não na relevância de cada um. Além disso, nesta rodada, nenhum fator selecionado foi, também, excluído. A nova disposição dos fatores foi a seguinte: dimensão do vocábulo, faixa etária, frequência de uso, tonicidade, escolaridade e contexto fonológico subsequente. Já os fatores excluídos foram os mesmos da rodada anterior (nesta ordem): tipo de sílaba, classes de palavras, contexto fonológico precedente, monitoramento estilístico e gênero/sexo. Nesta rodada, o melhor nível de análise apresentado pelo programa foi o do *step up* 48 (*input* 0,033, significância 0,000 e *log likelihood*-1165,716).

A seguir, analisaremos o conjunto de grupos de fatores relevantes para a nossa primeira análise, conforme a ordem de seleção estatística.

a) Dimensão do vocábulo

Para este fator, pretendemos confirmar ou não a hipótese de que quanto mais extenso o vocábulo, maior a sua probabilidade de enfraquecimento. Mollica e Mattos (1989, *apud* MARQUES, 2001), sobre o apagamento do fonema /d/ no grupo “-ndo”, afirmam que, quando o vocábulo é grande, os segmentos tendem a não se realizar. Votre e Callou (*apud* MARQUES, 2001) também confirmam essa hipótese, a respeito do segmento /-r/, que apresentou uma tendência a ser mantido em vocábulos menos extensos e sofreu apagamento nos mais extensos.

Dentre os dados com até 15 ocorrências aspiradas, encontramos as outras 11 ocorrências de trissílabos ou maiores: “e [h]oltava” (Inq. 95), “uma [h]acaria” (Inq. 95), “de [h]agabundo” (Inq. 95), “uma [h]erdade” (Inq. 95), “sem [h]ergonha” (Inq. 95), “sem

[h]ergonha” (Inq. 49), “da [h]agabundagem” (Inq. 132), “uma [h]eizinha” (Inq. 23), “boa [h]ontade” (Inq. 103) e “tenho [h]ontade” (Inq. 19).

Tabela 11 – Atuação da dimensão do vocábulo sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
Trissílabos ou maiores	11/569	1,9	0,735	e [h]oltava
Monossílabos	293/2554	11,5	0,517	eu [h]ô
Dissílabos	77/2627	2,9	0,429	toda [h]ida

De acordo com a tabela 11, nota-se que os vocábulos com três ou mais sílabas são os únicos que favorecem o enfraquecimento, já que os monossílabos apresentam um comportamento muito discreto em relação à regra, como mostra seu peso relativo próximo ao ponto neutro. Os dissílabos atuam no sentido de bloquear o emprego da variante aspirada.

A tabela 11 também mostra que a frequência e o peso relativo dos fatores estão divergindo bastante. Por isso, voltamos novamente a analisar os níveis da rodada, para averiguarmos se estaria havendo ou não sobreposição de fatores. Decidimos, então, fazer o cruzamento entre esse fator e outros dois, a saber: a frequência de uso e o contexto fonológico subsequente.

Com a frequência de uso, observamos que houve uma tendência a concentrarem-se os dados do enfraquecimento entre os termos muito usuais nos trissílabos ou maiores, que, no entanto, consistiam em apenas 3 ocorrências (“[v]eizinha”, “[h]eizinha” e “[v]elhinha”⁶⁵), sendo uma delas aspirada (33%). Esse resultado nos aponta que há uma tendência para o enfraquecimento, neste contexto, em apenas determinados itens lexicais. As outras células, onde encontramos maior porcentagem, foram as dos monossílabos entre termos extremamente usuais (219/1457), com 15%, e termos usuais (62/686), com 11%.

Com o contexto fonológico subsequente, observamos o mesmo que aconteceu com o fator tipo de sílaba (cf. rodada anterior): os dados tenderam a se concentrar entre as vogais [a] e [ẽ]. A vogal [a] concentra-se nos monossílabos, com 17% das ocorrências (181/1048), e a vogal [ẽ] teve sua maior concentração em dois subgrupos: dissílabos, com 19% (24/126), e monossílabos, com 15% (16/105).

⁶⁵ Respectivamente encontradas nos inquéritos: 129, 23, 19.

Observando o conjunto dos pesos relativos obtidos para a variável dimensão do vocábulo, confirma-se a hipótese de que quanto mais extenso o vocábulo, maior a probabilidade de ocorrer o enfraquecimento. Em Marques (2001), o fator dimensão do vocábulo só foi selecionado pelo grupo em que ela reuniu as ocorrências com a forma /ava/.

Os demais trabalhos que trataram do enfraquecimento de /v/ não levaram esse fator em consideração.

b) Faixa etária

Tabela 12 – Atuação da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
50 anos ou mais	170/1811	9,4	0,641
26-49 anos	123/1980	6,2	0,479
15-25 anos	88/1959	4,5	0,388

Em nossos dados, com o fator faixa etária, constatamos, conforme a tabela 12, que quanto mais novo for o informante menor será o uso da variante enfraquecida. A faixa etária de 50 anos ou mais (0,641) aparece como a única que favorece o enfraquecimento, já que a de 26 a 49 anos (0,479) e a de 15 a 25 anos (0,388) se mostraram inibidoras da regra.

c) Frequência de uso

Tabela 13 – Atuação da frequência de uso sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
Termo extremamente usual	229/2116	10,8	0,667	inda [h]ai
Termo usual	94/1371	6,9	0,557	num [h]inha
Termo muito usual	43/1086	4,0	0,469	mai [h]elho
Termo pouco usual e pouquíssimo usual	11/638	1,7	0,199	num [h]ota

Dentre os dados com até 15 ocorrências, encontramos as outras 10 ocorrências de termos pouco usual e pouquíssimo usual: “uma [h]erdade” (Inq. 95), “boa [h]ontade” (Inq. 103), “tenho [h]ontade” (Inq. 19), “eu [h]enho” (Inq. 19), “num [h]ia” (Inq. 143), “sem [h]ergonha” (Inq. 153 e 49), “num [h]oto” (Inq. 132), “num [h]otei” (Inq. 132).

A partir da tabela 13, verificamos que o fator frequência de uso apresentou resultados um pouco divergentes das nossas hipóteses. Inicialmente, confirmamos que os termos extremamente usuais (0,667) são os maiores aliados do enfraquecimento e os

subfatores amalgamados (termo pouco usual e termo pouquíssimo usual) continuaram com um peso relativo irrelevante (0,199), de acordo com a tabela 13.

No entanto, em segundo lugar, é o subfator termo usual (0,557), e não o muito usual (0,469), o que mais beneficia a variante aspirada. A explicação que encontramos inicialmente para isso foi que o termo muito usual ocorre mais vezes do que o termo usual, mas não com a variante aspirada. Para entendermos melhor o porquê disso, observamos o comportamento desse fator diante de outros em cada nível da rodada e verificamos que, novamente, o fator contexto fonológico subsequente estava influenciando o resultado desses fatores. Daí veio a necessidade de realizarmos um novo cruzamento, agora entre a frequência de uso e o contexto fonológico subsequente.

Feito o cruzamento, como mostra a tabela 14, observou-se que a maior concentração dos dados se dá apenas na vogal [a], causando um desequilíbrio em relação às ocorrências das demais vogais. Verificamos ainda que, entre os termos muito usuais, não encontramos nenhum exemplo com a vogal [a] como subsequente a /v/, e, entre os termos usuais, já encontramos alguns com a palavra “vá” (nos inquéritos 67, 10, 93, 153, 34, 19, 59 e 143). Dessa forma, explica-se porque um fator sobrepôs-se ao outro. Esse cruzamento é apresentado na tabela 14:

Tabela 14 – Contexto fonológico subsequente x frequência de uso sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra

	Aplica/ Total	%	Exem plo	Aplica/T otal	%	Exemp lo	Aplica /Total	%	Exemplo	Aplica/ Total	%	Exemp lo
Contexto fonológico subsequente	Termo muito usual			Termo extremamente usual			Termo pouco e pouquíssimo usual			Termo usual		
[e]	23/709	3	[h]ê	0/0	-		0/17	0		8/136	6	[h]ei
[i]	3/226	1	[h]ida	0/0	-		1/396	0	[h]ia	7/262	3	[h]iu
[o]	0/0	-		57/1115	5	[h]ô	1/38	3	[h]otei	0/22	0	
[ẽ]	0/0	-		0/0	-		1/105	1	[h]enho	15/250	6	[h]em
[ɔ]	0/0	-		0/0	-		3/87	3	[h]otá	2/125	2	[h]oltá
[ɛ]	17/151	11	[h]éa	0/0	-		3/163	2	[h]ergonha	0/9	0	
[u]	0/0	-		1/26	4	[h]ucê	0/0	-		0/0	-	
[a]	0/0	-		171/975	18	[h]ai	2/234	2	[h]agabundo	10/73	14	[h]á
[ẽ]	0/0	-		0/0	-		0/24	0		40/222	18	[h]amo
[ĩ]	0/0	-		0/0	-		0/63	0		12/272	4	[h]inha
[õ]	0/0	-		0/0	-		2/50	4	[h]ontade	0/0	-	

Dessa forma, por observarmos que, na nossa pesquisa, os termos extremamente usuais foram os mais relevantes do seu grupo no sentido de favorecer a reificação e, também, por encontrarmos resultados com itens semelhantes nas demais pesquisas, realizamos uma segunda análise apenas para os termos extremamente usuais, a fim de verificarmos o comportamento da regra em estudo neste conjunto de palavras. A terceira análise, realizada apenas com os verbos, foi feita também em função dos resultados da variável usualidade, pois percebemos que essa classe de palavras ocorria frequentemente nos nossos dados e apresentava muitas formas aspiradas.

d) Tonicidade

Quanto à tonicidade, constatamos, conforme a tabela 15, que somente as tônicas (0,592) favorecem o enfraquecimento, já que as pretônicas desfavorecem a variante aspirada (0,263).

Tabela 15 – Atuação da tonicidade sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
Tônicas	357/4228	8,4	0,592	pra [h]i
Pretônicas	24/1522	1,6	0,263	de [h]agabundo

Para entendermos melhor a atuação desse fator, é interessante verificarmos o conceito de saliência fônica. Segundo Guy (1986, *apud* ARAÚJO, 2000, p. 89), “os traços mais salientes são aprendidos mais rapidamente por serem mais perceptíveis.” Assim, as formas inovadoras são inicialmente introduzidas nesses ambientes para apenas posteriormente e, de maneira mais fraca, atingirem os ambientes com saliência mínima. Por isso, as sílabas tônicas são as que mais favorecem a aplicação da regra.

Marques (2001), quanto ao início de palavra, conclui apenas que esse contexto não influencia o enfraquecimento de /v/, citando como exemplo os monossílabos tônicos (0,49).

e) Escolaridade

Tabela 16 – Atuação da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
0 a 4 anos	232/2622	8,8	0,617
9 a 11 anos	149/3128	4,8	0,401

Em nossos dados, com relação à escolaridade, percebemos que a aspiração de /v/se apresenta como uma forma estigmatizada, pois a menor escolaridade (0,618), até 4 anos de escolarização, favorece o enfraquecimento, enquanto a maior escolaridade (0,401), de 9 a 11 anos, inibe o seu uso, como indica a tabela 16.

f) Contexto fonológico subsequente

Tabela 17 – Atuação do contexto subsequente sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
[õ]	2/50	4,0	0.811	boa [h]ontade
[ẽ]	40/246	16,3	0.800	menino [h]ão
[a]	185/1282	14,4	0.673	num [h]ai
[ɛ]	20/323	6,2	0.665	continha [h]éa
[u]	1/26	3,8	0.576	se [h]ucê
[ẽ]	16/355	4,5	0.549	num [h]em
[o]	58/1175	4,9	0.462	eu [h]ô
[e]	31/862	3,6	0.436	às [h]eze
[ɔ]	5/212	2,4	0.412	pa [h]oltá
[ĩ]	12/335	3,6	0.341	num [h]inha
[i]	11/884	1,2	0.257	ela [h]iu

No contexto de /v/ em início de palavra, de acordo com a terceira rodada realizada, o último fator selecionado foi o contexto fonológico subsequente. Nesta rodada, as vogais [õ], [ẽ], [a], [ɛ] e [u] são, nesta ordem hierárquica, aliadas do enfraquecimento, enquanto as demais agem negativamente sobre o fenômeno. A vogal [õ] apresenta a melhor posição na escala de favorecimento da aspirada, mas observamos que ela só ocorreu duas vezes com a variante aspirada, sendo ambas com a mesma palavra: [h]ontade (Inq. 103 e 19).

Outro fator relevante foi a vogal [u], mas só obteve uma ocorrência enfraquecida, apresentada na tabela 17. Dentre os segmentos desfavoráveis à variante aspirada e com menor número de dados, encontramos: a vogal [ɔ], com apenas 5 ocorrências (as outras 4 são: “e [h]oltava” – Inq. 95, “num [h]otá” – Inq. 95 e 132, “num [h]oto” – Inq. 132), a vogal [ĩ], com 12 dados (as outras 11 ocorrências de [ĩ]: “gente [h]inha” – Inq. 95, “pa [h]im” – Inq. 95, “e [h]im” – Inq. 95, “sempe [h]inha” – Inq. 95, “que [h]inha” – Inq. 129, “em [h]inte” – Inq. 111, “quando [h]inha” – Inq. 10, “e [h]im” – Inq. 157, “aí [h]im” – Inq. 19, “num [h]im” – Inq. 19, “que [h]im” – Inq. 19), e a vogal [i], com 11 ocorrências (as outras 10 ocorrências de [i]: “toda [h]ida” – Inq. 06 e 06, “pra [h]i” – Inq. 95, “mai [h]i” – Inq. 95, “num [h]i” – Inq. 95, “a [h]ida” – Inq. 46, “movimento [h]iu” – Inq. 153, “[h]iu” – Inq. 132, “cê [h]iu” – Inq. 132).

Assim, podemos resumir que, nesta análise com /v/ em início de palavra, o enfraquecimento, embora ocorra em apenas 6,6% dos dados da amostra, teve atuação positiva quando: os vocábulos forem trissílabos ou maiores; a faixa etária for dos 50 anos ou mais; a frequência de uso estiver entre os termos mais usuais (extremamente usual e usual); o

segmento estiver na sílaba tônica; a escolaridade for de 0-4 anos; as vogais [õ], [ẽ], [a], [ɛ], [u] e [ê] estiverem sucedendo /v/. Dessa forma, percebemos que, ao analisarmos um contexto específico da posição de /v/ na palavra (em início), os resultados das variáveis linguísticas são diferentes, com exceção da frequência de uso, que aponta a mesma tendência da análise anterior. Já os fatores sociais elencados nesta análise repetem os mesmos resultados das análises anteriores, ratificando os indícios de uma mudança em progresso.

5.2.2 Segunda análise: cruzamento entre escolaridade e faixa etária com /v/ em início de palavra

As variáveis sociais faixa etária e escolaridade, embora não ocupando a primeira posição, foram consideradas relevantes pelo programa. Por isso, realizamos mais uma rodada, a quarta, juntando-se em um só grupo essas variáveis sociais, o que deu origem a um novo grupo no nosso arquivo de condições⁶⁶.

Nessa rodada, o melhor nível de análise escolhido pelo programa foi o *step up 37* (*input* 0,032, significância 0,000 e *log likelihood* -1156,432), cujas variáveis selecionadas foram (nesta ordem): dimensão do vocábulo, cruzamento – faixa etária x escolaridade, frequência de uso, tonicidade e contexto fonológico subsequente.

a) Dimensão do vocábulo

A variável dimensão do vocábulo apresentou os mesmos resultados da rodada anterior (cf. seção 5.2.1, item “a”), inclusive com os mesmos valores de peso relativo.

b) Cruzamento – faixa etária x escolaridade

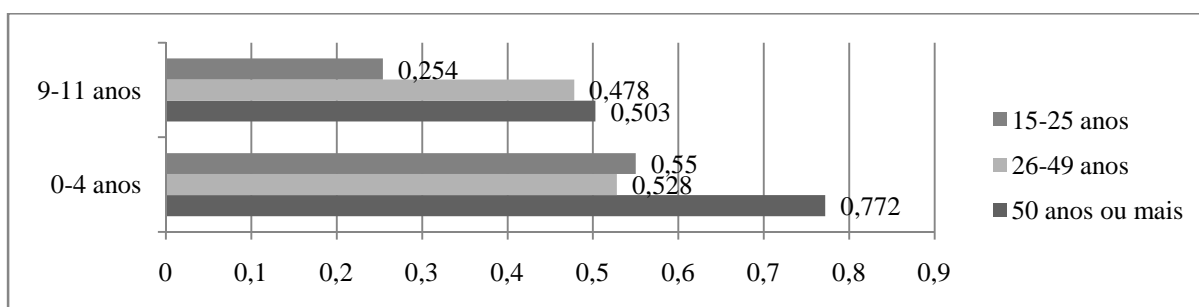
De acordo com o gráfico 9, podemos perceber que, quando os falantes de 50 anos ou mais adquirem mais escolaridade, eles mudam consideravelmente o seu comportamento com relação à variante aspirada, pois, de aliados (0,772) da regra, passam a atuar de forma neutra (0,503). Os jovens são os que mudam mais drasticamente o seu comportamento na

⁶⁶ Isso foi feito no nosso arquivo de condição, quando criamos o décimo terceiro grupo, cujos fatores, então, passaram a ser: a) idosos com escolaridade de 0 a 4 anos; b) idosos com escolaridade de 9 a 11 anos; c) adultos com escolaridade de 0 a 4 anos; d) adultos com escolaridade de 9 a 11 anos; e) jovens com escolaridade de 0 a 4 anos; f) jovens com escolaridade de 9 a 11 anos.

aplicação da variante aspirada, ao adquirirem mais escolaridade, já que, de favorecedores (de 0,550), passam a inibidores (0,254) do fenômeno. Já os adultos modificam, muito discretamente, a sua escolha ao adquirir maior nível de escolaridade (de 0,528 para 0,478). No entanto, é importante frisar que, em todas as faixas etárias com escolaridade de 0 a 4 anos, houve favorecimento do fenômeno.

Os resultados do cruzamento estão no gráfico 10:

Gráfico 10 – Pesos relativos do cruzamento – faixa etária x escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra



c) Frequência de uso

A variável frequência de uso foi a terceira a ser selecionada por esta rodada e apresentou os mesmos resultados da rodada anterior (cf. seção 5.2.1, item “c”), modificando discretamente apenas os valores de termos extremamente usuais (0,664) e de termos usuais (0,560), conforme a tabela 18:

Tabela 18 – Atuação da frequência de uso sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra após o cruzamento

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
Termo extremamente usual	229/2116	10,8	0,664	inda [h]ai
Termo usual	94/1371	6,9	0,560	num [h]inha
Termo muito usual	43/1086	4,0	0,469	mai [h]elho
Termo pouco usual e pouquíssimo usual	11/638	1,7	0,199	num [h]ota

d) Tonicidade

A tonicidade foi selecionada em seguida e também repetiu os mesmos resultados da rodada anterior, inclusive com os mesmos valores para cada fator.

e) Contexto fonológico subsequente

A última variável selecionada nesta rodada foi o contexto fonológico subsequente, cujos resultados foram bastante parecidos com os da rodada anterior, mas com alguns valores diferentes.

5.2.3 Terceira análise: considerando somente os termos extremamente usuais com /v/ em início de palavra

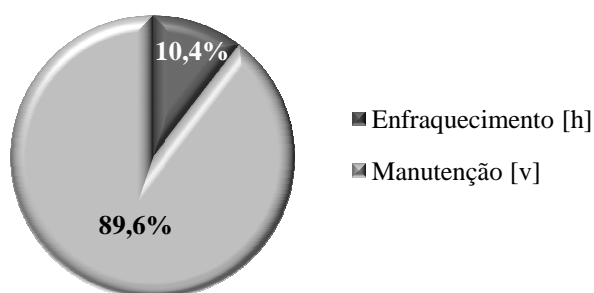
Como dito anteriormente, após analisarmos as pesquisas de Roncarati e Uchoa (1988) e a de Pelicioli (2008), vimos a necessidade de fazer uma análise apenas com os termos extremamente usuais, a fim de podermos comparar mais detidamente os nossos resultados com os dessas pesquisas.

Nos nossos dados com /v/ em início de palavra, os termos extremamente usuais foram: “vai”, “você(is) - vucê(is)” e “vô - vou”. A aplicação de cada um em relação ao total de ocorrências foi, respectivamente: 172/998 (17,23%), 10/688 (1,45%) e 48/491 (9,77%). Isolando apenas essas palavras, reunidas num mesmo arquivo de dados, realizamos três rodadas, as quais serão descritas a seguir.

A primeira rodada apresentou nocautes em apenas um grupo: o contexto fonológico antecedente. Nele, as vogais [ɛ], [ĩ] e [õ]⁶⁷ se mostraram categóricas no sentido de só admitirem realizações da variante [v].

Excluídos os nocautes, realizamos a segunda rodada que nos trouxe resultados satisfatórios. Passamos, então, a trabalhar com 2.253 dados, dos quais 234 são de ocorrências aspiradas (10,4%), como podemos visualizar no gráfico 11:

Gráfico 11 – Distribuição das ocorrências por variante no contexto /v/ início de palavra somente para os termos extremamente usuais após retirada dos nocautes



⁶⁷ A vogal [õ] só possui três ocorrências nesse contexto (da manutenção): “bom [v]ai” (Inq. 50), “Reveillon [v]ai” (Inq. 118) e “com [v]ocê” (Inq. 143).

O melhor nível de análise escolhido pelo programa para esta rodada foi o *step up* 31 (*input* 0,066, significância 0,000 e *log likelihood* -628,178). Os grupos apontados como relevantes foram (nesta ordem): tonicidade, faixa etária, escolaridade e tipo de sílaba.

a) Tonicidade

Tabela 19 – Atuação da tonicidade sobre o enfraquecimento de /v/ sobre os termos extremamente usuais em início de palavra

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
Tônicas	221/1460	15,1	0,643	que [h]ai
Pretônicas	10/656	1,5	0,213	se [h]ocêis

Dentre os dados com até 15 ocorrências, encontramos as outras 10 ocorrências de pretônicas: “# [h]ocê” (Inq. 95), “se [h]ucê” (Inq. 95), “rão [h]ocêis” (Inq. 95), “e [h]ocê” (Inq. 10), “entra [h]ocê” (Inq. 10), “pra [h]ocê” (Inq. 10), “po [h]ocê” (Inq. 34), “de [h]ocê” (Inq. 143) e “veze [h]ocê” (Inq. 159).

De acordo com a tabela 19, a variável tonicidade obteve resultados semelhantes aos da rodada analisada na seção 5.2.1, item “d”, mas apresentando valores diferentes, conforme a tabela 19. Dessa forma, são novamente as tônicas que favorecem o enfraquecimento.

b) Faixa etária

Tabela 20 – Atuação da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ nos termos extremamente usuais em início de palavra

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
50 anos ou mais	101/621	16,3	0,670
26 a 49 anos	81/869	9,3	0,490
15 a 25 anos	52/763	6,8	0,374

Em relação ao fator faixa etária, encontramos, na tabela 20, os mesmos resultados da rodada que explicitamos na seção 5.2.1, item “b”, com valores um pouco diferentes, pois os mais idosos (0,670), novamente, surgiram como os únicos favorecedores do fenômeno, diferentemente dos adultos, que tiveram um comportamento quase neutro (0,490) e dos mais jovens (0,374) que atuaram no sentido de inibir a regra.

c) Escolaridade

A variável escolaridade também apresentou os mesmos resultados da análise anterior: a menor escolaridade (de 0 a 4 anos), com 0,620, favorece o uso da variante aspirada, ao contrário da maior escolaridade (de 9 a 11 anos), com 0,415, conforme tabela 21.

Tabela 21 – Atuação da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ no início de palavra

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
0 a 4 anos	232/2622	8,8	0,620
9 a 11 anos	149/3128	4,8	0,415

d) Tipo de sílaba

Tabela 22 – Atuação do tipo de sílaba sobre o enfraquecimento de /v/ nos termos extremamente usuais no início de palavra

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
Travada	172/977	17,6	0,613
Não-travada	59/1139	5,2	0,403

A última variável selecionada pelo programa foi o tipo de sílaba, que ainda não tinha sido selecionado por nenhuma rodada. Esse fator apresentou, como favorecedora do enfraquecimento, a sílaba travada (0,613), enquanto a sílaba não-travada obteve apenas 0,403, inibindo o fenômeno, segundo a tabela 22.

Para entendermos melhor a atuação dos fatores linguísticos nesta rodada, resolvemos fazer o cruzamento entre os dois únicos selecionados, o que pode ser visualizado na tabela 23:

Tabela 23 – Dimensão do vocábulo x tipo de sílaba sobre o enfraquecimento de /v/ nos termos extremamente usuais no início de palavra

	Aplica/Total	%	Aplica/Total	%
	Não-travada		Travada	
Monossílabos	49/483	10	172/977	18
Dissílabos	10/656	2	0/0	-

Dessa forma, podemos perceber que há uma concentração bem maior de ocorrências aspiradas entre os monossílabos com travamento silábico (18%) do que nas demais células. Assim, entendemos que o grupo tipo de sílaba sofre interferência da variável dimensão da palavra, o que explica a seleção deste grupo nesta rodada. Analisando nossos

dados, verificamos que as 172/977 ocorrências de monossílabos com sílaba travada pertencem à palavra “[h]ai”.

5.2.4 Quarta análise: cruzamento entre escolaridade e faixa etária só para os termos extremamente usuais com /v/ em início de palavra

Em seguida, fizemos mais uma rodada, a fim de obtermos os pesos relativos do cruzamento – faixa etária x escolaridade. Nela, o programa escolheu como melhor nível de análise o *step up* 21 (*input* 0,066, significância 0.000 e *log likelihood* -624,976) e selecionou apenas três variáveis (nesta ordem): a tonicidade, o próprio cruzamento – faixa etária x escolaridade e o tipo de sílaba.

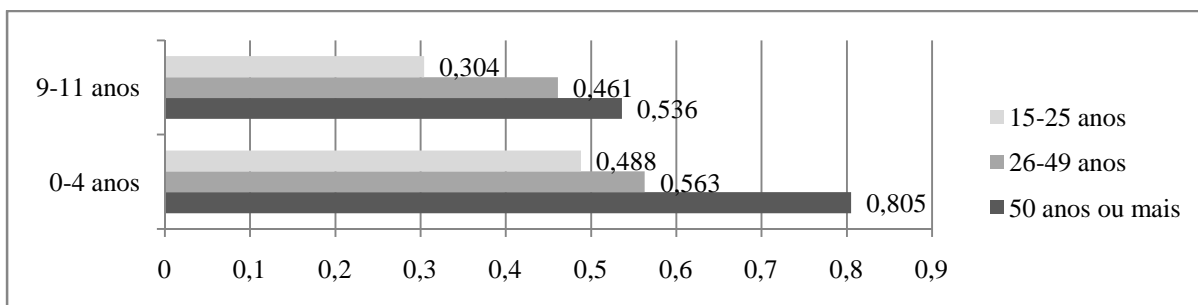
a) Tonicidade

A variável tonicidade obteve os mesmos resultados, repetindo inclusive os valores da rodada anterior (cf. 5.2.3, item “a”), isto é, com as tônicas favorecendo a variante aspirada (0,642), enquanto as pretônicas as inibem (0,214).

b) Cruzamento – faixa etária x escolaridade

Com a variável cruzamento – faixa etária x escolaridade, chegamos, praticamente, aos mesmos resultados da seção 5.2.2, com a pequena diferença de que os mais jovens, de 15 a 25 anos, não favoreceram mais o uso da variante aspirada, nem quando possuem a menor escolaridade, de 0 a 4 anos (de 0,488 passam para 0,304, com escolaridade de 9 a 11 anos). Os adultos, de 26 a 49 anos, tiveram praticamente os mesmos resultados da seção supracitada, mudando apenas os valores: 0,563 (de 0 a 4 anos) e 0,461 (de 9 a 11 anos). Já os mais idosos, com 50 anos ou mais, continuaram favorecendo o enfraquecimento, mesmo quando atingem o segundo nível de escolaridade (de 0,805 passam para 0,536). Esse resultado pode ser demonstrado no gráfico 12.

Gráfico 12 – Pesos relativos do cruzamento – faixa etária x escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ nos termos extremamente usuais no início de palavra



c) Tipo de sílaba

O último grupo selecionado foi o tipo de sílaba, cujos resultados tiveram os mesmos valores da rodada anterior (cf. 5.2.3, item “d”), ou seja, a maior aliada da forma aspirada continuou sendo a sílaba travada (0,611), enquanto a não-travada se mostrou inibidora do fenômeno (0,404).

Sobre a hierarquia dos fatores selecionados por Roncarati e Uchoa (1988), após realizarem o levantamento lexical, já mencionamos na seção 5.1.1, item “f”.

5.2.5 Quinta análise: somente com os verbos em /v/ início de palavra

Ao observarmos que, assim como nas outras pesquisas, os verbos apareciam muito na nossa amostra, resolvemos realizar uma análise apenas para as formas verbais do contexto de /v/ início de palavra.

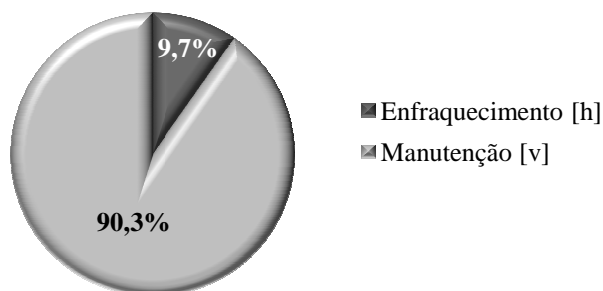
A primeira rodada que realizamos apresentou nocautes em dois grupos: no contexto fonológico antecedente e também no contexto subsequente. No primeiro, as vogais [ε] e [õ]⁶⁸ não apresentaram ocorrência de enfraquecimento. No contexto subsequente, os nocautes aconteceram nos fatores [ũ], [ε], [u] e [õ]⁶⁹, que só apresentaram realizações da variante aspirada.

A segunda rodada, após eliminarmos os nocautes, foi realizada com 3.335 dados, dos quais 325 (9,7%) são de enfraquecimento, como ilustrado no gráfico 13:

⁶⁸ A vogal [õ] só possui duas ocorrências nesse contexto (da manutenção): “bom [v]ai” (Inq. 50) e “Reveillon [v]ai” (Inq. 118).

⁶⁹ As ocorrências de: [ũ] – “criança [v]umitando” (Inq. 94) e “depois vum” (Inq. 93); [u]: “mulhé [v]ulgarizando” (Inq. 20) e “e [v]uando” (Inq. 59); [õ] – “#[v]omitando” (Inq. 64).

Gráfico 13 – Distribuição das ocorrências por variante no contexto /v/ início de palavra somente com os verbos após retirada dos nocautes



Nesta rodada o programa apontou, como melhor nível de análise, o *step up* 49 (*input* 0.058, significância 0,046 e *log likelihood* -918,257) e selecionou os seguintes fatores (nesta ordem): contexto fonológico subsequente, escolaridade, faixa etária, dimensão do vocábulo, frequência de uso, monitoramento estilístico e tonicidade.

a) Contexto fonológico subsequente

Para o contexto fonológico subsequente, obtivemos resultados um pouco diferentes (em relação ao que vimos na seção 5.2.1, item “f”), como mostra a tabela 24.

Tabela 24 – Atuação do contexto fonológico subsequente sobre o enfraquecimento de /v/ em início de palavra só com os verbos

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
[ẽ]	40/222	18,0%	0,783	noi [h]amo
[a]	183/1109	16,5%	0,614	ai [h]ai
[ɔ]	5/130	3,8%	0,537	e [h]oltava
[ẽ]	16/341	4,7%	0,479	num [h]em
[e]	12/429	2,8%	0,453	filha [h]êi
[o]	50/529	9,5%	0,402	eu [h]ô
[ĩ]	11/191	5,8%	0,398	num [h]inha
[i]	8/384	2,1%	0,251	ela [h]iu

Dentre as vogais com até 15 ocorrências, encontramos as outras 4 ocorrências de [ɔ]: “num [h]otá” (Inq. 95 e 132), “num [h]oto” (Inq. 132) e “pa [h]oltá” (Inq. 19). Ou seja, todas elas com o verbo “voltar”. Com [e], as outras 11 ocorrências foram: “posso [h]ê” (Inq. 36), “ela [h]êi” (Inq. 10), “pessoal [h]êi” (Inq. 09), “num [h]ê” (Inq. 132), “pa [h]ê” (Inq. 83 e 19), “ela [h]êi” (Inq. 34, 34 e 34) e “rapai [h]êi” (Inq. 19 e 19). Para [ĩ], as outras 10 ocorrências de [ĩ]: “gente [h]inha” (Inq. 95), “pa [h]im” (Inq. 95), “e [h]im” (Inq. 95), “sempre [h]inha” (Inq. 95), “qui [h]inha” (Inq. 129), “quando [h]inha” (Inq. 10), “e [h]im” (Inq. 157),

“ai [h]im” (Inq. 19), “num [h]im” (Inq. 19) e “que [h]im” (Inq. 19). E com [i], as outras 7 ocorrências de [i]: “pra [h]i” (Inq. 06), “mai [h]i (Inq. 95 e 95), “num [h]i” (Inq. 95 e 95), “cê[h]iu” (Inq. 132), “movimento [h]iu” (Inq. 153). Assim, tanto com [i] quanto com sua correspondente nasal [ĩ], as ocorrências aspiradas foram com flexões do verbo “ver” e “vir”.

Como podemos ver na tabela 24, as vogais [ẽ] e [a] passaram a aparecer nos dois primeiros lugares. A vogal [ɔ] passou a favorecer o enfraquecimento, e as vogais [ẽ], [e], [o], [ĩ] e [i] inibiram o fenômeno.

b) Escolaridade

Tabela 25 – Atuação da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ em início de palavra só com os verbos

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
0 a 4 anos	191/1524	12,5	0,610
9 a 11 anos	134/1811	7,4	0,407

O fator escolaridade mostrou os mesmos resultados (cf. seção 5.2.1, item “e”), pois os informantes com menor escolaridade, de 0 a 4 anos, favoreceram o fenômeno (0,610), e os que possuem de 9 a 11 anos de escolaridade o inibiram (0,407), de acordo com a tabela 25.

c) Faixa etária

Tabela 26 – Atuação da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ só com os verbos

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
50 anos ou mais	141/1015	13,9	0,638
26 a 49 anos	107/1122	9,5	0,487
15 a 25 anos	77/1198	6,4	0,394

A variável faixa etária também apresentou o mesmo resultado (cf. seção 5.2.1, item “b”), mas com valores um pouco diferentes: os falantes com 50 anos de idade ou mais, com probabilidade de 0,638, continuaram favorecendo a variante aspirada, os adultos (25 a 49 anos, com 0,487) e os jovens (15 a 25 anos, com 0,394) continuaram desfavorecendo-a, conforme a tabela 26.

d) Dimensão do vocábulo

A dimensão do vocábulo mostrou resultados diferentes (cf. seção 5.2.1, item “a”), pois, desta vez, os monossílabos (0,547) foram os únicos que, embora discretamente, mostraram-se favorecedores do fenômeno. Como mostra a tabela 27, os valores dos dissílabos (0,389) e dos trissílabos ou mais (0,391) revelam que ambos os fatores agem negativamente sobre a reificação.

Tabela 27 – Atuação da dimensão do vocábulo sobre o enfraquecimento de /v/ só com os verbos

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
Monossílabos	287/2348	12,2	0,547	eu [h]o
Trissílabos ou maior	2/145	1,4	0,391	e [h]oltava
Dissílabos	36/842	4,3	0,389	eu [h]ejo

Dentre os dados com até 15 ocorrências, encontramos a outra ocorrência de trissílabos ou maior: “eu [h]ala-me” (Inq. 34).

e) Frequência de uso

Tabela 28 – Atuação da frequência lexical sobre o enfraquecimento de /v/ só com os verbos

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
Termos extremamente usuais	221/1468	15,1	0,613	inda [h]ai
Termos usuais	93/1228	7,6	0,501	cara [h]em
Termos pouco usuais	6/244	2,5	0,408	num [h]ia
Termos pouquíssimo usuais	1/103	1	0,256	eu [h]ala-me
Termos muito usuais	4/292	1,4	0,160	posso [h]ê

Dentre os dados com até 15 ocorrências, encontramos as outras 5 ocorrências de termos pouco usuais: “num [h]otá” (Inq. 95 e 132), “num [h]oto” (Inq. 132), “num [h]otei” (Inq. 132) e “eu [h]enho” (Inq. 19). Para os termos muito usuais, as outras 3 ocorrências são: “num [h]ê” (Inq. 132) e “pa [h]ê” (Inq. 83 e 19).

A partir da tabela 28, quanto à frequência de uso, verificamos resultados um pouco diferentes dos que encontramos na seção 5.2.1, item “c”. Os termos extremamente usuais continuaram em primeiro lugar, favorecendo a variante aspirada (0,613). Em segundo lugar, permaneceram os termos usuais, no entanto, eles passaram a mostrar um comportamento neutro em relação ao fenômeno (0,501). Diferentemente do que tinha sido feito na seção supracitada, nesta não realizamos amálgama entre os termos pouco usuais e pouquíssimo usuais, por isso, cada um obteve resultados diferentes: o primeiro apareceu em quarto lugar, mas ainda inibindo o fenômeno (0,408), e os pouquíssimos usuais vieram em

quinto (0,256), apresentando apenas uma ocorrência aspirada (1/103 – 1,0%), já citada na tabela 28. Surpreendentemente, os termos muito usuais apareceram em último lugar dentro desse grupo de fatores, apresentando um valor insignificante (0,160), com apenas 4 ocorrências aspiradas (4/292 – 1,4%), sendo todas elas com o verbo “vê”.

Ao observarmos quais as palavras que pertencem ao fator termos muito usuais, verificamos que apenas “vê - vê-los”, com 4/301 ocorrências, são verbos; as demais palavras pertencentes a esse fator são “vida” e “véa - velha(s)(inha) - véi - velho(s)(im)”, ou seja, pertencentes ao grupo dos “nomes”.

f) Monitoramento estilístico

O fator monitoramento estilístico, que tinha sido excluído na primeira análise, da seção 5.2.1, foi aqui selecionado e novamente (em comparação à seção 5.1.1, item “g”) não confirmou a hipótese de que os DID seriam aliados de [v], a variante conservadora, pois o seu peso relativo, embora muito próximo do ponto neutro, foi maior (0,528) do que o do D2 (0,456), conforme a tabela 29:

Tabela 29 – Atuação do monitoramento estilístico sobre o enfraquecimento de /v/ só com os verbos

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
DID	224/2047	10,9	0,528
D2	101/1288	7,8	0,456

g) Tonicidade

A variável selecionada em último lugar nesta rodada foi a tonicidade e, com ela, verificamos o mesmo resultado da primeira análise (cf. seção 5.2.1, item “d”), ou seja, apenas a sílaba tônica (0,532), muito timidamente, é favorecedora do fenômeno, enquanto a sílaba pretônica (0,266) o inibe, conforme visualizamos na tabela 30:

Tabela 30 – Atuação da tonicidade sobre o enfraquecimento de /v/ só com os verbos

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
Tônica	320/2959	10,8	0,532	quando [h]inha
Pretônica	5/376	1,3	0,266	e[h]oltava

Dentre os dados com até 15 ocorrências, encontramos as outras 4 ocorrências de pretônicas: “num [h]otá” (Inq. 95 e 132), “num [h]otei” (Inq. 132), “pa [h]oltá” (Inq. 19).

5.2.6 Sexta análise: cruzamento entre escolaridade e faixa etária somente para os verbos com /v/ em início de palavra

Por último, resolvemos fazer uma nova rodada, acrescentando o cruzamento – faixa etária x escolaridade só para os verbos. Nessa rodada, o melhor nível de análise escolhido pelo programa foi o *step up 35* (*input* 0,059, significância 0,032 e *log likelihood* - 918,775). As variáveis por ele selecionadas foram (nesta ordem): contexto fonológico subsequente, cruzamento – faixa etária x escolaridade, tonicidade, tipo de sílaba e monitoramento estilístico.

a) Contexto fonológico subsequente

A variável contexto fonológico subsequente obteve os resultados que podemos melhor visualizar na tabela 31, a seguir:

Tabela 31 – Atuação do contexto fonológico subsequente só para os verbos após o cruzamento – faixa etária x escolaridade

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
[ẽ]	40/222	18,0	0,740	noi [h]amo
[a]	183/1109	16,5	0,659	ai [h]ai
[o]	50/529	9,5	0,602	eu [h]ô
[ẽ]	16/341	4,7	0,406	num [h]em
[ɔ]	5/130	3,8	0,398	e [h]oltava
[ĩ]	11/191	5,8	0,377	num [h]inha
[e]	12/429	2,8	0,273	ela [h]êi
[i]	8/384	2,1	0,223	ela [h]iu

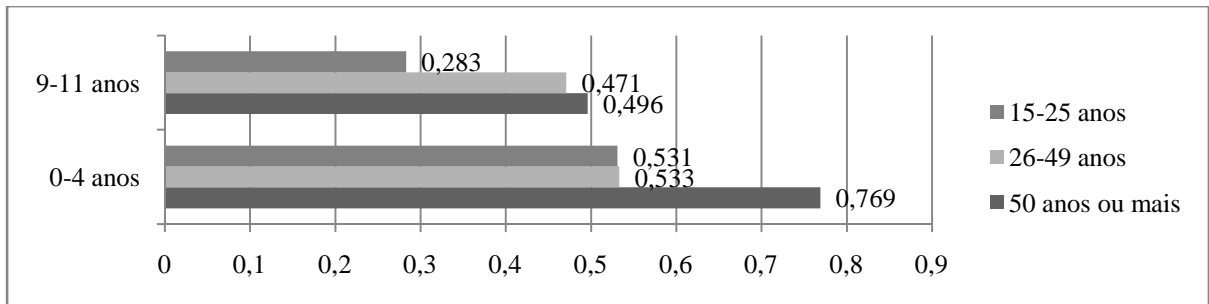
Dentre os dados com até 15 ocorrências, encontramos as outras 4 ocorrências de [ɔ]: “num [h]otá” (Inq. 95 e 132), “num [h]oto” (Inq. 132) e “pa [h]oltá” (Inq. 19). Com [ĩ], as outras 10 ocorrências são: “gente [h]inha” (Inq. 95), “pa [h]im” (Inq. 95), “e [h]im” (Inq. 95 e 157), “sempe [h]inha” (Inq. 95), “qui [h]inha” (Inq. 129), “quando [h]inha” (Inq. 10), “ai [h]im” (Inq. 19), “num [h]im” (Inq. 19), “que [h]im” (Inq. 19). Para [e], as outras 11 ocorrências são: “posso [h]ê” (Inq. 36), “ela [h]êi” (Inq. 10), “pessoal [h]êi” (Inq. 09), “num [h]ê” (Inq. 132), “pa [h]ê” (Inq. 83 e 19), “ela [h]êi” (Inq. 34, 34 e 34) e “rapai [h]êi” (Inq. 19 e 19). E com [i], as outras 7 ocorrências: “pra [h]i” (Inq. 06), “mai [h]i (Inq. 95 e 95), “num [h]i” (Inq. 95 e 95), “cê[h]iu” (Inq. 132), “movimento [h]iu” (Inq. 153).

De acordo com a tabela 31, podemos perceber que as mudanças mais relevantes aconteceram entre as vogais [o] e [ɔ], já que a primeira, antes de inserirmos o cruzamento, era

inibidora do enfraquecimento (0,402), sendo agora favorecedora (0,602); com [ɔ] aconteceu exatamente o contrário (de 0,537 passou para 0,398).

b) Cruzamento – faixa etária x escolaridade

Gráfico 14 – Pesos relativos do cruzamento – faixa etária x escolaridade no enfraquecimento de /v/ apenas com verbos



A segunda variável selecionada foi o próprio cruzamento – faixa etária x escolaridade que obteve resultados muito próximos aos que encontramos na seção 5.2.2 (quando realizamos o primeiro cruzamento), mudando apenas os valores. O gráfico 14 pode nos confirmar isso.

Os mais velhos, com a menor escolaridade, são os maiores favorecedores do fenômeno, com 0,769, mas, quando adquirem maior escolaridade, passam a se comportar de forma, praticamente, neutra, com 0,496; os adultos (de 26 a 49 anos), com baixa escolaridade, se apresentam levemente favorecedores da regra, com 0,533, já os que possuem maior escolaridade inibem o seu uso, com 0,471; e os mais jovens, com menor escolaridade, favorecem, muito timidamente, a aspiração, com 0,531, porém, quando se trata da escolaridade mais alta, passam a inibir fortemente o processo, com 0,283.

c) Tonicidade

A tonicidade novamente apresentou os mesmos resultados da seção anterior, ou seja, a sílaba tônica mostrou um peso relativo maior (0,550) do que a sílaba átona (0,172), apesar de a primeira continuar apresentando um valor bem próximo do ponto neutro.

d) Tipo de sílaba

Em seguida, o programa selecionou a variável tipo de sílaba. Nela verificamos, novamente, que a sílaba travada obteve um resultado favorável ao enfraquecimento (0,584), enquanto a sílaba não-travada obteve apenas (0,432), inibindo a variante aspirada, como podemos observar na tabela 32.

Tabela 32 – Atuação do tipo de sílaba sobre o enfraquecimento de /v/ entre os verbos após o cruzamento - faixa etária x escolaridade

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
Travada	217/1494	14,5	0,584
Não-travada	108/1841	5,9	0,432

e) Monitoramento estilístico

A última variável selecionada foi o monitoramento estilístico, que repetiu inclusive os valores da rodada anterior: DID (0,528) e D2 (0,456).

Após obtermos o resultado de cada variável, resolvemos fazer o cruzamento entre os fatores linguísticos selecionados nesta rodada, a fim de entendermos melhor os resultados obtidos. Primeiramente, fizemos o cruzamento entre a tonicidade e o contexto fonológico subsequente, apresentado na tabela 33.

Tabela 33 – Contexto fonológico subsequente x tonicidade sobre o enfraquecimento de /v/ nos verbos após o cruzamento – faixa etária x escolaridade

	Aplica/Total	%	Aplica/Total	%
	Tônicas		Pretônicas	
[e]	12/428	3	0/1	0
[i]	8/261	3	0/123	0
[o]	49/491	10	1/38	3
[ē]	16/263	6	0/78	0
[ō]	1/49	2	4/81	5
[a]	183/1082	17	0/27	0
[ā]	40/222	18	0/0	-
[ī]	11/163	7	0/28	0

Através desse cruzamento, podemos perceber, novamente, uma concentração altíssima das ocorrências aspiradas apenas diante das vogais [a] e [ā] nas sílabas tônicas, pois, entre as pretônicas, quase não há registro de aspiração de /v/. A leitura da tabela 33 nos leva a dizer que o contexto fonológico subsequente interfere no grupo tonicidade.

Tabela 34 – Contexto fonológico subsequente x tipo de sílaba sobre o enfraquecimento de /v/ nos verbos após o cruzamento - faixa etária x escolaridade

	Aplica/Total	%	Aplica/Total	%
	Não-travada		Travada	
[e]	4/366	1	8/63	13
[i]	4/301	1	4/83	5
[o]	50/500	10	0/29	0
[ē]	1/210	0	15/131	11
[ɔ]	3/26	12	2/104	2
[a]	11/131	8	172/978	18
[ẽ]	24/117	21	16/105	15
[ĩ]	11/190	6	0/1	0

O cruzamento entre contexto fonológico subsequente e tipo de sílaba detectou resultados semelhantes, pois a vogal [a], somente em sílaba travada, apresenta o maior número de ocorrências da reificação, destoando completamente dos demais contextos, como informa a tabela 34. Todas as 172 ocorrências encontradas são da palavra “[h]ai”. A vogal [ẽ], em sílaba não-travada, apresentou a maior porcentagem desse cruzamento (21%). Todos os dados, nesse contexto, são da palavra “vamo”. Por isso, entendemos que há sobreposição do grupo contexto fonológico subsequente sobre o tipo de sílaba.

Tabela 35 – Tonicidade x tipo de sílaba sobre o enfraquecimento de /v/ nos verbos após o cruzamento - faixa etária x escolaridade

	Aplica/Total	%	Aplica/Total	%
	Não-travada		Travada	
Tônicas	105/1563	7	215/1396	15
Pretônicas	3/278	1	2/98	2

O último cruzamento que fizemos foi entre a tonicidade e o tipo de sílaba. A partir dele verificamos que a maior porcentagem de sílabas tônicas está entre as sílabas travadas e também que, nas pretônicas, quase não há registro da variante aspirada, como mostra a tabela 35. Assim, concluímos que o grupo tonicidade interfere no tipo de sílaba.

5.3 CONTEXTO INTERVOCÁLICO

No contexto intervocálico, encontramos 5.055 ocorrências de /v/, sendo 996 (19,7%) na forma aspirada e 4.059 (80,3%) da manutenção. Para /v/ em contexto intervocálico, realizamos cinco análises. A primeira análise para este contexto foi feita com todas as variáveis de /v/ intervocálico. Na segunda, isolamos somente os dados que continham

a seguinte estrutura: vogal temática a + morfema do pretérito imperfeito do indicativo, isto é, o grupo /ava/. Na terceira, fizemos, novamente os cruzamentos entre as variáveis sociais sexo, faixa etária e escolaridade, dentro do arquivo com ocorrências de “/ava/ imperfeito”. Na quarta, reunimos apenas os demais verbos que não possuíam o morfema do imperfeito /ava/. Na quinta, cruzamos as variáveis sociais supracitadas, só para os verbos que não apresentavam o grupo /ava/.

Essa necessidade de subdivisão se deu, inicialmente, pelos resultados de pesquisas anteriores (RONCARATI; UCHOA (1988), CANOVAS (1991), MARQUES (2001), ALENCAR (2007) e PELICIONI (2008)), que constataram um número bem maior de ocorrências enfraquecidas com o grupo /ava/ (vogal temática da primeira conjugação + morfema do pretérito imperfeito do indicativo) e, posteriormente, quando transcrevíamos os nossos dados.

5.3.1 Primeira análise: visão geral sobre o contexto intervocálico

Nesta análise, consideramos todas as ocorrências de /v/ intervocálico, em todos os grupos de fatores (contexto fonológico precedente, contexto fonológico subsequente, tipo de sílaba, tonicidade, *status* morfológico do segmento, dimensão do vocábulo, classes de palavras, grupo fônico – palavras com /ava/ e palavras sem /ava/, gênero/sexo, faixa etária, escolaridade, monitoramento estilístico, frequência de uso). A primeira rodada feita foi apenas experimental e apresentou nocaute em dois grupos.

No contexto fonológico precedente, quando uma consoante antecedia /v/, não ocorreu nenhuma variante aspirada. Nesse mesmo grupo, a vogal [õ] também só apresentou ocorrências da manutenção. Já no contexto fonológico subsequente, não houve ocorrência enfraquecida quando as vogais [ĩ], [ẽ], [õ]⁷⁰ e a semivogal [ɨ]⁷¹ sucediam /v/.

Na segunda rodada, retiramos esses nocautes e passamos a trabalhar com 4.767 dados, dos quais 996 eram de enfraquecimento, correspondendo a 20,9%. Nessa mesma rodada, o programa selecionou⁷² e excluiu a variável grupo fônico, além de nem selecionar

⁷⁰ Só houve 2 ocorrências de [õ] na manutenção: “I[v]onete” (Inq. 36) e “I[v]onilde” (Inq. 93).

⁷¹ Só houve uma ocorrência de [ɨ]: “Flá[v]ia” (Inq. 143).

⁷² Os grupos selecionados no *step up* 82 (*input* 0,069, significância 0,000 e *log likelihood* -1572,783) nesta rodada foram (nesta ordem): grupo fônico, classes de palavras, escolaridade, frequência de uso, monitoramento estilístico, faixa etária, tonicidade, contexto fonológico subsequente e gênero/sexo. Os excluídos foram (nesta

nem excluir da rodada o contexto fonológico precedente. Diante dessa situação, resolvemos investigar se estaria havendo alguma sobreposição de fatores.

Para isso, fizemos cruzamentos entre o grupo fônico e as outras variáveis linguísticas selecionadas pelo programa e entre o contexto fonológico precedente e os demais grupos linguísticos. Com esses cruzamentos, percebemos que vários grupos apresentavam uma má distribuição dos dados, principalmente entre esses dois grupos, pois, dentre as células do fator palavras com /ava/, só houve preenchimento com a vogal [a] como precedente (o que já esperávamos). Além disso, verificamos nível por nível e percebemos que, quando o grupo fônico aparecia juntamente com o contexto fonológico precedente, o primeiro diminuía de forma considerável o valor do segundo.

Para evitarmos excluir um dos grupos, resolvemos verificar se seria possível um amalgamamento. Verificamos que havia menos de 10 dados de pretônicas enfraquecidas e, seguindo a teoria de Guy e Zilles (2007, p. 166)⁷³ que diz que devemos buscar amalgamar ou eliminar fatores com menos de 10 ocorrências, resolvemos amalgamar as pretônicas (cuja aplicação, em relação ao total de ocorrências foi 5/605) com as postônicas, formando um novo fator, denominado átonas.

Na rodada feita após esse amálgama, aconteceu o mesmo da rodada anterior: selecionou e excluiu o grupo fônico e não selecionou nem excluiu o contexto fonológico precedente.⁷⁴ Por isso, resolvemos excluir este último da rodada seguinte.

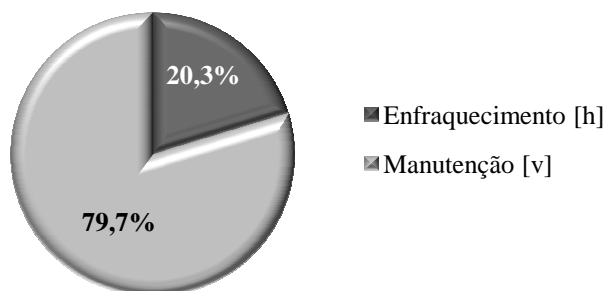
Dessa forma, finalmente, conseguimos obter resultados satisfatórios e passamos a trabalhar com 4.902 dados, dos quais 996 eram de enfraquecimento, correspondendo a 20,3%, como podemos observar no gráfico 15:

ordem): grupo fônico, dimensão do vocábulo, *status* morfológico do segmento. O contexto fonológico precedente nem foi selecionado nem excluído.

⁷³ Já citada na seção 5.2.1.

⁷⁴ Nesta rodada, os grupos selecionados no *step up86* (input 0,075, significância 0,004 e *likelihood* -1580,426) foram (nesta ordem): grupo fônico, classes de palavras, escolaridade, frequência de uso, monitoramento estilístico, faixa etária, contexto fonológico subsequente, gênero/sexo, *status* morfológico do segmento e dimensão do vocábulo. Os excluídos foram (nesta ordem): grupo fônico, tonicidade e tipo de sílaba. O contexto fonológico precedente nem foi selecionado nem excluído.

Gráfico 15 – Distribuição das ocorrências por variante no contexto /v/ intervocálico após retirada dos nocautes e exclusão da variável contexto fonológico precedente



Nessa rodada, o programa selecionou como melhor nível de análise o *step up 76* (*input* 0,069, significância 0,002 e *log likelihood* -1582,742), apresentando como grupos relevantes (nesta ordem): grupo fônico, classes de palavras, escolaridade, frequência de uso, monitoramento estilístico, faixa etária, contexto fonológico subsequente, gênero/sexo, *status* morfológico do segmento e dimensão do vocábulo. Em contrapartida, foram excluídos (nesta ordem): tipo de sílaba e tonicidade. Assim, baseando-nos nesta seleção de fatores, mostraremos os resultados obtidos para cada uma destas variáveis.

a) Grupo fônico

Nos dados de /v/ intervocálico, o grupo fônico apresentou, como aliado do enfraquecimento, o fator palavras com /ava/, corroborando as hipóteses e as demais pesquisas; os demais contextos foram inibidores da regra (0,394), conforme a tabela 36.

Tabela 36 – Atuação da variável grupo fônico sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
Palavras com /ava/	841/1869	45,0	0,667
Palavras sem /ava/	155/3033	5,1	0,394

Com esse resultado, reforçamos nosso desejo de subdividir o arquivo de dados com as ocorrências de /v/ em contexto intervocálico em dois outros arquivos: o primeiro, com as palavras com /ava/, e o segundo, com as palavras sem /ava/. Posteriormente, justificaremos as demais subdivisões que foram necessárias.

b) Classes de palavras

Tabela 37 – Atuação das classes de palavras sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
Outros	24/43	55,8	0,983	A[h]e Maia
Verbos	942/3179	29,6	0,597	puxa[h]a
Nomes	30/1602	1,9	0,299	dú[h]ida

Em seguida, o programa selecionou a variável classes de palavras, cujos resultados revelaram um uso quase categórico da variante aspirada no fator “outros” (nem nomes nem verbos), com um valor de 0,983 e esse peso relativo deve-se apenas à locução interjetiva “Ave Maria!”. Os verbos também apresentaram um valor favorável ao enfraquecimento (0,597), ao contrário dos nomes que foram inibidores do fenômeno (0,299), segundo a tabela 37.

c) Escolaridade

A variável selecionada em terceiro lugar foi a escolaridade. Nela verificamos novamente que são os falantes de menor escolaridade (de 0 a 4 anos) os que favorecem a aspiração (0,640); os de maior escolaridade (de 9 a 11 anos) atuam negativamente sobre o processo (0,354), como consta na tabela 38.

Tabela 38 – Atuação da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
0 a 4 anos	723/2514	28,8	0,640
9 a 11 anos	273/2388	11,4	0,354

d) Frequência de uso

Em seguida, foi selecionada a frequência de uso. De acordo com os nossos resultados, expressos na tabela 39, os fatores termo muito usual, termo usual e termo extremamente usual foram, nesta ordem hierárquica, os que favoreceram o fenômeno, obtendo, respectivamente: 0,641, 0,540 e 0,529. Assim, ao percebermos que os termos extremamente usuais estavam em terceiro lugar, e os demais termos estavam corroborando as hipóteses de que quanto mais usual for uma palavra maior será a sua possibilidade de enfraquecimento, resolvemos verificar essa “distorção”, realizando o cruzamento dessa variável com as demais variáveis linguísticas selecionadas.

Tabela 39 – Atuação da frequência de uso sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
Termo muito usual	160/1048	15,3	0,641	fica[h]a
Termo usual	191/674	28,3	0,540	da[h]a
Termo extremamente usual	281/513	54,8	0,529	ta[h]a
Termo pouco usual	156/923	16,9	0,455	si[h]iu
Termo pouquíssimo usual	208/1744	11,9	0,413	cutu[h]elo

Em nossos dados, só classificamos como termos extremamente usuais os verbos “ta/v/a(m) - esta/v/a(m)”, pois com eles é que obtivemos o valor de 0,529. Mas os termos classificados como muito usuais e usuais apresentaram maior diversidade de palavras, apresentando, portanto, maior possibilidade de enfraquecimento em mais contextos. São exemplos de termos muito usuais: “tive”, “leva”, “conversa”, “teve”, “novo”, “vive”; exemplos de termos usuais: “devia”, “dava”, “gostava”, “trabalhava”, “lava”, “povo”, “serviço”. Há muitas células vazias para os termos extremamente usuais porque, neste fator, só existem “ta/v/a(m) - esta/v/a(m)”. Por isso, seu percentual e seu peso relativo foram maiores. Além disso, ao cruzarmos essa variável com as outras variáveis linguísticas selecionadas, verificamos que, com os termos extremamente usuais, muitas células ficaram vazias.

e) Monitoramento estilístico

O programa selecionou a variável monitoramento estilístico em quinto lugar e, por meio dela, verificamos que, novamente, é nos DID que há o favorecimento da variante aspirada (0,572); enquanto, nos D2, esse valor é de apenas 0,361, como mostra a tabela 40. Desta vez, verificamos que a diferença entre os valores apresentados é significativa. Dessa forma, podemos concluir que essa variável interfere no fenômeno e que os falantes, embora numa situação (teoricamente) mais monitorada, produzem mais a variante inovadora.

Tabela 40 – Atuação do monitoramento estilístico sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
DID	753/3242	23,2	0,572
D2	243/1660	14,6	0,361

f) Faixa etária

Em sexto lugar, o programa selecionou mais uma variável social, a faixa etária, cujos resultados continuam informando que quanto maior a faixa etária maior será o favorecimento da variante aspirada, como descrito na tabela 41:

Tabela 41 – Atuação da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
50 anos ou mais	513/1939	26,5	0,599
26-49 anos	282/1530	18,4	0,486
15-25 anos	201/1433	14,0	0,382

g) Contexto fonológico subsequente

O contexto fonológico subsequente foi a sétima variável a ser selecionada nesta rodada e apresentou como vogais favorecedoras do enfraquecimento de /v/ apenas [a] (0,651), [ẽ] (0,631) e [u] (0,520), como revela a tabela 42. As demais vogais foram inibidoras.

Tabela 42 – Atuação do contexto fonológico subsequente sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
[a]	878/2259	38,9	0,651	pensa[h]a
[ẽ]	13/171	7,6	0,631	le[h]ando
[u]	16/343	4,7	0,520	no[h]o
[e]	28/514	5,4	0,484	ti[h]esse
[o]	1/67	1,5	0,476	ad[h]ogado
[i]	56/1131	5,0	0,337	ser[h]iu
[o]	2/87	2,3	0,278	le[h]ô
[e]	2/330	0,6	0,126	ca[h]ei

Dentre os dados com até 15 ocorrências, encontramos as outras 12 ocorrências de [ẽ] são: “la[h]ando” (Inq. 06), “trata[h]am” (Inq. 06), “ta[h]am” (Inq. 94, 94, 129, 10, 40 e 143), “droga[h]am” (Inq. 72), “la[h]ando” (Inq. 09 e 09), “fica[h]am” (Inq. 78). A outra ocorrência de [o] é “ne[h]oso” (Inq. 84). E a outra de [e] é cutu[h]elo.

Ainda sobre a atuação do contexto fonológico subsequente, a fim de verificarmos se houve alguma sobreposição de fatores, cruzamos esta variável com as demais variáveis linguísticas selecionadas. Em todos os cruzamentos, percebemos uma enorme concentração de dados na vogal [a]; as outras vogais ficaram com porcentagens bem inferiores, principalmente quando cruzadas com o fator palavras com /ava/, pois suas células só foram preenchidas com a vogal [a], e as demais estavam vazias.

h) Gênero/sexo

Em seguida, foi selecionada a última variável social, o gênero/sexo. Em nossos dados, verificamos que são novamente os homens (0,552) os que favorecem o fenômeno, mas com um peso relativo apenas discretamente maior do que o das mulheres (0,460), como apresentado na tabela 43. Esse resultado pode nos confirmar que o fenômeno ocorre independentemente do gênero/sexo dos falantes.

Tabela 43 – Atuação do gênero/sexo sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
Homens	384/2138	18,0	0,552
Mulheres	612/2764	22,1	0,460

Para efeitos comparativos em contexto de /v/ intervocálico, achamos importante relatar que Roncarati e Uchoa (1988) incluem a palavra “tele[h]isão” em seu teste de atitudes, e, segundo a percepção dos juízes cearenses que participaram do teste, esse verbo costuma ser enfraquecido: por analfabetos (50%); por empregados domésticos (30%), por operários (20%); por falantes do norte do Ceará (100%); por informantes do interior do Estado (60%); pela própria pronúncia da palavra (80%); por uma linguagem informal, rápida, relaxada, não monitorada (100%); pelos homens (70%); por jovens (30%), adolescentes (20%) e adolescentes/jovens (10%); e o juiz não falaria dessa maneira (70%). Além disso, os juízes consideraram esse uso (troca do [v] pelo [h]) como “um erro de pronúncia característico do nordeste.” (RONCARATI; UCHOA, *op. cit.*, p. 94).

i) *Status* morfológico do segmento

A nona variável selecionada foi o *status* morfológico do segmento e, a partir dela, verificamos que os morfemas gramaticais (0,674) são responsáveis pelo enfraquecimento de /v/; enquanto os lexicais (0,402) atuam negativamente sobre o fenômeno, segundo a tabela 44. Dessa forma, confirmamos a hipótese de que os morfemas lexicais, por fazerem parte da raiz da palavra, sendo assim, portadores de um conteúdo informacional, são mais resistentes ao enfraquecimento.

Tabela 44 – Atuação do *status* morfológico do segmento sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
Morfema gramatical	789/1734	45,5	0,674
Morfema lexical	207/3168	6,5	0,402

Esse resultado foi semelhante ao de Roncarati e Uchoa (1988), visto que foram as palavras no pretérito imperfeito com a forma /ava/, que constitui um morfema gramatical, as que favoreceram a variante aspirada.

Em Marques (2001), essa variável foi selecionada em primeiro lugar no arquivo onde ela separou apenas os dados de palavras com /ava/ e não foi selecionada no arquivo com as palavras sem /ava/. Na pesquisa dessa autora, obteve-se o mesmo resultado, pois foram os morfemas não-lexicais (0,57) os que favoreceram o enfraquecimento; enquanto os lexicais (0,12) atuaram negativamente sobre o fenômeno.

j) Dimensão do vocábulo

Por último, o programa selecionou a variável dimensão do vocábulo, cujos resultados não confirmaram a hipótese de que quanto maior fosse o vocábulo maior seria o índice de enfraquecimento, pois os dissílabos é que atuaram positivamente sobre o fenômeno (0,593); enquanto os trissílabos ou maiores obtiveram uma atuação negativa (0,437), de acordo com a tabela 45.

Tabela 45 – Atuação da dimensão do vocábulo sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
Dissílabos	437/1970	22,2	0,593
Trissílabos ou maiores	559/2932	19,1	0,437

A fim de verificarmos se alguma variável estaria interferindo no resultado deste grupo, percebemos que, ao cruzarmos dimensão do vocábulo com classes de palavras, a célula da classe “outros” apresentava 0% para os trissílabos ou maiores, enquanto, para os dissílabos, era 59%, configurando, portanto, um enorme desequilíbrio. Devemos esse resultado à locução interjetiva “A[h]e Maria!”, classificada na classe que causou tal desproporção.

Na comunidade pessoense, a pesquisa de Marques (2001)⁷⁵ também aponta que os dissílabos é que seriam fortes condicionadores do fenômeno (0,66). Os monossílabos⁷⁶ também apresentaram um valor acima do ponto neutro (0,54), mas os trissílabos e os polissílabos inibiram o enfraquecimento, com 0,48 e 0,34, respectivamente.

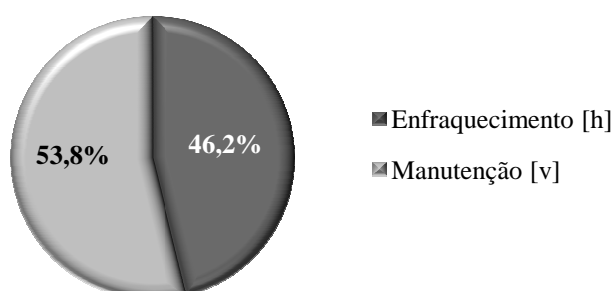
⁷⁵ A variável dimensão do vocábulo só foi selecionada no arquivo em que Marques (2001) isola as ocorrências com a forma /ava/ (tanto verbos quanto não-verbos).

⁷⁶ A autora não dá exemplos desses monossílabos, mas explicita o seu total de 12/102.

5.3.2 Segunda análise: só com o pretérito imperfeito em /ava/⁷⁷

Nesse arquivo, foram encontrados 1.816 dados (36% de /v/ intervocálico e 16,5% dos dados de /v/ em ambas as posições na palavra), dos quais 839 (46,2%) foram de enfraquecimento. Não houve nocautes nessa rodada, assim, podemos visualizar estes números no gráfico 16.

Gráfico 16 – Distribuição das ocorrências por variante somente para o imperfeito /ava/



Na pesquisa de Roncarati e Uchoa (1988), uma das variáveis por eles analisada no enfraquecimento de /v/ foi a marca de desinência verbal, cujos fatores eram: segmento enfraquecido nas forma em /ava/ (imperfeito do primeiro conjunto), segmento enfraquecido em outras formas verbais e segmento em outras formas não verbais. Os valores obtidos para cada um desses segmentos foram, respectivamente: 0,82 (62/241 – 26%), 0,37 (30/695 – 4%) e 0,27 (12/583 – 2%). Também, a pesquisa constatou que o morfema do imperfeito /ava/ foi selecionado em primeiro lugar dentre os fatores postulados pelos autores para o enfraquecimento de /v/. Ademais, eles verificaram que os verbos em /ava/ são os mais usuais no léxico de todos os falantes das entrevistas por eles analisadas, ou seja, tanto as de falantes fortalezenses (25,85% de aspiração) quanto as de participantes da IMP (68,29% de enfraquecimento) e do interior do Ceará (77,77% de aspiração).

Em João Pessoa, no trabalho de Marques (2001), também foi constatada maior ocorrência aspirada nas palavras que possuíam a forma /ava/⁷⁸: 44% (1076) eram de enfraquecimento, contra 56% (1361) da manutenção.

⁷⁷ Trata-se da vogal temática da 1ª conjugação + desinência do modo indicativo e do tempo pretérito imperfeito.

⁷⁸ É importante lembrar que, no caso da pesquisa de Marques (2001), as formas em /ava/ incluíam ainda palavras que não estavam no pretérito imperfeito do indicativo, como: “ca[h]alo” e “la[h]ar”.

A respeito da ocorrência com as formas em /ava/, Canovas (1991) relata que, em Salvador:

Os índices da pronúncia padrão foram quase unânimes. Mesmo a alta produtividade da desinência -ava na língua, acrescido o fato de ser pronunciada com a aspiração [aha] e que, segundo nossas observações empíricas, nos levava a prever um índice bem mais alto da aspiração de /v/, o qual não se confirmou nos nossos dados. (CANOVAS, 1991, p. 103).

Ainda nessa mesma cidade, a pesquisa de Pelicioli (2008) revelou que, das 48 ocorrências aspiradas de /v/, 42 (88%) foram com palavras com o morfema /ava/ no pretérito imperfeito, 5 (10%) com flexões do verbo “ir” e uma (2%) com a palavra “inclusive”.

Alencar (2007) também observa em seus dados que o maior número de ocorrências acontece com a desinência do pretérito imperfeito do indicativo /ava/ e que, em outras formas verbais e até mesmo em outras classes de palavras, a aspiração não foi beneficiada.

Assim, com o objetivo de verificarmos os contextos específicos que fariam as palavras no pretérito imperfeito do indicativo (com o morfema /ava/) serem favorecedoras da aspiração, decidimos fazer uma análise exclusivamente com essas palavras. Para isso, retiramos as variáveis: contexto fonológico precedente (pois todos os dados têm a vogal [a] precedendo /v/), classes de palavras (pois todas as ocorrências pertencem à classe dos verbos), *status* morfológico do segmento e grupo fônico (pois todos os dados aqui possuem o morfema /ava/). Nesta análise, realizamos duas rodadas.

A primeira rodada já foi satisfatória, pois não apresentou nocautes e houve distribuição complementar na seleção das variáveis, isto é, as que foram selecionadas não apareceram entre as excluídas e vice-versa. O melhor nível de análise foi o *step up* 36 (*input* 0,451, significância 0,041 e *log likelihood* -1091,924) que só não selecionou a variável contexto fonológico subsequente⁷⁹; os demais grupos de fatores foram selecionados nesta ordem hierárquica: escolaridade, monitoramento estilístico, frequência de uso, faixa etária, tipo de sílaba, gênero/sexo e dimensão do vocábulo.

A seguir, analisaremos cada uma das variáveis consideradas relevantes.

⁷⁹A variável contexto fonológico subsequente era composta apenas pelas vogais [a] (ex.: “aceitava”), [ẽ] (ex.: “ficavam”) e [u] (ex.: “chamavu”).

a) Escolaridade

A primeira variável selecionada foi social: a escolaridade que, segundo a tabela 46, confirma o que já vínhamos observando em outras análises, isto é, os falantes de menor escolaridade favorecem o enfraquecimento (0,635), ao contrário dos que possuem maior escolaridade (0,315).

Tabela 46 – Atuação da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
0 a 4 anos	611/1061	57,6	0,635
9 a 11 anos	228/755	30,2	0,315

b) Monitoramento estilístico

Em seguida, veio o monitoramento estilístico, cujos dados revelam que, no DID, há maior probabilidade de enfraquecimento (0,580) do que no D2 (0,338), conforme a tabela 47.

Tabela 47 – Atuação do monitoramento estilístico sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
DID	626/1228	51,0	0,580
D2	213/588	36,2	0,338

c) Frequência de uso

A terceira variável selecionada foi a frequência de uso. Com ela, verificamos que são os termos muito usuais (0,660) e não os extremamente usuais (0,567) os que favorecem o enfraquecimento. Em seguida, confirmamos a hipótese de que quanto menos usual for um termo menor será a sua probabilidade de enfraquecimento, como mostra a tabela 48:

Tabela 48 – Atuação da frequência de uso sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplos
Termo muito usual	77/133	57,9	0,660	fica[h]a
Termo extremamente usual	281/513	54,8	0,567	ta[h]a
Termo usual	163/332	49,1	0,494	da[h]a
Termo pouco usual	127/286	44,4	0,479	si[h]iu
Termo pouquíssimo usual	191/552	34,6	0,413	cutu[h]elo

Em nossos dados, só classificamos como termos extremamente usuais os verbos “tava(m)/estava (m)”, pois com eles é que obtivemos o valor de 0,567. Mas os termos classificados como usuais apresentaram maior diversidade de palavras. São elas: “fica/v/a(m)”

(67/110), “leva/v/a(m)” (8/19) e “conversa/v/a” (2/4). Por isso, seu percentual e seu peso relativo foram maiores, resultado semelhante ao que aconteceu na seção 5.3.1, item “d”.

Em Roncarati e Uchoa (1988), o termo mais frequente é também o verbo “tava”. Nas amostras que eles analisaram, ele aparece 108 vezes, das quais 47 (43,5%) são enfraquecidas. Em segundo lugar, eles registraram o verbo “gostava” que aparece 17 vezes, enfraquecendo em 12 delas (70,6%). É justamente este último verbo que eles utilizam na aplicação do teste de atitudes. Segundo a percepção dos juízes cearenses que participaram do teste, esse verbo costuma ser enfraquecido: por falantes de 5ª a 8ª série do 1º grau⁸⁰ (70%); por empregados de loja (40%); por falantes do norte do Ceará (70%); por informantes de Fortaleza (90%); pela maneira de construção da frase (50%); pela pronúncia da palavra (30%); por uma linguagem informal, rápida, relaxada, não-monitorada (40%); por homens e mulheres (mesma porcentagem); por adultos (90%); e um juiz não pronunciaria dessa maneira (80%).

d) Faixa etária

A variável selecionada em seguida é a faixa etária, cujos resultados corroboram com os demais, pois são os idosos (de 50 anos ou mais) os que mais privilegiam o enfraquecimento (0,568); os adultos (de 26 a 49 anos) também se mostram favorecedores do fenômeno, embora timidamente já que o peso relativo atribuído a esta faixa etária se aproxima muito do ponto neutro (0,522); e os jovens (de 15 a 25 anos) são inibidores do fenômeno (0,345), de acordo com a tabela 49.

Tabela 49 – Atuação da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
50 anos ou mais	429/862	49,8	0,568
26-49 anos	246/512	48,0	0,522
15-25 anos	164/442	37,1	0,345

e) Tipo de sílaba

Em quinto lugar, temos novamente uma variável linguística, o tipo de sílaba. Com ela, verificamos que as sílabas não-travadas comportam-se de maneira neutra (0,508) em relação ao enfraquecimento, e as travadas o inibem (0,235), como revela a tabela 50.

⁸⁰ Atualmente, de 6º a 9º ano do Ensino Fundamental.

Tabela 50 – Atuação do tipo de sílaba sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
Não-travada	831/1768	47,0	0,508	pega[h]a
Travada	8/48	16,7	0,235	ta[h]am

Dentre os dados com até 15 ocorrências, encontramos as outras 7 ocorrências de sílaba travada: “ta[h]am” (Inq. 40, 129, 10, 34 e 34), “droga[h]am” (Inq. 10) e “fica[h]am” (Inq. 72).

Ao observarmos os cruzamentos feitos entre esta variável e os demais grupos linguísticos, verificamos que há valores muito baixos em todas as células correspondentes às sílabas travadas, apresentando, inclusive, muitas células vazias. Dessa forma, podemos entender que as sílabas não-travadas comportam-se de maneira neutra porque, praticamente, não há “competição” com as sílabas travadas.

f) Gênero/sexo

Em seguida, o programa selecionou a variável gênero/sexo, e os resultados obtidos, segundo a tabela 51, corroboram os demais que selecionaram esta variável, ou seja, são os homens os que favorecem o enfraquecimento (0,560), enquanto as mulheres o inibem (0,471).

Tabela 51 – Atuação do gênero/sexo sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
Homens	601/5343	11,2	0,560
Mulheres	778/5612	13,8	0,471

g) Dimensão do vocábulo

Por último, foi selecionada a variável dimensão do vocábulo, cujos resultados revelam que o enfraquecimento é favorecido apenas pelos dissílabos (0,584); os trissílabos ou maiores inibem o fenômeno (0,458), em conformidade com a tabela 52. Dessa forma, aqui não se confirma a hipótese de que quanto maior o vocábulo maior a probabilidade de enfraquecimento.

Tabela 52 – Atuação da dimensão do vocábulo sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
Dissílabos	330/599	55,1	0,584	da[h]a ⁸¹
Trissílabos ou maiores	509/1217	41,8	0,458	enxerga[h]a

A fim de entendermos melhor a atuação das variáveis linguísticas selecionadas pelo programa, resolvemos fazer o cruzamento entre elas e verificamos que há um desequilíbrio nas células de dissílabos e trissílabos ou maiores com sílaba travada, enquanto as demais se mostram equilibradas, como podemos ver na tabela 53:

Tabela 53 – Dimensão da palavra x tipo de sílaba sobre o enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/

	Aplica/Total	%	Aplica/Total	%
	Não-travada		Travada	
Trissílabos ou maior	507/1185	43	2/32	6
Dissílabos	324/583	56	6/16	38

5.3.3 Terceira análise: cruzamento entre escolaridade, faixa etária e gênero/sexo para pretérito imperfeito em /ava/

Nesta análise, realizamos mais uma rodada com o cruzamento entre as variáveis sociais selecionadas pelo programa (escolaridade, faixa etária e gênero/sexo). Nessa rodada⁸², obtivemos um grupo selecionado e, ao mesmo tempo, excluído pelo programa (cruzamento – faixa etária x escolaridade) e outro que nem foi selecionado nem excluído (contexto fonológico subsequente).

Por isso, resolvemos excluir a variável contexto fonológico subsequente⁸³ da rodada seguinte. Nesta, obtivemos resultados satisfatórios, e o melhor nível de análise escolhido pelo programa foi o *step up 27* (*input* 0,453, significância 0,024 e *log likelihood* -1079,541), cujas variáveis selecionadas foram (nesta ordem): cruzamento – escolaridade x gênero/sexo, monitoramento estilístico, frequência de uso, cruzamento – faixa etária x gênero/sexo, tipo de sílaba e dimensão do vocábulo. Em contrapartida, o excluído foi o cruzamento – faixa etária x escolaridade. A seguir faremos a análise com base nesta última rodada.

⁸¹ As 330 ocorrências aspiradas de dissílabos distribuem-se em: “ta[h]a(m)” e “da[h]a”.

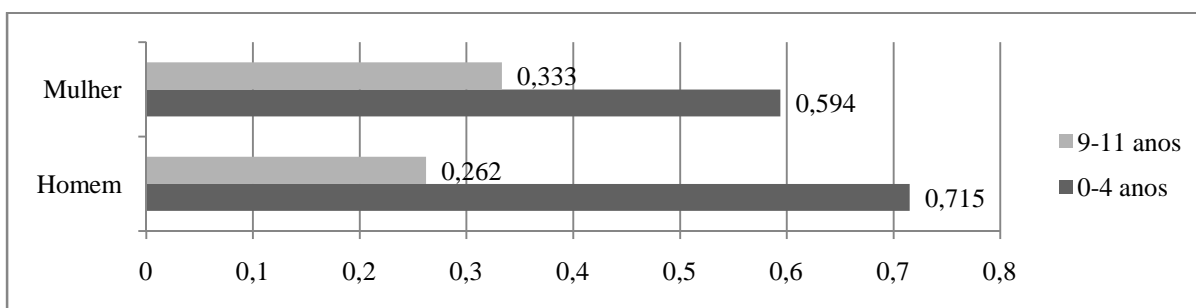
⁸² Os grupos selecionados no *step up 33* (*input* 0,453, significância 0,024 e *log likelihood* -1079,541) nesta rodada foram (nesta ordem): cruzamento – escolaridade x gênero/sexo, monitoramento estilístico, frequência de uso, cruzamento – faixa etária x gênero/sexo, tipo de sílaba e dimensão do vocábulo. Os excluídos foram (nesta ordem): cruzamento – faixa etária x escolaridade e tipo de sílaba.

⁸³ Essa variável já havia sido excluída pelo programa na rodada anterior e, como já mencionamos, os seus fatores eram de apenas três vogais ([a], [ẽ] e [u]), que possuíam uma enorme desproporção, pois a maior parte das ocorrências acontecia com [a].

a) Cruzamento – escolaridade x gênero/sexo

Nesta rodada, a primeira variável selecionada pelo programa foi o cruzamento – escolaridade x gênero/sexo. Os resultados obtidos revelam que tanto homens quanto mulheres, de menor escolaridade (de 0 a 4 anos), favorecem o enfraquecimento, sendo a sua ocorrência bem mais prestigiada pelos homens (0,715); enquanto ambos os sexos inibem o fenômeno, quando o nível de escolaridade é maior (de 9 a 11 anos), como pode ser visto no gráfico 17.

Gráfico 17 – Pesos relativos do cruzamento – escolaridade x gênero/sexo no enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/



b) Monitoramento estilístico

O monitoramento estilístico veio em segundo lugar e apresentou os mesmos resultados da análise anterior (cf. 5.3.2, item “b”), com pequenas alterações nos valores: DID (0,573) e D2 (0,351).

c) Frequência de uso

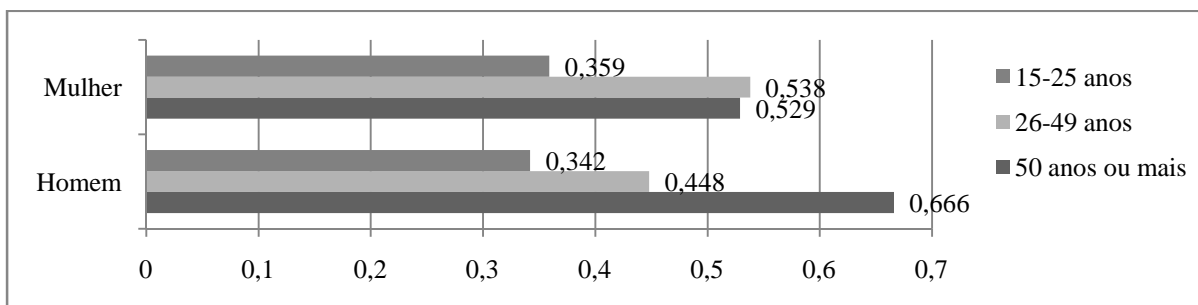
Em seguida, o programa selecionou a variável frequência de uso e apresentou pequenas diferenças apenas nos valores de cada fator: termos muito usuais (0,672), termos extremamente usuais (0,553), termos usuais (0,486) e termos pouquíssimo usuais (0,420).

d) Cruzamento – faixa etária x gênero/sexo

Em quarto lugar, foi selecionado o cruzamento – faixa etária x gênero/sexo. A partir dele, verificamos que as mulheres, tanto as adultas (de 26 a 49 anos) quanto as idosas (50 anos ou mais), atuam como aliadas do enfraquecimento (0,538 e 0,529, respectivamente), embora com valores próximos do ponto neutro. Por outro lado, os homens idosos se

mostraram fortes aliados da regra (0,666), mas só se comportaram assim nessa faixa etária. Assim, os homens adultos (0,448) e ambos os sexos jovens (de 15 a 25 anos) são inibidores da aspiração, conforme o gráfico 18:

Gráfico 18 – Pesos relativos do cruzamento – faixa etária x gênero/sexo no enfraquecimento de /v/ no imperfeito /ava/



Pelo gráfico, podemos ainda notar que, em relação aos homens, à medida que decresce a faixa etária decresce também o índice de enfraquecimento. Com as mulheres, esse índice se estabiliza a partir da faixa etária intermediária.

e) Tipo de sílaba

O tipo de sílaba foi selecionado em seguida, apresentando valores muito próximos aos da rodada anterior (cf. 5.3.2, item “e”): sílaba não-travada (0,507) e travada (0,256).

f) Dimensão do vocábulo

Em último lugar, o programa selecionou a variável dimensão do vocábulo, cujos resultados também mostram muita semelhança com os da rodada supracitada: dissílabos (0,600) e trissílabos (0,450).

5.3.4 Quarta análise: verbos com /v/ intervocálico (sem o morfema /ava/)

Esta análise será feita com base apenas nos dados com verbos que não possuem o morfema /ava/. Essa delimitação aos verbos deu-se, sobretudo, porque sentimos a necessidade de comparar (assim como nas outras pesquisas já citadas na seção 5.3.2), em termos de uma mesma classe de palavras, como se dá o enfraquecimento em cada forma. Além disso, nossos dados com não-verbos em contexto de /v/ intervocálico, tanto com a forma /ava/ quanto sem ela, foram descartados por insuficiência de ocorrências na forma aspirada. Os não-verbos com

a forma /ava/ só obtiveram 1,5% de enfraquecimento (1/67)⁸⁴, e os que não possuem essa forma, apenas 3% (53/1755)⁸⁵.

Diferentemente dos critérios que utilizamos, Marques (2001) analisa um outro arquivo que não continha dados com a forma /ava/ (tanto verbos quanto não-verbos, em contextos de início de palavra e intervocálico), cujas ocorrências de enfraquecimento foram de apenas 2% dos dados (107/6.575). A partir desse arquivo de Marques (2001) é que faremos algumas comparações com os nossos resultados.

Assim, com 1.360 dados fizemos uma análise, a partir dos seguintes grupos de fatores: contexto fonológico precedente, contexto fonológico subsequente, tipo de sílaba, tonicidade, *status* morfológico do segmento, dimensão do vocábulo, gênero/sexo, faixa etária, escolaridade, monitoramento estilístico e frequência de uso. Nesta análise, não trabalhamos com as variáveis classes de palavras (porque todas são verbos) nem grupo fônico (pois só analisamos os verbos que não possuem o morfema /ava/). Realizamos duas rodadas.

A primeira rodada apresentou nocautes em três grupos. O primeiro deles foi o contexto fonológico precedente, pois quando /v/ foi antecedido por consoante, pelas vogais [u], [o], [ĩ], [õ] e [ɔ] e pela semivogal [w]/ [ʋ], apresentou apenas ocorrências da manutenção. No contexto fonológico subsequente, os nocautes foram com as vogais [ĩ]⁸⁶, [ɔ]⁸⁷ e [ẽ]. E, no *status* morfológico do segmento, os morfemas gramaticais tiveram ocorrências apenas da manutenção.

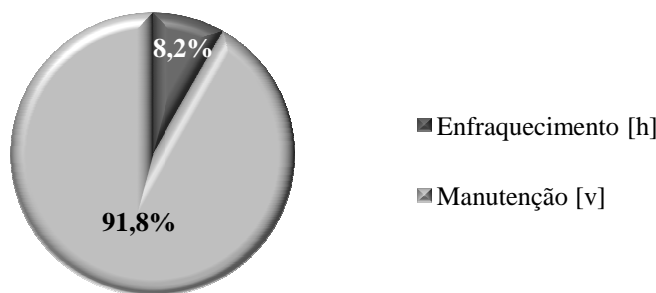
Em seguida, eliminamos os nocautes e excluímos a variável *status* morfológico do segmento (pois ela se tornaria um grupo singular, com apenas morfemas lexicais) e passamos a analisar 1.068 dados, dos quais 88 (8,2%) são de enfraquecimento, como podemos visualizar no gráfico 19:

⁸⁴ Exemplos de não-verbos com a forma /ava/: “cavalo” (Inq. 93), “carnaval” (Inq. 06), “gravadora” (Inq. 76). A única ocorrência aspirada foi: “ca[h]alo” (Inq. 111).

⁸⁵ Exemplos de não-verbos sem a forma /ava/: “centa[h]o” (Inq. 06), “si[h]iço” (Inq. 84), “A[h]e Maria” (Inq. 95).

⁸⁶ As 8 ocorrências de [ĩ] da manutenção são: “ou[v]indo” (Inq. 06, 06, 06, 50, 67, 72, 14) e “ser[v]indo” (Inq. 10).

⁸⁷ As 15 ocorrências de [ɔ] da manutenção são: “in[v]olvendo” (Inq. 50), “in[v]olve” (Inq. 10, 78 e 78), “de[v]ove” (Inq. 10, 10 e 10), “desin[v]ovendo” (Inq. 23), “pro[v]oca” (Inq. 23 e 82), “e[v]oluindo” (Inq. 64), “e[v]oluíro” (Inq. 64), “in[v]olve” (Inq. 82 e 82), “in[v]oca” (Inq. 19).

Gráfico 19 – Distribuição das ocorrências de verbos sem /ava/ intervocálicos

Nessa rodada, obtivemos resultados satisfatórios, e o melhor nível de análise escolhido pelo programa foi o *step up* 42 (*input* 0,040, significância 0,020 e *log likelihood* - 257,655), cujas variáveis selecionadas foram (nesta ordem): frequência de uso, contexto fonológico precedente, faixa etária, escolaridade, gênero/sexo e contexto fonológico subsequente. Em contrapartida, os excluídos foram (nesta ordem): tonicidade, dimensão do vocábulo, monitoramento estilístico e tipo de sílaba.

a) Frequência de uso

A primeira variável selecionada pelo programa revela que quanto maior a frequência de uso maior é o índice de enfraquecimento. No entanto, apenas os termos muito usuais tiveram um valor favorável ao enfraquecimento (0,660). Os demais termos mostraram-se inibidores do fenômeno, como mostra a tabela 54:

Tabela 54 – Atuação da frequência de uso sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
Termo muito usual	79/776	10,2	0,660	te[h]e
Termo usual	7/96	6,8	0,443	la[h]ando
Termo pouco usual	1/59	1,7	0,265	ser[h]iu
Termo pouquíssimo usual	1/130	0,8	0,035	ca[h]ei

Dentre os dados com até 15 ocorrências, encontramos as outras 6 ocorrências de termos usuais: “de[h]e” (Inq. 36, 36, 36 e 36) e “la[h]ando” (Inq. 09 e 09).

b) Contexto fonológico precedente

Em seguida, veio a variável contexto fonológico precedente, cujos resultados, expressos na tabela 55, revelaram que a vogal [a] tem um comportamento quase categórico (0,926) no sentido de aplicar o enfraquecimento de /v/. No entanto, esse valor deve-se a

apenas 4 ocorrências aspiradas de um total de 54. As outras vogais favorecedoras nesse contexto são: [ɛ] (0,597) e [e] (0,588). Já as vogais [i] e [ũ] agem negativamente sobre o fenômeno.

Tabela 55 – Atuação do contexto fonológico precedente sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
[a]	4 ⁸⁸ /54	7,4	0,926	la[h]ando
[ɛ]	36/272	13,2	0,597	le[h]á
[e]	16/205	7,8	0,588	te[h]e
[i]	28/424	6,6	0,416	ti[h]e
[ũ]	4 ⁸⁹ /113	3,5	0,179	cun[h]esá

Ao observarmos o cruzamento entre essa variável e o contexto fonológico subsequente, verificamos que há uma maior concentração de dados nas células correspondentes às vogais [a] (precedendo) e [ɛ] (sucedendo), apresentando 27% (3⁹⁰/11) de ocorrências aspiradas; em seguida, foram os 20% (29/144) apresentados entre [ɛ] (precedendo) e [a] sucedendo que mais concentraram dados de enfraquecimento; as demais células apresentaram valores abaixo dos 20%, muitas delas, inclusive, com 0%. Desta vez, não são as ocorrências no pretérito imperfeito em /ava/ que estão interferindo (pois elas não existem nesta análise), mas é novamente a vogal [a].

c) Faixa etária

A terceira variável escolhida pelo programa é uma variável social, a faixa etária. A partir dela, verificamos que são os indivíduos de maior faixa etária (50 anos ou mais) os únicos que favorecem a forma reificada (0,651). As demais faixas, de 15 a 25 anos (0,468) e de 26 a 49 anos (0,385), são inibidoras do fenômeno, como indica a tabela 56:

Tabela 56 – Atuação da faixa etária sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
50 anos ou mais	42/346	12,1	0,651
15-25 anos	25/357	7,0	0,468
26-49 anos	21/365	5,8	0,385

⁸⁸ As outras 3 ocorrências de [a] são: “la[h]ando” (Inq. 09 e 09) e “ca[h]ei” (Inq. 19).

⁸⁹ As outras três ocorrências de [ũ] são: “cun[h]esano” (Inq. 46), “cun[h]esava” (Inq. 132) e “cun[h]eso” (Inq. 14).

⁹⁰ Essas 3 ocorrências são com a palavra “la[h]ando” (Inq. 06, 09 e 09).

d) Escolaridade

Em seguida, a escolaridade foi selecionada, e os valores obtidos, de acordo com a tabela 57, revelaram que, novamente, são os de menor escolaridade (de 0 a 4 anos) os que favorecem a aspiração (0,581); os que possuem de 9 a 11 anos agem de modo a inibi-la (0,413).

Tabela 57 – Atuação da escolaridade sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
0 a 4 anos	61/552	11,1	0,581
9 a 11 anos	27/516	5,2	0,413

e) Gênero/sexo

A variável gênero/sexo foi selecionada em quinto lugar e, pelos resultados, constatamos que, mais uma vez, são os homens que favorecem a variante aspirada (0,588); as mulheres inibem o fenômeno (0,425), segundo a tabela 58.

Tabela 58 – Atuação do gênero/sexo sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.
Homens	49/490	10,0	0,588
Mulheres	39/578	6,7	0,425

f) Contexto fonológico subsequente

Por último, o programa selecionou o contexto fonológico subsequente, cujos resultados, apresentados na tabela 59, comprovaram, mais uma vez, que a vogal [a] é favorecedora do enfraquecimento (0,678). A vogal [ε] também obteve um valor relevante (0,645). Assim, as vogais precedentes e subsequentes que favorecem a variante aspirada, no contexto analisado, são as mesmas. As demais vogais ([i], [ẽ], [u] [o] e [e]) mostraram-se inibidoras do fenômeno.

Tabela 59 – Atuação do contexto fonológico subsequente sobre o enfraquecimento de /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/

Fatores	Aplica/Total	%	P.R.	Exemplo
[a]	29/153	19,0	0,678	le[h]a
[ɛ]	24/301	8,0	0,645	ti[h]esse
[i]	27/396	6,8	0,487	te[h]e
[ĩ]	4 ⁹¹ /53	7,5	0,421	la[h]ando
[u]	2 ⁹² /33	6,1	0,315	trata[h]o
[o]	1/32	3,1	0,264	le[h]ô
[e]	1/100	1,0	0,122	ca[h]ei

5.3.5 Quinta análise: cruzamento entre escolaridade, faixa etária e gênero/sexo para demais verbos com /v/ intervocálico (sem o morfema /ava/)

Nesta análise, realizamos mais uma rodada com o cruzamento com as variáveis sociais selecionadas pelo programa (escolaridade, faixa etária e gênero/sexo). Nesta rodada, o programa escolheu como melhor nível de análise o *step up* 36 (*input* 0,037, significância 0,016 e *log likelihood* -252,304), que selecionou cinco variáveis e excluiu outras cinco. As selecionadas foram (nesta ordem): frequência de uso, contexto fonológico precedente, cruzamento – faixa etária x gênero/sexo, cruzamento – escolaridade x gênero/sexo e contexto fonológico subsequente. Em contrapartida, os excluídos foram (nesta ordem): cruzamento – faixa etária x escolaridade, dimensão do vocábulo, tonicidade, monitoramento estilístico e tipo de sílaba.

a) Frequência de uso

A variável frequência de uso foi selecionada em primeiro lugar e obteve os mesmos resultados da rodada anterior (cf. 5.2.5, item “a”), com pequenas alterações nos valores: termos muito usuais (0,665), termos usuais (0,433), termos pouco usuais (0,274) e termos pouquíssimo usuais (0,032).

b) Contexto fonológico precedente

Em seguida, veio o contexto fonológico precedente, cujos resultados foram os mesmos da rodada anterior (cf. 5.2.5, item “b”), com pequenas alterações nos valores das vogais, mas sem alterar a relevância de cada uma, ou seja, [a] (0,934), [ɛ] (0,613) e [e] (0,611) continuaram sendo as favorecedoras do enfraquecimento.

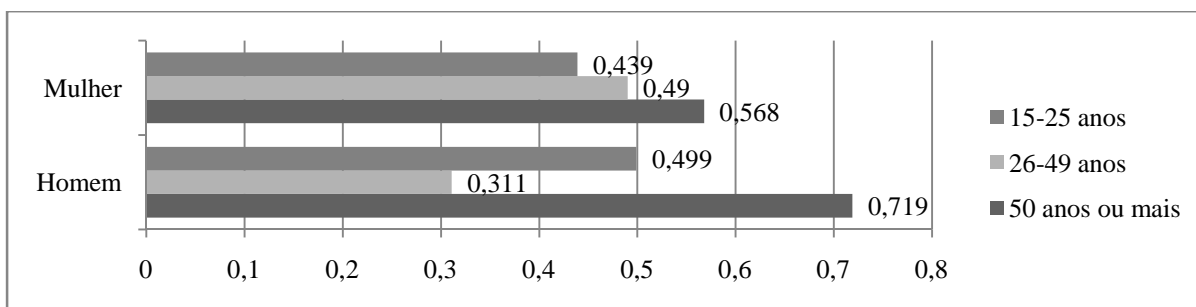
⁹¹ As outras 3 ocorrências de [ĩ] são: “le[h]ando” (Inq. 06) e “la[h]ando” (Inq. 09 e 09).

⁹² A outra ocorrência de [u] é “le[h]o” (Inq. 06).

c) Cruzamento – faixa etária x gênero/sexo

Em terceiro lugar, o programa selecionou o cruzamento – faixa etária x gênero/sexo e verificamos que, como se pode ver no gráfico 20, são os homens mais velhos (50 anos ou mais) os líderes do enfraquecimento (0,719); as mulheres da mesma faixa etária também demonstraram um comportamento favorável à variante aspirada (0,568). No entanto, os homens (0,499), quando têm a menor faixa etária (de 15 a 25 anos) e as mulheres (0,490) quando possuem de 26 a 29 anos, apresentam um comportamento praticamente neutro. Já as mulheres mais jovens (0,439) e os homens da faixa etária intermediária (0,311) atuam como inibidores do fenômeno.

Gráfico 20 – Pesos relativos do cruzamento – faixa etária x gênero/sexo no enfraquecimento de /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/

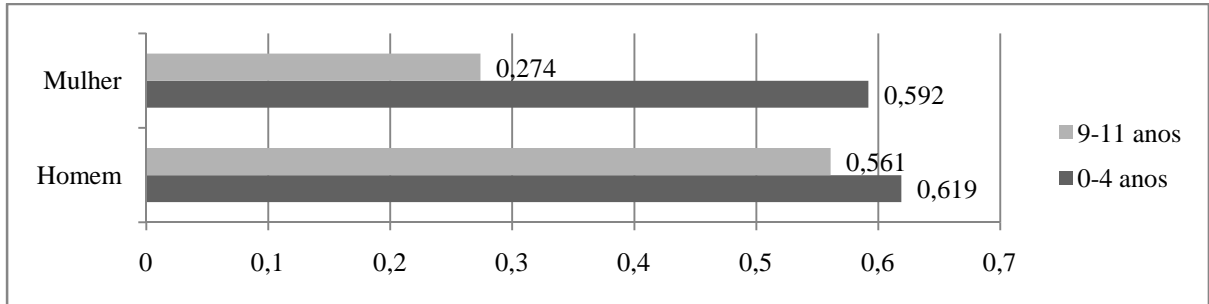


Pelo gráfico 20, notamos que, em relação às mulheres, há uma diminuição do enfraquecimento, à medida que decresce a faixa etária; já os homens comportam-se de maneira diferente, pois, quando jovens (15 a 25 anos), comportam-se de maneira neutra; na fase adulta, dos 26 aos 49 anos, esse comportamento é desfavorável ao enfraquecimento; e, quando idosos (a partir dos 50 anos), retomam o favorecimento à variante aspirada.

d) Cruzamento – escolaridade x gênero/sexo

O cruzamento – escolaridade x gênero/sexo vem em seguida e seus resultados revelaram que os homens, em ambos os níveis de escolaridade, mostram-se favorecedores do enfraquecimento; já as mulheres, apenas as que possuem menor escolaridade comportam-se dessa forma.

Gráfico 21 – Pesos relativos do cruzamento – escolaridade x gênero/sexo no enfraquecimento de /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/



De acordo com o gráfico 21, percebemos que há uma diminuição do índice de enfraquecimento à medida que os falantes avançam no nível de escolaridade, embora esse valor, com os homens, permaneça beneficiando o fenômeno.

e) Contexto fonológico subsequente

Por último, temos novamente a variável contexto fonológico subsequente, e os resultados apresentaram como primeira diferença em relação à rodada anterior (cf. 5.3.4, item “f”) a mudança na ordem hierárquica entre [a] (0,650) e [ε] (0,669); a segunda diferença foi só nas pequenas alterações de valores das demais vogais, mas sem modificar a relevância de cada uma delas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, observamos o comportamento da fricativa /v/ no falar popular dos fortalezenses, apresentando dados de aspiração [h] e de manutenção [v], tanto em contexto de início de palavra quanto intervocálico. Seguindo orientação da teoria variacionista (LABOV, [1972] 2008), resolvemos realizar diversas análises (ao todo, foram 13) com os dados que obtivemos, a fim de compararmos mais detidamente cada contexto em que as variáveis se encontravam.

A realização variável do fonema /v/ é um tema pouco recorrente nas pesquisas sociolinguísticas sobre o português do Brasil. No entanto, a variação de /v/, no Ceará, é praticamente uma marca desse dialeto, pois já fora mencionado em algumas pesquisas desde 1937 (AGUIAR, 1937). Por isso, resolvemos investigar esse fenômeno de maneira mais aprofundada, porque percebemos que, no falar fortalezense (pelo menos entre os falantes sem nível superior), ele é mais frequente em alguns contextos linguísticos, principalmente no pretérito imperfeito /ava/ e com /v/ no contexto intervocálico, englobando tanto o pretérito imperfeito /ava/ – sendo que neste encontramos o maior índice de aplicação do fenômeno para todas as análises – quanto as demais palavras sem /ava/.

Das variáveis linguísticas, percebemos que a mais selecionada pelo programa foi a frequência de uso (em seis análises das sete que fizemos). Ela só não foi selecionada justamente quando analisamos especificamente os termos extremamente usuais. Nessas análises, confirmamos a hipótese de que quanto mais usual for o termo maior será a sua probabilidade de enfraquecer, pois foram os termos extremamente usuais, os muito usuais e os usuais que obtiveram valores mais relevantes.

Em segundo lugar, foi o contexto fonológico subsequente que apareceu em cinco análises (/v/ nos dois contextos, /v/ em início de palavra, verbos com /v/ em início, /v/ intervocálico e /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/). Com ele, percebemos que as vogais [a] e [ẽ] são as que mais favorecem o enfraquecimento. Nesta pesquisa, atribuímos esse resultado não apenas à alta probabilidade de uso e de enfraquecimento das palavras que estavam no pretérito imperfeito do indicativo com /ava/, mas também à influência própria que essas vogais exercem sobre o enfraquecimento, pois confirmamos a relevância dos seus índices inclusive nas palavras que não contêm /ava/, resultado que ratifica nossa hipótese inicial.

Em seguida, a tonicidade e a dimensão do vocábulo apareceram em quatro análises, o que refuta nossas hipóteses iniciais de que essas variáveis não seriam relevantes para o enfraquecimento. A tonicidade foi selecionada quando analisamos: /v/ nos dois contextos, /v/ em início de palavra, termos extremamente usuais com /v/ em início e verbos com /v/ em início. Dessa forma, verificamos que essa variável só foi importante para o contexto intervocálico quando este foi analisado juntamente com o contexto de /v/ em início de palavra; apenas nessa situação, é que as sílabas postônicas foram mais relevantes do que as tônicas para o enfraquecimento de /v/.

Quanto à dimensão do vocábulo, verificamos que ela apareceu nas seguintes análises: /v/ em início de palavra, verbos com /v/ em início, /v/ intervocálico e /v/ no pretérito imperfeito /ava/. Ou seja, essa variável apareceu de forma equilibrada em ambos os contextos de /v/. Nessas situações, os vocábulos com três sílabas ou mais só foram importantes para o contexto de /v/ em início de palavra; as demais análises tiveram como relevantes os monossílabos e os dissílabos. Dessa forma, refutamos a hipótese de que quanto maior o vocábulo maior seria a sua probabilidade de enfraquecimento.

A seguir, mostraremos as variáveis selecionadas menos de três vezes em nossas análises, mas que tiveram sua relevância em cada contexto específico em que apareceram. As variáveis contexto fonológico precedente, tipo de sílaba e classes de palavras apareceram, cada uma, apenas em duas análises. O contexto fonológico precedente foi selecionado nas análises de /v/ nos dois contextos juntos e de /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/. A vogal [a] apareceu nas duas situações como relevante para o enfraquecimento. Na primeira análise, podemos atribuir esse resultado aos verbos no pretérito imperfeito do indicativo com /ava/; no entanto, na segunda análise, essa estrutura não aparece e, ainda assim, confirmamos a relevância dessa vogal para o enfraquecimento de /v/. As vogais [ẽ], [ũ], [u], [ɛ] e [e], a semivogal [ɨ] e a pausa também apareceram como favorecedoras do fenômeno.

O tipo de sílaba apareceu nas análises com os termos extremamente usuais com /v/ em início e de /v/ no pretérito imperfeito /ava/. Na primeira, a sílaba travada atuou positivamente sobre o enfraquecimento; na segunda, foi a não-travada. Dessa forma, podemos dizer que essa variável atua de maneira diferente, dependendo do contexto de /v/ que está sendo analisado.

Quanto às classes de palavras, só foram selecionadas pelo programa nas análises de /v/ nos dois contextos juntos e de /v/ intervocálico. Nas duas, tivemos as mesmas constatações, pois, na classe “outros”, com ocorrência praticamente categórica para [h], apenas a locução interjetiva “A[h]e Maria!” foi responsável por isso. Os verbos também favorecem o fenômeno, mas de forma menos acentuada.

Por fim, as variáveis linguísticas selecionadas apenas uma vez foram: *status* morfológico do segmento e grupo fônico. Em nossas hipóteses iniciais, prevíamos que o *status* morfológico estaria entre os grupos mais relevantes para o enfraquecimento de /v/. Porém, tanto o *status* quanto grupo fônico só foram importantes na análise de /v/ intervocálico e podemos atribuir essa relevância às inúmeras ocorrências aspiradas no pretérito imperfeito do indicativo /ava/. O *status* morfológico do segmento que atuou positivamente foi o morfema gramatical, confirmando a hipótese de que este, por não fazer parte da raiz da palavra, não portando conteúdo informacional, é mais vulnerável ao enfraquecimento. O grupo fônico escolhido como relevante foram as palavras com /ava/ (verbos e não-verbos). Esse resultado confirmou as demais pesquisas sobre o assunto e nos estimulou a subdividir o contexto intervocálico a partir dos fatores pertencentes a esse grupo: palavras com /ava/ (posteriormente, apenas o pretérito imperfeito do indicativo /ava/) e palavras sem /ava/ (posteriormente, apenas verbos sem /ava/).

Portanto, com base nos resultados das variáveis linguísticas, não confirmamos, em nossa pesquisa, a hipótese de Roncarati (1999) de que o fenômeno estaria condicionado lexicalmente e não fonologicamente, defendendo o difusionismo lexical. Em nossos resultados, verificamos que, tanto frequência de uso de um segmento quanto o contexto fonológico subsequente, foram as variáveis mais relevantes em nossas análises, o que confirma, sim, a hipótese de Labov (1994), de que ambas as teorias (difusão lexical e mudança sonora) seriam relevantes, apresentando apenas diferenças em áreas da estrutura linguística nas quais seja mais provável de ser encontrada uma ou a outra.

Das variáveis sociais, as que foram selecionadas pelo programa em todas as análises foram a faixa etária e a escolaridade. Por isso, elas mereceram análises específicas quando fizemos cruzamentos específicos entre as duas. Em relação à faixa etária, a variante aspirada teve atuação positiva, preferencialmente, na faixa de 50 anos ou mais; apenas na análise de /v/ no pretérito imperfeito /ava/, a faixa de 26 a 49 anos teve também valor relevante, mas inferior à faixa de 50 anos ou mais. Além disso, pudemos constatar, em seis

análises, que há um *continuum* de diminuição do uso da variante inovadora, conforme a diminuição da faixa etária, o que confirma nossa hipótese inicial; essa situação só foi diferente na análise de /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/, na qual a faixa de 15 a 25 anos passou a ser a intermediária, mas ainda apresentando valores abaixo do ponto neutro.

Já os resultados da escolaridade foram os mesmos: apenas os informantes com escolaridade de 0 a 4 anos favoreceram o enfraquecimento, reforçando a hipótese de que a variante aspirada é estigmatizada na comunidade de fala fortalezense.

A partir dos cruzamentos entre essas duas variáveis (escolaridade e faixa etária), pudemos verificar algumas diferenças nos resultados, pois, nas análises de /v/ nos dois contextos juntos, de /v/ em início de palavra e em termos extremamente usuais com /v/ em início, houve resultado favorável ao enfraquecimento na escolaridade de 9 a 11 anos. Além disso, pudemos visualizar, no nível de 0 a 4 anos de escolaridade, que a faixa de 15 a 25 anos só não atuou positivamente nas análises de /v/ nos dois contextos juntos e em termos extremamente usuais com /v/ em início; nas demais análises em que esse grupo foi escolhido pelo programa, os mais jovens também atuaram positivamente (com essa escolaridade). E, ainda nesse mesmo nível de escolarização, os informantes de 26 a 49 anos só não atuaram positivamente na análise de /v/ nos dois contextos juntos.

Assim, como o resultado geral favorece, principalmente, os mais idosos com menor escolaridade, afirmamos que há indícios de uma mudança em progresso, visto que a tendência é de que todas as faixas etárias, inclusive a dos mais idosos, adquiram maior escolaridade – contanto que todas as faixas avancem nos estudos.

Em seguida, o programa selecionou, em quatro das sete análises, a variável monitoramento estilístico: /v/ nos dois contextos juntos, verbos com /v/ em início, /v/ intervocálico e /v/ no pretérito imperfeito /ava/. Em todas as situações, verificamos que os DID favorecem o enfraquecimento, refutando nossa hipótese inicial que, nos D2, por, normalmente, haver uma situação de menor monitoramento estilístico, a variante aspirada ocorreria com maior frequência do que nos DID. Mas, em relação a isso, o que percebemos, em nossos dados, foi que, nos DID, os entrevistadores conseguiram criar um ambiente de maior informalidade do que houve nas conversas dos D2. Sobre essa variável, pudemos perceber ainda que, em algumas análises, os valores dos DID e dos D2 não diferem muito, o que pode configurar que o fenômeno ocorre nos dois contextos de fala.

Por último, temos a variável gênero/sexo, selecionada pelo programa em três análises. Curiosamente, nessas três análises, temos a presença de /v/ intervocálico: /v/ nos dois contextos juntos, /v/ no pretérito imperfeito /ava/ e /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/. Em todas essas situações, os homens foram aliados do fenômeno. Além dessa análise individual, por percebermos que se tratava de uma variável importante em outras pesquisas, resolvemos cruzá-la com a faixa etária e com a escolaridade.

O cruzamento entre escolaridade e gênero revelou que, com o nível de 0 a 4 anos, tanto homens quanto mulheres favorecem a aspiração nas três análises em que o programa selecionou essa variável; já com a escolaridade de 9 a 11 anos, apenas os homens atuaram positivamente, e isso aconteceu somente na análise de /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/. E o cruzamento entre faixa etária e gênero revelou que, na faixa de 26 a 49 anos, apenas na análise de /v/ no pretérito imperfeito /ava/, somente as mulheres favorecem a variante inovadora; na faixa de 50 anos ou mais, tanto homens quanto mulheres atuam de forma positiva sobre o fenômeno nas duas análises em que o programa seleciona esse grupo (/v/ no pretérito imperfeito /ava/ e /v/ intervocálico nos verbos sem /ava/). Assim, de maneira global, podemos dizer que os homens favorecem apenas discretamente o enfraquecimento, e esses resultados indicam que o fenômeno ocorre em ambos os sexos, o que confirma nossa hipótese inicial.

Portanto, com base nessas variáveis linguísticas e sociais, observamos que o enfraquecimento de /v/, entre os informantes fortalezenses, apresentou alguns resultados diferentes dos observados em outras cidades onde o fenômeno foi estudado (Salvador e João Pessoa), demonstrando, dessa forma, que, em cada uma delas, esse processo encontra-se em diferentes estágios de implementação. Devido à escassez de trabalhos sobre esse fenômeno, não foi possível fazermos um retrato dele em relação ao português do Brasil. Por isso, esperamos que outros pesquisadores possam investigá-lo em outras localidades.

Acreditamos que a aspiração de /v/ seja uma das peculiaridades do falar fortalezense, que enriquece os elementos sócio-culturais que caracterizam esta comunidade. Ressaltamos ainda que um teste de atitudes, a exemplo do que fez Roncarati e Uchoa (1988), deva ser aplicado, tanto entre os informantes sem nível universitário quanto com aqueles que possuem esse grau, a fim de verificarmos o nível de estigmatização em que esse fenômeno se encontra: entre os próprios fortalezenses residentes em sua cidade natal, entre os fortalezenses

que já moram há muito tempo fora de Fortaleza e entre os migrantes de outras regiões (especialmente do Sul e Sudeste do Brasil) que vivem nesta cidade.

Esperamos, ainda, que este trabalho contribua para o ensino da língua portuguesa, a partir do conhecimento de suas variantes no português brasileiro, aprendendo a respeitá-las e a usá-las nas diversas situações comunicativas. Além disso, acreditamos que a investigação que fizemos possa auxiliar os profissionais do teatro, do cinema e da televisão que, em muitos dos seus trabalhos, tentam representar o falar cearense sem, muitas vezes, conhecer suas variantes. Acreditamos, ainda, que o conhecimento desta variante, ao caracterizar particularidades do falar fortalezense, possa auxiliar os trabalhos da linguística forense para fins de perícia, permitindo a identificação de evidências da fala em tribunais.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. de. Fonética do português do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, ano 51, n. 51, p. 271-307, 1937.

ALENCAR, M. S. M. de. **Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza**: as realizações dos fonemas /r/ e /r/. 2007. 184 p. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2007.

ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.

ARAGÃO, M. do S. S. de. Estudos Fonético-Fonológicos no Estado do Ceará. **Signum**: Estudos de Linguagem, Londrina, v. 7/1, p. 21-41, jun. 2004.

_____. Os estudos fonético-fonológicos no estado do Ceará. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 57, 2005, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: UECE, 2005. Simpósio. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/msocorroaragao2.htm> . Acesso em: 03 abr. 2013.

_____. A neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ no falar de Fortaleza. In: RIBEIRO, S.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (orgs.). **Dos sons às Palavras**: nas trilhas da língua portuguesa. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 187-200.

_____; SOARES, M. E. **A linguagem falada em Fortaleza**: diálogos entre informantes e documentadores – materiais para estudo. Fortaleza: UFC, 1996.

ARAÚJO, A. A. de. **A monotongação na norma culta de Fortaleza**. Fortaleza, 2000. 110f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2000.

_____. **As vogais pretônicas no falar popular de Fortaleza**: uma abordagem variacionista. 2007. 154 p. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2007.

_____. O projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA, 15., 2011, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, v. XV, n. 5, t. 1. p. 835-845.

ARAÚJO, L. E. S.. A variável *faixa etária* em estudos sociolinguísticos. **Revista de Estudos Linguísticos**, n. 35, mai. 2007. p. 389-98.

BAGNO, M.. **A norma oculta**: língua & poder na sociedade brasileira. 5. ed. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BISOL, L.; BRESCANCINI, C.. **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPURCS, 2002. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=V51ihhkiGMC&pg=PA37&lpg=PA37&dq=%22log+likelihood%22&source=bl&ots=-qY3gGJH7f&sig=_0wqlFRMdnlvz-akJnKIYabxp10&hl=pt&sa=X&ei=ZkxRUY_9KeuA0AGJr4DQBA&redir_esc=y#v=onepage&q=%22log%20likelihood%22&f=false>. Acesso em: 26 mar. 2013.

BLOOMFIELD, L.. **Language**. London: George Allen & Unwin LTD, 2005 [1933]. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=Gfrd-n5iFwC&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false> . Acesso em: 28 mar. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998a.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998b.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998c.

BRIGHT, W.. As dimensões da sociolinguística. Trad. de Elizabeth Neffa Araújo Jorge. In: **Sociolinguistics**. In: PROCEEDING OF THE UCLA SOCIOLINGUISTICS CONFERENCE, 1964. 3 ed. Mouton, The Hague, 1966.

BRUNO, A.; FARIAS, A. de. **FORTALEZA: 285 anos**. 2011. Disponível em: <[www.-arturbruno.com.br/images/conteudo/file/cartilhaHFortaleza.pdf](http://www.arturbruno.com.br/images/conteudo/file/cartilhaHFortaleza.pdf)> Acesso em: 05 abr. 2013. p. 01-11.

BUENO, F. da S.. **A formação histórica da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1967 [1955].

CALLOU, D.M. I. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. 1979. 201f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, 1979.

CAMACHO, R. G.. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 49-75.

CÂMARA JR., J. M.. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2004 [1970]. 78p. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/17382386/ESTRUTURA-DA-LINGUA-PORTUGUESA-JOAOQUIM-MATTOSO-CAMARA-JR>>. Acesso em: 3 dez. 2011.

CAMPELO, K. M. B.. Um estudo fonoestilístico da canção “A Rural, a Missão”, de Neo Pineo. **CADERNOS DO CNLF (CiFEFil)**, v. 12, p. 13, 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno12-17.html>>. Acesso em: 16 mar. 2013. Não paginado.

CANOVAS, M. I. F. **Variação fônica de /S/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ cabeças de sílaba, na fala de Salvador**. Salvador, 1991. 168f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 1991.

CARVALHO, R. S. de. **Variação do /S/ pós-vocálico na fala de Belém**. Belém, 2000. 122f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Mestrado em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2000.

CHAMBERS, J.; TRUDGILL, P.. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998 [1980]. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=9bYV43UhKssC&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 18 mar. 2013.

COAN, M.; FREITAG, R. K.. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios de lingu@gem** – Revista Eletrônica de Linguística (UFU), v. 4, n. 2, p. 173-194, 2º Semestre 2010.

DÜBOIS, J. *et al.* **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**. São Paulo: Parábola, 2007.

HALL, S. **A Identidade cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006 [1992].

HORA, D. da; PEDROSA, J.L. R.; CARDOSO, W.. *Status* da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou *onset* com núcleo não preenchido foneticamente? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 71-79, jan. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/6860/4992>> . Acesso em: 20 set. 2010.

HYMES, D.. **Foundations in Sociolinguistics: an ethnographic approach**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=B3NIAeabrHwC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 13 nov. 2011.

IBGE. IBGE mostra a nova dinâmica da rede urbana brasileira. **Sala de Imprensa**, 10 out. 2008. Disponível em: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=1246>>. Acesso em: 05 abr. 2013.

IPECE. **Perfil Municipal de Fortaleza** – tema VII: distribuição espacial da renda pessoal. Fortaleza, n. 42, out. 2012, n. 42. Disponível em: <<http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/ipece.ce.gov.br/publicacoes/ipece-informe/informe%2042-ultimaversao.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2013.

KATAMBA, F.. **An Introduction to Phonology**. London: Longman, 1996. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/99606110/An-Introduction-to-Phonology-Learning-About-Language-KATAMBA>>. Acesso em 15 dez. 2012.

LABOV, W.. The social motivation of sound change. *Word*, 19, 1963. In: _____. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Sociolinguistics Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972 [ed. Br.: 2008. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre & Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Principles of linguistic change: internal factors**. Vol. 1. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

_____. **Principles of linguistic change: social factors**. Vol. 2. Malden, Massachusetts/Oxford: Blackwell, 2001.

LUCCHESI, D.. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. (org.). **Linguística da Norma**. São Paulo. Loyola, 2002.

MACAMBIRA, J. R.. **Fonologia do Português**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1987.

MARQUES, S. M. O.. **A produção variável do fonema /v/ em João Pessoa**. João Pessoa, 2001. 96f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2001.

MATOS, A. M.; NETO, A. C.. Oportunidade e Miséria nos Bairros de Fortaleza. **Scripta Nova: Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2003, vol. VII, n. 146(030). <[http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(030\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(030).htm)>. Acesso em: 05 abr. 2013.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Estudo da Demanda Turística Internacional 2003**. Brasília, jul. 2004. Disponível em: <http://www.abav.com.br/info_indicadores_detalhe.aspx?id=4&id_area=20>. Acesso em: 04 abr. 2013.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. As descrições fonológicas do português do Ceará: de Aguiar a Macambira. **Revista do GELNE (UFC)**, Fortaleza, v. 2, n.1, p. 29-32, 2001. Disponível em: <www.protexto.ufc.br/genero_academico/artigo_cientifico/AAC12.doc>. Acesso em: 31 mar. 2013.

NARO, A. J.. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 15-25.

OLIVEIRA, F. de. **Grammatica da lingoagem portuguesa**. Lixbõa: Germão Galharde, 1536. Disponível em: <<http://purl.pt/120/1/P1.html>>. Acesso em: 25 mar. 2013.

OLIVEIRA e SILVA, G.M. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução a Sociolinguística variacionista**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 117-133.

PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.

PATRICK, P. L.. The speech community. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N.. (eds.) **The handbook of language variation and change**. Oxford

UK: Blackwell, 2002. p. 573-593. Disponível em: <<http://www-users.york.ac.uk/~wh506/SpechCommunity.pdf>> . Acesso em: 28 mar. 2013.

PELICIOLI, R.. *A rênti tarra em carra mermo*: a aspiração de fricativas na fala de Salvador. Salvador-BA, 2008. 48f. Monografia (Graduação em Letras Vernáculas). Universidade Federal da Bahia, Salvador –BA, 2008.

PINTZUK, S.. **VARBRUL programs**. 1988. Disponível em: <<http://www.ling.upenn.edu/~ellen/varb.doc.html>>. Acesso em: 10 dez. 2012. Não paginado.

PRETI, D.. A propósito do conceito de discurso oral culto: a língua e as transformações sociais. In: PRETI, Dino (org.). **O discurso oral culto**. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999, p. 21-34.

RODRIGUES, A. G. P.; ARAÚJO, A. A. de; ARAGÃO, M. do S. S. de; Enfraquecimento de fricativas no Atlas Linguístico do Ceará: uma abordagem sócio-dialetal. **Revista Trama**: Unioeste, 2013, vol. 9, n. 18 (no prelo).

RONCARATI, C. N.; UCHOA, J. A. C. Enfraquecimento das fricativas sonoras. In: _____; ALMEIDA, M. R.; ARAÚJO, M. F.. **Projeto Dialetos Sociais Cearenses**. Fortaleza: UFC, 1988.

_____. Variação fonológica e morfossintática na fala cearense. In: JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO GELNE, 17., 1999, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UFC, 1999. p. 1-12.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X**: a multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>>. Acesso em 10 dez. 2012.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1973.

SCHERRE, M. M. P. **Introdução ao Pacote VARBRUL para microcomputadores**. Brasília, UNB, 1993.

SERAINE, F. Introdução ao Atlas Linguístico e Folclórico do Cariri. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, ano 86, n. 86, p. 5-23, 1972.

SEVERO, C. G. **Por uma Perspectiva Social da Dialógica da Linguagem**: repensando a noção do indivíduo. 2008. 255f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2007.

_____. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. **Revista Voz das Letras**, Concórdia, n. 9, p. 01-17, jan. 2008.

SILVA, D. M. da. **Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de William Labov**. Goiânia, 2009. 138f. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, 2009.

SILVA NETO, S. da. **História da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970. 651 p. (Coleção Brasileira de Filosofia Portuguesa).

TARALLO, F. **Tempos Linguísticos**: itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ; BESSA, J. R. F. (coord.). **Atlas Linguístico do Estado do Ceará**. Fortaleza, CE: Ed. UFC, 2010. v. 1.

VIARO, M. E. *Ramo lá, carralo réio*. **Língua portuguesa**, ano 2, n. 20, p. 61-64, 2007.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN & MALKIEL, 1968 [ed.Br.: (2006)]. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WHITNEY, W. D.. **Language and the study of language**: twelve lectures on the principles of linguistic science. New York: Scribner's, 1901. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=LOANAAAAYAAJ&printsec=frontcover&source=gb_s_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 28 mar. 2013.

WIEDEMER, M. L.. As faces da comunidade de fala. **Linguagens** – Revista de Letras, Artes e Comunicação, Blumenau, v. 2, n. 1, p. 21-35, jan. 2008. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/810/865>>. Acesso em: 10 mar. 2010.

APÊNDICE A

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE

PROJETO DE PESQUISA

Título: O enfraquecimento de fricativas no português oral popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista

Pesquisador: Ana Germana Pontes Rodrigues

Versão: 1

Instituição: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ ((FUNECE))

CAAE: 01563812.8.0000.5534

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 13396

Data da Relatoria: 18/04/2012

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística aplicada da UECE. O projeto tem o objetivo de descrever e analisar efeitos de fatores linguísticos e sociais sobre a realização variável das fricativas /v s z S Z / no falar popular fortalezense: aspiração, apagamento e manutenção. Utilizando uma metodologia exploratória-descritiva, a mestranda analisará amostras de fala de 36 informantes, provenientes do banco de dados do Projeto Norma do Português Oral Popular de Fortaleza (NORPORFOR). Esse banco de dados foi coletado entre os anos de 2003 e 2006, estando o mesmo sob a responsabilidade da orientadora da referida mestranda, fiel depositária do banco de dados. O projeto respalda-se teoricamente nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista de Labov. Os 36 inqueritos serão ouvidos, sendo 2 de cada célula, desconsiderando a escolaridade intermediária de 5-8 anos para levar em consideração a comparação entre os 2 extremos de nível de escolaridade da amostra - 0-4 e 9-11 anos. Em seguida será feito o armazenamento dos dados, sendo desprezados os 20 primeiros minutos de gravação. O documento a ser analisado será a transcrição fonética das ocorrências coletadas, utilizando o alfabeto fonético internacional.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar as variáveis linguísticas, como o contexto fonético precedente e subsequente, posição/tonicidade do segmento e sua frequência de uso, dimensão do vocábulo, classes e palavras e status morfológico do segmento, que atuam sobre o comportamento do fenômeno em análise.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Apesar de a pesquisadora não falar dos riscos e benefícios para os sujeitos, percebe-se que a pesquisa não apresenta riscos e que os sujeitos serão beneficiados pelo reconhecimento do seu falar no ensino de língua portuguesa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Coloco-me favorável à aprovação do projeto, porque o mesmo faz parte dos projetos de pesquisa da Profa. Dra. Aluiza Araújo, que tem resolução aprovada por esse conselho de ética como fiel depositária do banco de dados NORPORFOR.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto apresenta-se exequível e coerente em termos de tema, fundamentação teórica, metodologia, bibliografia atualizada, cronograma de execução e condições institucionais. O orçamento será de responsabilidade da pesquisadora. O TCLE não está anexado, porque os dados foram coletados em 2003, época em que não se costumava ter este tipo de protocolo na pesquisa em Linguística Aplicada. No entanto, a pesquisadora anexou um termo de dispensa.

Recomendações:

Não há recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As conclusões da pesquisa permitirão uma compreensão do falar dos habitantes de Fortaleza, sendo de bastante utilidade tanto para o ensino, quanto para a formação de professores de língua portuguesa. As conclusões são relevantes, porque conscientizam os professores sobre o reconhecimento do jeito de falar cearense.



Situação do Parecer:

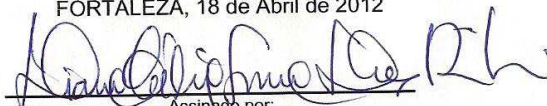
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

FORTALEZA, 18 de Abril de 2012



Assinado por:

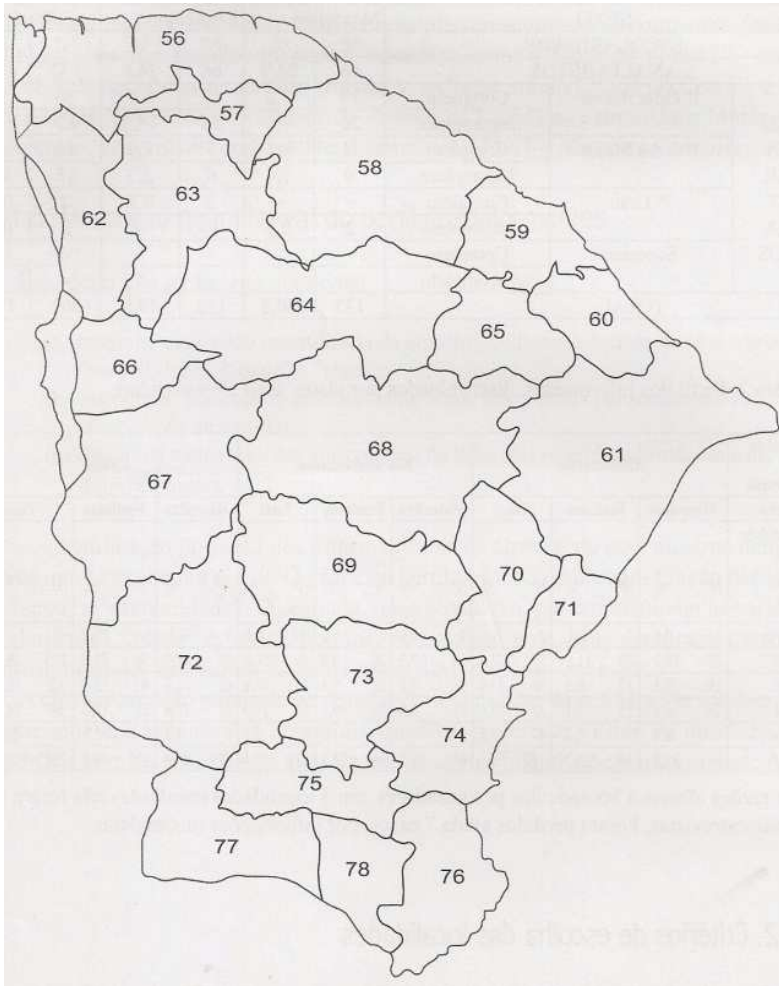
DIANA CÉLIA SOUSA NUNES PINHEIRO

Profa. Dra. Diana Célia Sousa Nunes Pinheiro
Coordenadora do CEP/UECE



ANEXO A

Mapa do Ceará com suas Microrregiões Homogêneas



Mesorregiões do Estado do Ceará, com indicação das microrregiões homogêneas componentes
(UNIVERSIDADE, v. 1, p. 109)

Nordeste Cearense

Litoral de Camocim e Acaraú (056)
Baixo-Médio Acaraú (057)
Uruburetama (058)
Ibiapaba (062)
Sobral (063)
Sertões de Canindé (064)
Ibiapaba Meridional (066)
Sertões de Crateús (067)

Fortaleza

Fortaleza (059)

Centro-Oeste Cearense

Pacajus (060)
Baixo Jaguaribe (061)
Serra de Baturité (065)
Sertões de Quixeramobim (068)
Sertões de Senador Pompeu (069)
Médio Jaguaribe (070)
Serra do Pereiro (071)

Sul Cearense

Sertão dos Inhamuns (072)
Iguatu (073)
Sertão do Salgado (074)
Serrana de Caririaçu (075)
Sertão do Cariri (076)
Chapada do Araripe (077)
Cariri (078)

Litoral de Camocim e Acaraú (56)	Baixo Médio Acaraú (57)	Uruburetama (58)
Fortaleza (58)	Pacajus (60)	Baixo Jaguaribe (61)
Ibiapaba (62)	Sobral (63)	Sertões de Canindé (64)
Serra de Baturité (65)	Ibiapaba Meridional (66)	Sertões de Crateús (67)
Sertões de Quixeramobim (68)	Sertões de Senador Pompeu (69)	Médio Jaguaribe (70)
Serra do Pereiro (71)	Sertões dos Inhamuns (72)	Iguatu (73)
Serra do Salgado (74)	Serrana de Caririaçu (75)	Sertão do Cariri (76)
Chapada do Araripe (77)	Cariri (78)	

Fonte: UNIVERSIDADE, v. 1, p. 76

ANEXO B

Letra da música “A Rural II”, a Missão, de Neo Pi Neo

Lairreym, lairreym
A rural

Arrumamalaê, arrumamalaê,
Arrumamalaê
A rural rai arribá
Arrumamalaê, arrumamalaê,
Arrumamalaê
A rural rai disabá

Ramu rêru má,
Ramu rêru má,
Ramu rêru má
Ramu é na rural
Nóyrramu érêru má,
Ramu rêru má,
Ramu rêru má
A rural rai disabá

Ramu na areia nãum,
Ramu na areia nãum,
Ramu na areia nãum
A rural rai atolá
Ramu na areia nãum,
Ramu na areia nãum,
Ramu na areia nãum
A rural rai atolá

Decê pa impurrá,
Decê pa garrá,
Decê pa impurrá
Ya rural disatolá
Ramu decê pa impurrá,
Ramu decê pá garrá,
Decê pá impurrá
Ya rural disatolá-aa

Ramu ingatá uma ré,
Arrocha numa ré,
Acunha uma ré
Pa rural disatolá
Ramu ingatá uma ré,
Ramu ingatá uma ré,
Acunha numa ré
Pa rural disatolá-aa

Urrango iu nerol,
Urrango iu nerol
Arruma urrango i' u nerol,
Inrriba das malas
Urrango iu nerol,
A buchada iu sarrabui
Urrango iu nerol in'riba
Das mala

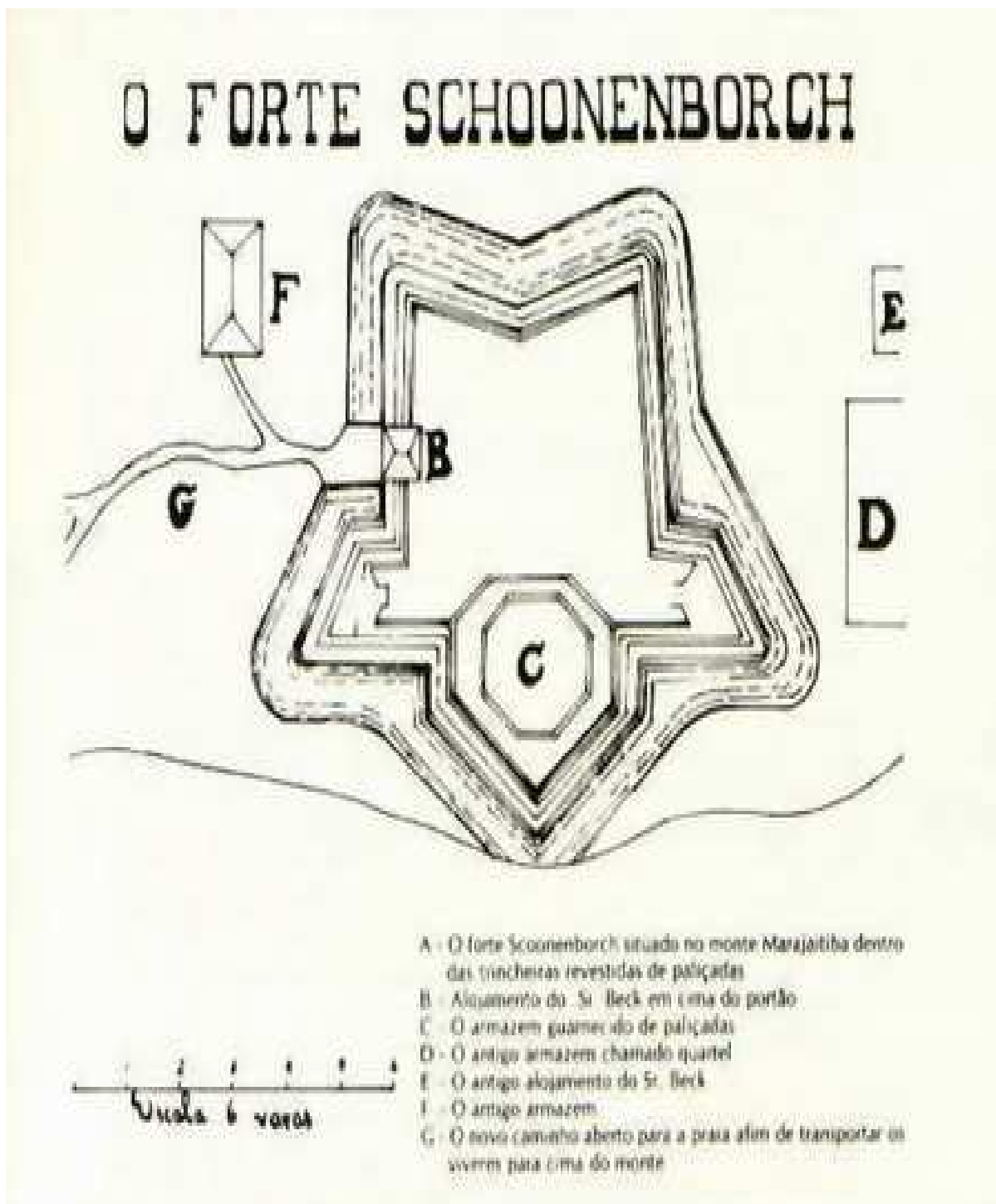
Num rai lá nadá,
Num rai si afoitá
O mar vai li levá,
Ocê rai si afogá
Eu já torrendo o má,
Vixi lá tá u má
O má rai li levá,
Nunrai lá nadá

Nabund'areia nãum,
Ramu s'alimpá,
Nabund'areia nãum
Rocê rai si rê lá
Nunssey syrrôla atraz,
Ôssyrrôla, nafrente,
Ôssyrrôla naja nela
Sórrenussenarioo

Arrumamalaê, arrumamalaê,
Arrumamalaê
Arrumamalaê, arrumamalaê,
Arrumamalaê
Arrumamalaê, arrumamalaê,
Arrumamalaê
A rural rai disabáa

ANEXO C

Planta do Forte Schoonenborch



Fonte: <http://1.bp.blogspot.com/-c4VbzSN2LI8/TpteA3s-j2I/AAAAAAAAAE30/0bBB8YYfgC0/>

Legenda: A - O forte Schoonenborch situado no monte Marajaitiba dentro das trincheiras revestidas de paliçadas; B - Alojamento do Sr. Beck em cima do portão; C - O armazém guarnecido de paliçadas; D - O antigo armazém chamado quartel; E - O antigo alojamento do Sr. Beck; F - O antigo armazém; G - O novo caminho aberto para a praia a fim de transportar os viveres para cima do monte.

ANEXO D

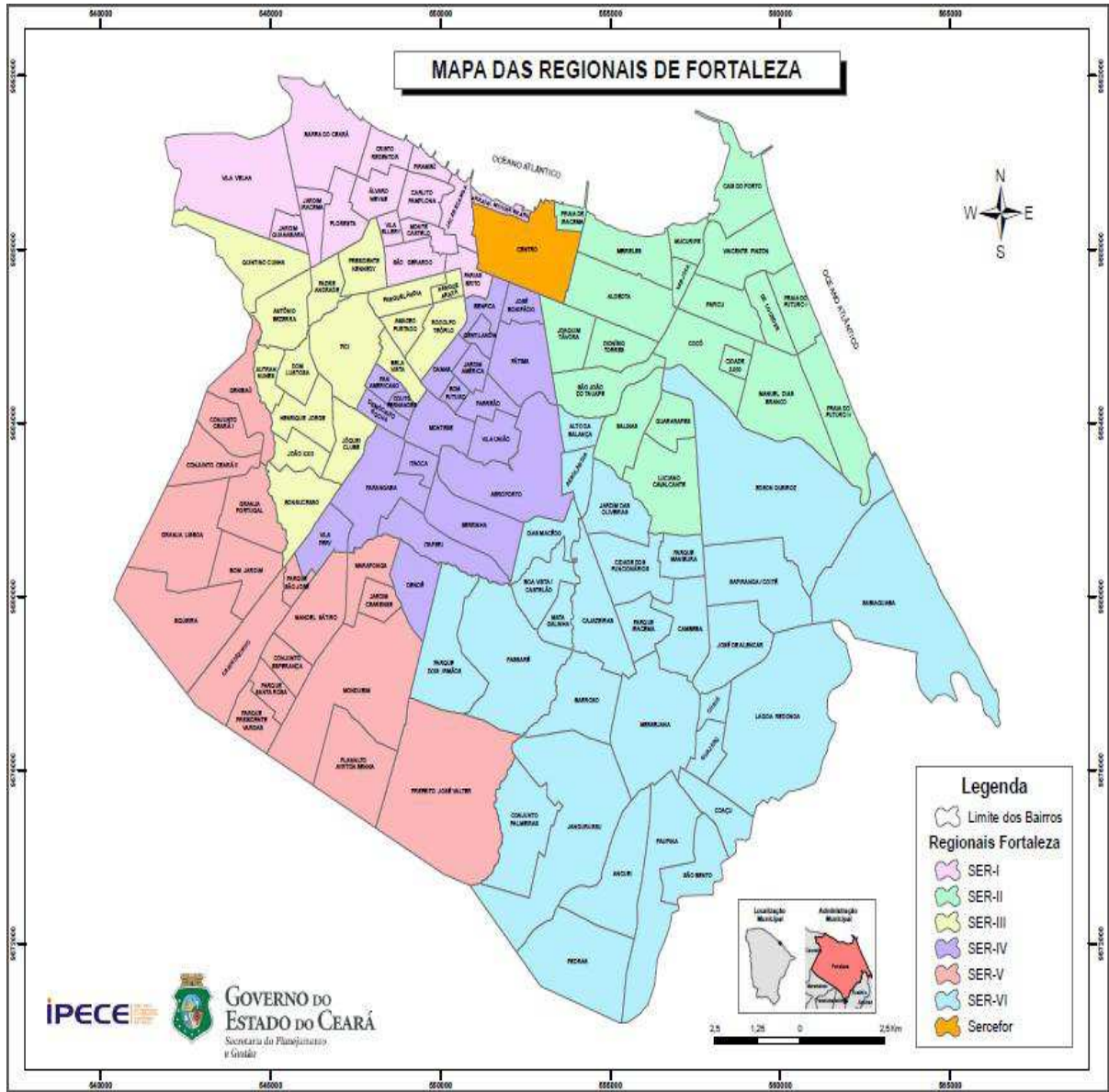
Mapa de Fortaleza de 1726



Fonte: PEDRO, Antônio; LIMA, Lizânias de Souza. **História sempre presente**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2010. p. 101.

ANEXO E

Mapa de Fortaleza com divisão dos bairros entre as seis regionais



Fonte: http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/pdf/Mapa_Regionais_Fortaleza.pdf

ANEXO G

**Classificação dos termos a partir da frequência de uso (com transcrição grafemática):
contexto de /v/ em início de palavra**

- Termos extremamente usuais (de 481-1000):	45 = vota / votá / voto / votô / vote / votação(zinha) / votado / votaria / votei / votava	7 = visto 7 = verdura(s) 7 = varedinha / vareda / varedazinha	2 = vacilo 2 = vacaria 1 = vum 1 = vulgarizando 1 = vocalica 1 = visual 1 = viso 1 = visitante 1 = visando 1 = virgindade 1 = virada 1 = viração / viraçãozinha
998 = vai	39 = vários / vários	6 = vento	1 = virado
694 = você(is) / vucê(is)	37 = viva / vivo	6 = ventilado	1 = viragem
489 = vo / vou	37 = violência / violência	6 = Vasco	1 = virado
- Termos muito usuais (de 151-480):	37 = vizinha(o)(s) / vizim	6 = vantagem	1 = virado
430 = veze(s) / veiz(e) / veizinha / vez	35 = vizinha(o)(s) / vizim	6 = vacinação / vacina	1 = virado
301 = vê / vê-los	30 = vestibulá	5 = voluntário	1 = virado
219 = vida	32 = venho / venha / venhamos	5 = voiz	1 = virado
151 = véa / velha(s)(inha) / véi / velho(s)(im)	29 = valô(res)	5 = virô	1 = virado
- Termos usuais (de 61-150):	29 = vié / vieram / viemo(s) / viesse	4 = vitoria	1 = virado
148 = volta / volto / volte / voltam / voltá / voltava / voltando / voltamo(s) / voltaram / voltado / voltarão / voltasse / voltei / voltô	27 = via / viam	4 = violenta(o)	1 = virado
134 = vendê / vende / vendeu / vendi / vendia / vendendo / vendido(a) / venda / vendem	25 = vergonha	4 = verdadeira	1 = virado
130 = vem	23 = viaja / viajá / viajando / viajei / viajava / viajo	4 = verdadeiro(a) / verdadeira	1 = virado
121 = vinte	22 = varro / varre / varrendo / varria / varrida	4 = verão	1 = virado
119 = vamo / vamos	21 = visita(s) / visitinha	4 = verão	1 = virado
111 = vive / veve / vevem / vivem / vivê / vivi / viveria / vivendo / vivía / vivido / vivemo	21 = vaga(s)	4 = velório	1 = virado
92 = vi / vir	- Termos pouquíssimo usuais (de 01-20):	4 = velocidade	1 = virado
104 = vão	20 = vale / valeu / valendo	4 = vela	1 = virado
86 = vinha / vinham	17 = violão	4 = vassôra	1 = virado
75 = vá	17 = vinho	4 = valente	1 = virado
71 = viu	17 = vício(s)	3 = visse	1 = virado
70 = veio	15 = vista	3 = vissem	1 = virado
69 = vejo / veja	14 = visão	3 = vimos	1 = virado
64 = vim	14 = visão	3 = vice-prefeito / vice- versa	1 = virado
- Termos pouco usuais (de 21-60):	14 = velox	3 = vermelho(a)	1 = virado
57 = verdade	13 = vestia / veste / vestir / vestindo / vesti	3 = valorizando / valorize	1 = virado
56 = avoh / avo	13 = valha / vala	2 = vumitando / vomitando	1 = virado
53 = vontade	12 = vídeo / vídeo-clipe	2 = Voltarem	1 = virado
52 = vendo	12 = vaca	2 = voa / voando	1 = virado
	11 = vixe	2 = viúva	1 = virado
	11 = viatura	2 = vitamina	1 = virado
	10 = vira / virá	2 = visitei / visitam	1 = virado
	10 = vindo	2 = vírus	1 = virado
	10 = vigia / vigiada / vigiano	2 = VIP	1 = virado
	10 = venceu / vence / vencido	2 = vigô	1 = virado
	9 = viagem	2 = vigilante	1 = virado
	9 = vereadô(ra)	2 = viciaram / vicia	1 = virado
	9 = vagabundo(a)	2 = vibrando / vibrá	1 = virado
	8 = volei / voleibol	2 = viável	1 = virado
	8 = vila	2 = verme	1 = virado
	8 = viciado(s)	2 = vencedô	1 = virado
	8 = verde / verde-limão	2 = veículo	1 = virado
		2 = vascaína	1 = virado
		2 = variante	1 = virado
		2 = varia / variando	1 = virado
		2 = vara(s)	1 = virado
		2 = valisa	1 = virado
		2 = vale-transporte	1 = virado
		2 = vagabundagem	1 = virado

ANEXO H

**Classificação dos termos a partir da frequência de uso (com transcrição grafemática):
contexto de /v/ intervocálico**

– <i>Termos extremamente usuais (de 301-520):</i>	36 = jovem(ns) / jovi(s) / joventinha	15 = noventa
515 = tava(m) / estava(m)	35 = horrível / horríve / horríveis	15 = maravilhoso(a)
– <i>Termos muito usuais (de 101-300):</i>	34 = talvez / talvez	15 = inventa / inventá / invento / inventei / inventaram / inventavam / inventava
245 = tive / tivé / tivesse / tiveram / tivéssemos / tiverem	31 = pegava(m)	15 = diversão
143 = conversa / conversando / converso / conversava / conversou / conversei / conversarem / converse	30 = servido / serviu / serve / servindo / servi(r) / sirvi / servia / servido	15 = chuva
131 = leva / levá / levando / levei / levo / levô / levava / levaram / levado / leve / levasse / levavam / levamo / levarem	30 = raiva	15 = chamava(m)
121 = teve	27 = achava(m)	14 = prova(s)
117 = novo(s) / novim (nho)	26 = deixava / dêxava	14 = favela(s)
112 = vive / vivê / vivia / vivem / viveria / vivido / vivi / vivendo / vivemo	25 = governo	14 = entrevista
110 = ficava(m)	23 = pensava(m)	14 = comprava
– <i>Termos usuais (de 61-100):</i>	23 = diverti(r) / divertindo / divertido(a)	14 = avó / avô / (s)
96 = devia / deve / devendo / devemos / devem / deveria / devo / deviam	23 = botava(m)	14 = avião
95 = dava(m)	23 = aniversário / anivesário	13 = inscreveu / inscreve / inscrevi
92 = gostava	22 = evangélico(a)(s)	13 = favo(s)
74 = trabalhava(m)	22 = carnaval	13 = estudava(m)
70 = lava / lavá / lavada / lavando / lavei / lavo / lavava	22 = andava	12 = mandava
67 = povo / povão	21 = levanta / levantá / alevantá / levanto / levantô / alevanto / alevantô / levantava / levantada	12 = dívida
65 = nova(s) / novinha	21 = envolve / envolvi / envolvo / envolvendo / envolvido(a) / envolveu	11 = revólver / revólve(s)
62 = morava(m)	– <i>Termos pouquíssimo usuais (de 01-20):</i>	11 = gravando / gravam / gravo / gravava
61 = serviço(s) / servicinho	20 = tevê	11 = devido
– <i>Termos pouco usuais (de 21-60):</i>	20 = houve	11 = devê (S)
58 = televisão(zinha)	19 = movimento	11 = cantava
58 = nove	19 = falava	11 = advogado
53 = chegava	19 = escreve / escrevê / escreveu / escrevo / escrevendo / escrevi / escrevia	10 = tratava(m)
43 = passava(m)	19 = convida / convidado / convidô / convidado / convidando	10 = observa / observá / observando / observei
41 = resolvi / resolve / resolvendo / resolvo / resolveu / resolveram / resolvia	19 = civil	10 = noivo(a)
41 = Ave Maria	18 = inclusive	10 = nervosa(o)
40 = ouvindo / ouvido / ouvi / ôvi / ouvir / ouviu / ouve / ouvia	17 = tomava(m)	10 = investi / investido
39 = novela	17 = grávida	10 = engravidô / engravidei / engravidá / engravidando
37 = viva(o)	16 = precisava	10 = dúvida / duvida / duvidamos
36 = pagava(m)	16 = móvel(is) / móve(s) / movezim	10 = convite
	16 = ganhava	10 = cerveja / cervejinha
	16 = aproveitou / aproveitando / aproveita / aproveitá / aproveitado / aproveitei / aproveitô	9 = usava
	15 = voltava	9 = universidade(s)
	15 = tirava(m)	9 = revolta / revoltei / revoltado(a)(s)
		9 = oitava
		9 = inverno
		9 = fumava
		9 = dezanove
		9 = cavalo
		9 = canivete
		9 = brincava(m)
		9 = avenida
		9 = ajudava(m)
		8 = promovido / promove / promovem
		8 = olhava(m)

8 = juventude	5 = evento(s)	3 = invocado / invoca	2 = louva
8 = fevereiro / fevêro	5 = esquentava	3 = indivíduo / indivíduo	2 = lembrava
8 = entrava	5 = encontrava	3 = greve	2 = incompreensivos / compreensiva
8 = devolve / devolvê / devolveu / devolvido / devolvia	/encontravam / encontrávamos	3 = faltava	2 = improviso
7 = rodoviária(o)	5 = divisão	3 = experimentava	2 = improvisa
7 = parava	5 = convive / conviveu / convivo	3 = esperava	2 = havaiana(s)
7 = ovo	5 = começava(m)	3 = escutava	2 = grave / gravíssimo
7 = movimentado(a) / movimenta / movimentando	5 = centavo	3 = escrava(os)	2 = gozava
7 = lavanderia / lavadeira	5 = apanhava	3 = entregava	2 = furava
7 = jogava	5 = acessível	3 = divide / dividi / dividiu / divido	2 = formava(m)
7 = impossível	4 = universitária(o)	3 = divertimento	2 = fechava
7 = divididozim / dividido	4 = terrível	3 = desvia / desviava / desviando	2 = fabricava
7 = dívida	4 = revistas	3 = demorava	2 = extensivo
7 = devagá / devagarzim(nho)	4 = relativo	3 = covardemente	2 = expectativa
7 = chorava	4 = rebolava	3 = convênio	2 = executivo
7 = brigava(m)	4 = providência	3 = contava	2 = evoluindo / evoluíram
7 = avisa / avisá / avisando	4 = prestava	3 = colocava	2 = evaporando
6 = tocava	4 = pesava	3 = avecê	2 = evangelismo
6 = responsável / irresponsável	4 = mudava	3 = através	2 = escravidão
6 = possível / possivelmente	4 = matava	3 = ativo(a)	2 = engomava
6 = novembro	4 = livro	3 = arrumava	2 = elevadíssimo
6 = invadir / invadiu / invadiram / invadindo	4 = ligava	3 = alvo	2 = dominava
6 = escova / escovão	4 = lavagem	3 = absolve / absolvendo	2 = desenvolvendo / desenvolvidos
6 = atravessando / atravessá / atravessaria / atravessava	4 = investimento	2 = viúva	2 = depressivos
6 = adorava	4 = inveja	2 = vice-versa	2 = deitava
6 = aceitava	4 = interventô	2 = viável	2 = custava
5 = vovô(ó)	4 = intervalo	2 = universal	2 = cuidava
5 = salvô / salva / salvá	4 = formidável(eis)	2 = trepava	2 = cozinha
5 = reveillon	4 = Ferroviário	2 = travestis	2 = cotovelo
5 = prevalece / prevaleceu	4 = ensinava	2 = terminava	2 = construtiva(s)
5 = nível	4 = dançava	2 = tentava	2 = confortável
5 = incrível	4 = convento	2 = televisivos	2 = comparativo
5 = incentiva(m) / incentivando / incentivo	4 = classificáveis	2 = teimava	2 = coletiva(o)
5 = imaginava	4 = chave	2 = supletivo	2 = civilizado(a)
5 = havê / havendo / havia	4 = cavava / cavei / cavando	2 = soltava	2 = caverna
5 = grávideiz	4 = cavalaria	2 = segurava	2 = cativô / cativa
5 = gravadô(ra)	4 = avançada	2 = rivalidade	2 = baixava
5 = frequentava	4 = árvores(s) / árvore	2 = revirado	2 = aviciado
5 = festival(is)	4 = amava	2 = retroativo	2 = assovi / assuvi
5 = evitá / evitando / evitado / evito	4 = almoçava	2 = retornava	2 = arranjava
	4 = acreditava	2 = renova / renovada	2 = animava
	3 = viajava	2 = reclamava	2 = alternativa(s)
	3 = universo	2 = puxava	2 = alívio
	3 = travada / travo	2 = pulava	2 = aguentava
	3 = supervisora	2 = provoca / provocá	2 = afastava
	3 = sobrevive / sobrevivido	2 = privatiza / privatizada	2 = acompanhava
	3 = saudável	2 = pré-vestibulá	2 = acabava
	3 = reservado	2 = preocupava	2 = abraçava
	3 = positivo	2 = polva (pólvura)	1 = trocava
	3 = pavô	2 = plantava	1 = trave
	3 = novena	2 = noivado	1 = transtornava
	3 = novecentos	2 = negava	1 = tentativa
	3 = negativo	2 = motivo	1 = suvaco
	3 = navi(o)(s)	2 = montava	1 = subdesenvolvidos
	3 = namorava	2 = miserável	1 = suave
	3 = live	2 = melhorava	1 = Soviética
		2 = maravilha	1 = sorvete

1 = service	1 = lamentável	1 = conservada
1 = servente	1 = judiava	1 = conscientizava
1 = sentava	1 = involuntariamente	1 = conjutivite
1 = sensível	1 = invasão	1 = confiava
1 = salvação	1 = interessava	1 = confessava
1 = roubava	1 = insuportável	1 = coletividade
1 = rivais	1 = indevida	1 = cobrava
1 = rezava	1 = inadmissível	1 = clareava
1 = revolução	1 = identificava	1 = civilização
1 = revisto	1 = guardava	1 = chuveiro
1 = reverência	1 = gravatim	1 = chutava
1 = revelação	1 = governe	1 = chove
1 = revê	1 = governantes	1 = chêro-verde
1 = retrovisô	1 = governado	1 = chamativo
1 = resvalô	1 = girava	1 = centroavante
1 = respeitava	1 = folgava	1 = carvão
1 = reservista	1 = fivelazona	1 = cansava
1 = reserva	1 = faturava	1 = calvário
1 = releva	1 = extrovertida	1 = brindava
1 = regravável	1 = explosivo	1 = beijava
1 = recuperava	1 = eveá	1 = bastava
1 = razoável	1 = estragava	1 = banhava
1 = rachava	1 = escovado	1 = bagunçava
1 = quebrava	1 = escorava	1 = avuso
1 = providenciaram	1 = enxergava	1 = avista
1 = provavelmente	1 = envenenado	1 = avexado
1 = protestava	1 = engrossavam	1 = avestruz
1 = privilégio	1 = engravatado	1 = aventura
1 = previsões	1 = engasgava	1 = avanço
1 = prevê	1 = enfrentava	1 = avaliada
1 = previni	1 = endividado	1 = atrapalhava
1 = prestativos	1 = embarcava	1 = atacava
1 = preservá	1 = elevando	1 = assustava
1 = preparava	1 = draive	1 = assombrava
1 = praticava	1 = divulgado	1 = assinava
1 = ponderava	1 = divirtam	1 = aquisitivo
1 = planejava	1 = divinamente	1 = apresentava
1 = pisava	1 = diversa	1 = aposentava
1 = pescava	1 = diverge	1 = aperreava
1 = perturbava	1 = devoção	1 = aniversariando
1 = perspectiva	1 = devedê	1 = amável
1 = perguntava	1 = desvalorizô	1 = amarrava
1 = pavão	1 = desinflamava	1 = alugava
1 = palavra	1 = descontava	1 = aliviá
1 = orava	1 = descarregava	1 = ajuntava
1 = objetivo	1 = desabava	1 = ajeitava
1 = novidade	1 = derrubava	1 = agressivo
1 = novato	1 = depravá	1 = agradava
1 = neve	1 = danava	1 = agrave
1 = neva	1 = criava	1 = adversário
1 = nervo	1 = criativo	1 = admirava
1 = monitorava	1 = criatividade	1 = acordava
1 = molhava	1 = covençe	1 = açoitava
1 = misturava	1 = costurava	1 = abreviada
1 = miserabilidade	1 = convivência	1 = abandonavam
1 = marcava	1 = convicção	1 = abalava
1 = maleável	1 = convenhamos	1 = abaixava
1 = malandrava	1 = continuava	
1 = lutava	1 = considerável	
1 = largava	1 = considerava	

